Abril

Editora ABRIL
edição 2946 - ano 58 - nº 22
30 de maio de 2025

veja

www.veja.com

EXCLUSIVO

"SÃO SUCESSIVOS ABUSOS"

Em entrevista a VEJA, Eduardo Bolsonaro faz críticas e acusações contra Alexandre de Moraes, diz que o ministro do STF pratica jogo de cartas marcadas para condenar seu pai à prisão e fala pela primeira vez de forma explícita em concorrer ao Palácio do Planalto em 2026

RENDA SUPERIOR À MÉDIA NACIONAL, ALTA FORMALIZAÇÃO E CARREIRA POR PROPÓSITO. CENSO DO CONFEA REVELA O PERFIL DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA TECNOLÓGICA.

Estudo inédito e histórico do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia entrevistou 48 mil profissionais registrados da área em todo o país.

"Quando falamos em impulsionar o desenvolvimento do Brasil, precisamos mapear como pensam os agentes responsáveis para tirar os projetos do papel. É a primeira vez que temos informações que nos permitem entender a dimensão dos desafios, quando falamos da atuação técnica e qualificada na área tecnológica brasileira. Qual caminho devemos seguir como Conselho Profissional e como podemos contribuir com a gestão pública? Esse foi o nosso objetivo com a pesquisa".

ENG. VINICIUS MARCHESE
PRESIDENTE DO CONFEA

Pesquisas recentes apontam para um cenário desafiador nos próximos anos no Brasil: falta de mão de obra especializada na área tecnológica. Entre as principais causas, há uma redução significativa no número de engenheiros formados, com impacto direto em setores, como infraestrutura, tecnologia e energia, além de uma baixa procura por esses cursos na graduação. A crescente demanda reflete um mercado de trabalho aquecido: 92% dos profissionais estão em exercício. Destes, 78% atuam em sua área de formação, segundo dados da recém-lançada pesquisa do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea), realizada pela Quaest.

Para entender a realidade dos cerca de 1,2 milhão de profissionais registrados em todo o país e traçar o perfil dos engenheiros, agrônomos e geocientistas brasileiros, o Conselho Federal apresenta os resultados da maior pesquisa quantitativa da história do Sistema Confea/Crea e Mútua. A preocupação com o futuro das profissões é amplamente debatida pelo presidente do Confea, engenheiro Vinicius Marchese, que destaca o ineditismo da iniciativa e como o resultado deve contribuir para ações mais direcionadas às demandas e necessidades da área tecnológica.

Felipe Nunes, CEO da Quaest, pontua que a pesquisa demonstra a força do mercado de engenharia no Brasil. "Além de satisfeitos, os engenheiros têm renda muito acima da média nacional, e se sentem vocacionados a contribuir para a construção de projetos de impacto para o país", disse.

A analista responsável pelo estudo, Graziele Silotto, gerente da área de Inteligência da Quaest, ressalta que a mensagem geral é que o mercado de trabalho da engenharia brasileira está passando por uma profunda transformação. "A categoria mostra sinais claros de renovação, com maior diversidade, bom posicionamento no mercado de trabalho e forte orgulho profissional. Os desafios estão na valorização da carreira e na necessidade de uma atuação institucional mais próxima e relevante para os profissionais", acrescenta.

92% dos profissionais estão empregados





59% dos profissionais dizem estar satisfeitos com o mercado por conta das muitas oportunidades de trabalho



80% dos profissionais recomendam suas carreiras às futuras gerações



95% dos profissionais consideram que seu trabalho contribui para fazer um país e uma sociedade melhores

PROFISSÃO COM PROPÓSITO

Diretamente ligados ao desenvolvimento dos municípios e à construção de um futuro mais igualitário e sustentável, os profissionais do Sistema Confea/Crea e Mútua são movidos por propósito e encaram suas atividades técnicas como uma verdadeira missão em prol da população. Quando perguntados sobre suas profissões, 95% dos entrevistados acreditam que sua atuação contribui para um Brasil e uma sociedade melhores, e 79% indicariam a carreira para as futuras gerações.

SOBRE A PESQUISA

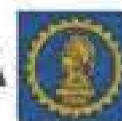
Foram entrevistados 48 mil profissionais registrados, das áreas de Engenharia, Agronomia e Geociências, com uma confiabilidade de 95% para a amostra geral. A coleta dos dados foi realizada em todos os estados brasileiros, entre 23 de setembro de 2024 e 2 de fevereiro de 2025.

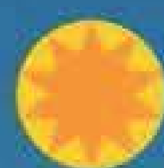
Saiba mais sobre a área tecnológica no Brasil



confea.org.br

 /confea_  /Confea  @Confea_

CONFEA Conselho Federal de Engenharia e Agronomia  CREA Conselhos Regionais de Engenharia e Agronomia  mútua Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea



o maior
INVESTIMENTO
EM CULTURA
da HISTÓRIA





TEATRO JOÃO CAETANO





TEATRO JOÃO CAETANO

O Rio de Janeiro sempre foi um palco de espetáculos inesquecíveis. **E agora, com o investimento de mais de R$ 1 bilhão, sendo R$ 100 milhões na reforma de teatros e museus, nossas estrelas voltam a brilhar.**

E vem mais por aí.





Theatro Municipal: R$ 11 milhões em obras.



Museu Antonio Parreiras: R$ 2,4 milhões investidos.



Teatro Armando Gonzaga: Acessibilidade e R$ 1,7 milhão em melhorias.

Estado do Rio de Janeiro

um GIGANTE da CULTURA



Acesse **cultura.rj.gov.br** e saiba mais sobre o maior investimento da história na cultura do estado.



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA. É TODO DIA E É DE TODOS

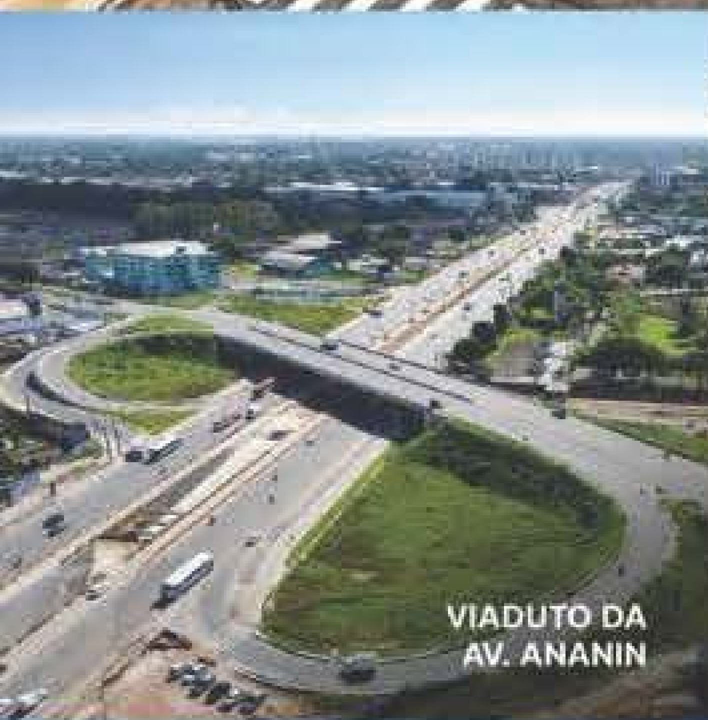


NOVO VIADUTO DA MÁRIO COVAS/ AV. TRÊS CORAÇÕES

TRÂNSITO MAIS LIVRE PARA A REGIÃO METROPOLITANA.

O Governo do Pará segue abrindo caminhos para uma mobilidade cada vez melhor. Com a inauguração do viaduto da Mário Covas interligando a Avenida Três Corações, o Governo do Pará está transformando a mobilidade urbana e melhorando a qualidade de vida da população que circula pela Região Metropolitana. Mais de 500 mil pessoas já podem contar com um trânsito mais ágil, com menos engarrafamento e mais tranquilidade para chegar em casa ou no trabalho. Com uma série de obras viárias que estão transformando o nosso estado, o Governo do Pará segue a passos firmes no caminho do futuro.




VIADUTO DA
AV. ANANIN



VIADUTO DA
ALÇA VIÁRIA


VIADUTO
DA BR-316 / AV.
INDEPENDÊNCIA


CONSTRUÇÃO
DO VIADUTO
DA MÁRIO COVAS /
AV. INDEPENDÊNCIA

4 NOVOS VIADUTOS ENTREGUES E MAIS 1 EM CONSTRUÇÃO

O PARÁ
NO CAMINHO
DO FUTURO

GOVERNO DO
PARÁ
POR TODO O PARÁ

/governopara

veja
ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui





LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

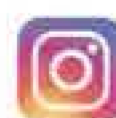
Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Anita de Lucena Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Sara Louise França Salbert, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: Av. Alcides Sangirardi, 301, Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05672-015

VEJA 2 946 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 22. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

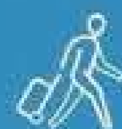
IVC | GoRead

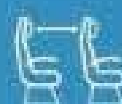
GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

Seus pontos Azul viram mais benefícios e experiências.

Quanto mais Azul, melhor.


Check-in e Embarque prioritário.


Espaço Azul Ilimitado.


Despacho de bagagens gratuito.


Promoções Exclusivas.

AFRICA CREATIVE/™



Cadastre-se grátis no nosso programa de fidelidade.

voeazul.com.br/fidelidade



Azul | Fidelidade

FLAVIO SANTANA



RAPHAEL LUZ/AG. PARÁ



VITRINE Helder Barbalho em evento de VEJA e as obras da COP30: grandes oportunidades e desafios para o país

A CAPITAL DO MUNDO

TEMPERATURAS EXTREMAS começam a se tornar o novo normal e catástrofes como enchentes e incêndios provocados por períodos prolongados de seca ocorrem em ritmo preocupante. Mudar a tempo esse cenário exige uma ação coordenada em âmbito mundial, algo que a ONU se propôs a fazer com a organização de uma reunião anual para a discussão de propostas e a confecção de uma agenda de ações, a chamada COP (Conferência das Partes, na sigla em inglês). O primeiro evento ocorreu em 1995, em Berlim, na Alemanha. Ali foram dados os primeiros passos para o processo de negociação de metas e prazos de redução de emissões de gases de efeito estufa para os países desenvolvidos. Desde então, o sentido de urgência de resoluções do tipo só fez aumentar.

Enquanto sede da 30ª edição da COP, a ser realizada em novembro na cidade de Belém, no Pará, o Brasil terá a oportunidade de mostrar ao mundo que pode ser um dos protagonistas nesse debate. Será a chance também de se posicionar como um dos líderes na rota necessária de progresso dentro de uma nova lógica, a de uma economia de baixo carbono. Um estudo publicado no começo deste ano pelo Net Zero Industrial Policy Lab, da Universidade Johns Hopkins, em Maryland, mostra que o país, ao lado de China, Estados Unidos e Rússia, é uma das nações com maior potencial para estar à frente desse processo. Além da abundância de recursos naturais, o Brasil tem uma boa base industrial e encontra-se em estágio avançado de desenvolvimento em áreas promissoras, como energia eólica e biocombustíveis, entre outras.

A despeito das vantagens, há uma série de desafios para o Brasil merecer o selo de "potência verde", a começar pelos cuidados com a preservação de riquezas como a Amazônia. Na COP30, mais do que nunca, aspectos positivos e negativos do país na área ambiental estarão na vitrine diante de grandes autoridades internacionais. "Por doze dias, Belém será a capital do mundo", afirmou Helder Barbalho, na segunda-feira 26, durante a abertura do fórum "COP30 — O que o Brasil deve entregar ao mundo em Belém", promovido por VEJA, no hotel Rosewood, em São Paulo. Depois do governador paraense, vieram ao palco para debater o tema executivos de grandes empresas, consultores e outros especialistas.

O evento faz parte de um grande investimento de VEJA relacionado ao assunto. Desde o mês passado, uma equipe de jornalistas vem percorrendo cidades e empresas com exemplos notáveis de sustentabilidade Brasil afora. A agenda inclui ainda dezoito videocasts de entrevistas com autoridades de áreas como meio ambiente. Ao fim, haverá uma cobertura especial em Belém com textos e vídeos para reportar os principais acontecimentos da conferência da ONU. É um esforço jornalístico compatível com a importância da COP30 e o seu significado para o futuro do planeta. ■

WMcCANN | JBS

Evoluir sempre é o que nos alimenta.
E você, o que te
alimenta?

A JBS produz alimentos deliciosos que chegam à mesa de milhões de famílias em todos os continentes. Já somos mais de 280 mil pessoas comprometidas com a produção de todos os tipos de proteína para alimentar uma população global que não para de crescer. Por isso, evoluir é o que continuará nos alimentando.





JBS
Alimentando o que alimenta o mundo

Friboi Seara Swift Maturatta Doriana Delícia Hans 1953 Incrível! Pilgrim's Primo Moy park

DM9

JHSF
SURPREENDENTE

A VISTA MAIS
IMPRESSIONANTE DA CIDADE



RESERVA
CIDADE JARDIM

IRREPLICÁVEL

SAIBA MAIS



VISTA DO RESERVA CIDADE JARDIM

LULA ESTÁ SEM RUMO

Segundo o economista e ex-chefe do Banco Central, o presidente não tem um projeto claro para o país e insiste em ignorar que o tempo para desarmar a bomba fiscal está acabando

MÁRCIO JULIBONI

QUANDO DECLAROU, para surpresa de muitos, que votaria em Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno da eleição presidencial de 2022, Arminio Fraga não esperava do petista nada de extraordinário na área econômica, caso derrotasse — como, de fato, derrotou — Jair Bolsonaro, então candidato à reeleição. Mas o que Lula entregou até agora no terceiro mandato está muito aquém da expectativa do ex-presidente do Banco Central. "O governo não tem um caminho para o país", diz. Recentemente, Fraga voltou ao noticiário ao propor que, por seis anos, o salário mínimo seja corrigido apenas pela inflação, sem ganhos reais. Seria um modo de reduzir a pressão fiscal, já que os dois maiores gastos do governo — as aposentadorias e o Benefício de Prestação Continuada — são atrelados ao mínimo. Isso geraria tempo para realização das reformas necessárias ao crescimento econômico. Segundo Fraga, ao ignorar os alertas de que a situação fiscal é grave, o presidente joga contra si mesmo. "Se Lula se reeleger, não poderá culpar os outros", disse em entrevista a VEJA. Confira os principais trechos.


DADO GALDIERI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

Como o senhor avalia o contingenciamento de 31 bilhões de reais anunciado pelo governo há alguns dias?
É um sintoma do desequilíbrio fiscal. Essa história já é conhecida. Diante do tamanho do desafio fiscal, é impossível não pensar que o governo não aborda os grandes temas que dariam uma certa paz econômica ao Brasil. Isso tem a ver também com o próprio Orçamento, que permite contingen-

ciamento. Espero que, algum dia, tenhamos um Orçamento que seja definitivo, porque, para quem é um gestor público, é importante ter certeza de quanto recurso terá à disposição. Talvez isso permitisse ainda o uso do chamado estabilizador automático. Quando a economia andasse num ritmo mais forte que o previsto, geraria um superávit primário maior. Quando mais fraco, um superávit menor.

O arcabouço fiscal fracassou? Até certo ponto, sim. Lá atrás, minha primeira reação foi de que o arcabouço era uma boa notícia, porque o governo estava encarando o problema. Eu entendo que a Fazenda tinha a intenção de entregar um bom resultado fiscal, mas não depende só dela. O arcabouço foi um bom ponto de partida, mas insuficiente. A questão fiscal está pegando fogo. Se Lula se reeleger, terá de lidar com a sua própria herança. Será difícil botar a culpa nos outros. O fato é que a situação já está difícil, e o ano que vem será de muita pressão de gastos, porque isso é típico de anos eleitorais. Além disso, pelo que já conseguimos ver, 2027 não será nada bom.

Ao mesmo tempo, o governo elevou o imposto sobre operações financeiras *(veja a reportagem na pág. 50)*. O vício de cobrir rombos com mais arrecadação continua? Foi uma decisão desastrosa. Mesmo que tenha sido parcialmente revista, ficará na memória. Mostra que o foco do ajuste segue no cansado aumento de receitas. Além disso, o IOF é um imposto meramente regulatório, de péssima qualidade. Pressiona os preços e os juros, com impacto social cruel. Sinalizou também controles de câmbio, algo que assusta. Tudo isso pegou mal para o ministro Fernando Haddad. Sem encarar o lado do gasto, o Brasil desperdiçará uma enorme chance de crescer mais. Há muito espaço na Previdência e nos gastos tributários.

“Não me arrependo de ter votado no Lula. Há certa decepção, já que não vejo um caminho para o país. Mas dar ao Bolsonaro um segundo mandato seria uma temeridade”

O senhor se arrepende de ter votado em Lula no segundo turno das eleições de 2022? Não me arrependo, apesar de uma certa decepção. Eu não votei no Lula porque achava que traria um paraíso econômico, mas esperava um pouco mais. O Lula 1 foi muito bom; o Lula 2 não foi tão bom, mas funcionou. Agora, eu vejo um governo que não apresenta um caminho para o país. Mas não me arrependo, porque dar um segundo mandato a Bolsonaro seria uma temeridade.

Por que a reforma administrativa seria uma parte importante do ajuste fiscal? Das grandes medidas para equilibrar as contas, essa reforma é a menos importante no curto prazo. No longo prazo, porém, sua importância é bem maior, porque destravaria o crescimento do país ao nos dar um Estado mais eficiente. Mas é preciso lembrar que há mais potencial de melhora fiscal nos estados e municípios do que no governo federal. Quem avalia o crescimento da dívida, sobretudo o da dívida da União, tende a pensar apenas no saldo primário federal. Mas a verdade é que, sempre que algum estado ou município tem um problema, a conta cai no colo de Brasília.

As privatizações são uma opção para enxugar o Estado brasileiro? Privatizar não quer dizer entregar um serviço público para alguém e lavar as mãos. Sou contra deixar setores regulados ao deus-dará. As agências reguladoras precisam ser efetivas. Mas o Estado tem que explorar todos os mecanismos de entrega de serviços que a população precisa, e decidir o que é mais eficaz, como as concessões e as parcerias público-privadas.

O senhor já disse que não venderia o Banco do Brasil. Por quê? Seria complicado vender para um banco estrangeiro. Parte do desafio é melhorar a governança. Isso é essencial. Se o Banco do Brasil ou a Caixa forem conduzidos com objetivos políticos mesquinhos, não dará certo. Talvez um caminho fosse transformar o banco em corporação, com uma governança blindada, profissional e técnica. A Lei das Estatais melhorou a governança. Não é à toa que, volta e meia, aparece alguém querendo acabar com ela, porque é claro que as estatais podem ser um brinquedinho nas mãos erradas de alguns políticos.

Privatizar a Petrobras e os Correios são opções? É o mesmo raciocínio. Privatizar significa delegar um serviço público a um agente privado. Não é lavar as mãos. A companhia não deve virar o brinquedinho de um empresário. Se pensarmos em privatização no sentido mais amplo do termo, que inclui concessões, parcerias e corporações, deveríamos considerá-la de maneira entusiasmada.

O Orçamento engessado da União também pesa no déficit. Como resolver a questão? Discutir a forma como

se monta o Orçamento seria muito saudável, porque, no fundo, estamos falando que os responsáveis por ele deveriam fazer contas, definir prioridades e tomar decisões. O atual modelo é esquizofrênico. Tudo é negociado no varejo. Não pode mexer nessa área, não pode tirar recurso daquela. Aí, dá no que vemos hoje: o Banco Central fica sozinho e, para segurar a inflação, coloca os juros nesse patamar. É um tirando a água do convés de um lado e o outro jogando água para dentro do barco.

Corrigir o salário mínimo apenas pela inflação aliviaria os gastos com a Previdência Social. Não seria melhor desvincular essas despesas definitivamente? No mundo ideal, deveríamos fazer as contas e mostrar à população quanto isso custa. Estamos falando de quanto dos ganhos de produtividade, que têm sido muito modestos no Brasil, deveria ser compartilhado com os aposentados *versus* outras demandas no Orçamento.

Sem uma reforma estrutural da Previdência, o congelamento do mínimo não seria só um paliativo? Há muitos anos defendo um sistema híbrido composto por Previdência pública e previdência complementar. Já temos isso, mas, como o Brasil é muito desigual, a maioria das pessoas não consegue poupar e fica apenas com o sistema público. Na próxima reforma — e terá de haver uma em breve —, esses temas devem ser abordados. Congelar os ganhos reais do salário mínimo por seis anos nos daria o tempo necessário para repensar o sistema.

O senhor defende a revisão dos incentivos fiscais. Por quê? Eu enxergo a revisão como uma colossal oportunidade para o Brasil, mas exigirá visão de longo prazo e coragem. Sem isso, não adianta ficar esperando por um milagre. Não adianta dizer que os juros vão cair. Não vão. Hoje o governo paga mais do que 7% acima da inflação em uma dívida de trinta anos. Esse é um sintoma grave desse paciente chamado Brasil. O país está na UTI. Não dá mais. Não acho, contudo, que seja um paciente terminal.

Os setores beneficiados alegam que o custo Brasil é alto e eliminar os incentivos reduziria sua competitividade. Como convencê-los de que isso é necessário? Primeiro, a situação atual é péssima, porque gera um crescimento medíocre. Reduzir os gastos tributários ajudaria a reduzir a taxa de juros e liberaria recursos para investimentos públicos e privados. Não estamos falando de instalar um alto grau de progressividade tributária, mas de reduzir a regressividade. Tem protecionismo, tem subsídio do BNDES, tem subsídio tributário, desoneração. Rever isso é uma questão de natureza moral. As políticas públicas do Brasil focam no combate da extrema pobreza e têm tido sucesso, mas é preciso ir além.

“O governo paga mais do que 7% acima da inflação em uma dívida de trinta anos. Esse é um sintoma grave desse paciente chamado Brasil. O país está na UTI, mas não é um paciente terminal”

Como o senhor avalia a atuação de Gabriel Galípolo como presidente do Banco Central? Minha impressão do Galípolo é muito boa. Ele já entrou jogando. Mas o cenário atual é muito difícil, porque a política monetária carrega muito mais peso do que deveria se o resultado fiscal ajudasse. Galípolo faz o possível e está correspondendo às expectativas de atuar com independência. Mesmo a distância, eu acreditava que ele teria várias razões para seguir essa linha. Primeiro, é a mais recomendada tecnicamente. Depois, se ele agisse de modo exótico, o mercado já teria explodido na sua cara. E, se ele não agisse de modo independente e a inflação subisse, seria muito danoso politicamente para o próprio Lula.

Em uma conversa recente com Galípolo, o senhor disse a ele para usar seu capital político com sabedoria. Onde ele deveria gastá-lo? O capital político de um presidente de Banco Central não é, necessariamente, pequeno, mas é finito. Acho que ele tem aplicado bem o seu. Tem feito o dever de casa no Copom e tem trabalhado nos espaços onde algumas reformas são possíveis, como o custo do crédito. Imagino que internamente ele defenda a responsabilidade fiscal.

O senhor já disse que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é sinônimo de turbulências. Quanto o Brasil está preparado para este segundo mandato? Não temos opção, a não ser enfrentar quatro anos de turbulência global com Trump. Mas o Brasil reage bem às crises internacionais. Creio que não será diferente desta vez. O que me preocupa é para onde o mundo caminha. Vivemos um momento de transição, de novas hegemonias e de tensões geopolíticas enormes. O Brasil é um país ocidental e não pode abrir mão disso. Então, terá de navegar com habilidade por essa situação. ■


itaú
vivo
ANCELOTTI
26



BUDA MENDES/GETTY IMAGES

ESPERANÇA DE RECONCILIAÇÃO

A HISTÓRIA é pouco conhecida — e, por isso mesmo, interessante. Em 1975, o jovem futebolista italiano **Carlo Ancelotti,** então com 16 anos, operou quase um milagre. Usou o seu nascente talento de meio-campista para ajudar a equipe do cineasta Bernardo Bertolucci, que filmava na época *1900*, a vencer o time de Pier Paolo Pasolini, à frente do ousado *Saló, ou os 120 Dias de Sodoma*, em um amistoso na cidade de Parma. Os cineastas eram amigos, mas estavam sem se falar havia muito tempo em razão de discordâncias políticas. A festa foi tão boa que selou a volta da boa relação entre os dois gigantes do cinema italiano. O que se espera do agora técnico da seleção brasileira é um movimento semelhante de reconciliação da torcida com um de seus patrimônios mais celebrados, a camisa canarinho. O desafio será enorme: liderar o projeto do sonhado hexacampeonato, enquanto navega pelo imbróglio político da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Contratado por Ednaldo Rodrigues, de saída da presidência, e recebido por **Samir Xaud,** recém-eleito, o treinador recebeu o carinho dos torcedores ao desembarcar no Rio de Janeiro. Fez a primeira convocação na segunda-feira 26, sem inventar moda. O primeiro jogo da era Ancelotti será em 5 de junho, contra o Equador, em Guayaquil, pelas Eliminatórias da Copa. A chegada do italiano veio cercada de campanha de marketing com slogans na linha de "o técnico mais vitorioso do mundo no comando da seleção mais vitoriosa do mundo". A frase é boa e até difícil de contestar, mas o que vai valer mesmo é quando a bola começar a rolar. ■

Lucas Mathias

VERSATILIDADE VIKING

Astro da série *Diários de um Robô-Assassino*, da Apple TV+, o ator de 48 anos fala sobre seus personagens complexos e de como é integrar o clã de atores suecos mais popular de Hollywood

Sua carreira é bem diversa: ficou famoso interpretando um vampiro em *True Blood*, fez um marido abusivo em *Big Little Lies*, um viking em *O Homem do Norte*. Em comum, são personagens durões e complexos. Sente-se atraído por esse tipo? Sim. Eles tinham uma complexidade e isso me empolga. Se fico animado com algo, parece que não preciso me esforçar tanto. Claro que interpretar um papel como o de Amleth em *O Homem do Norte* foi desafiador, mas entrar em um personagem simples, que não tem camadas, causa um desgaste e me faz trabalhar o dobro.

Como assim? Se o personagem é bem escrito e, como mencionou, complexo, ele pode inicialmente parecer uma coisa só, mas, ao conhecê-lo melhor, a gente pensa: "Caramba, esse cara é muito diferente do que eu pensava". Mostrar aos poucos as camadas de alguém me deixa criativamente inspirado e animado. Isso facilita o meu trabalho.

Na série *Diários de um Robô-Assassino*, seu papel é bem peculiar: um androide submisso que consegue se libertar e adquire a capacidade de matar humanos, mas não é isso o que ele quer. O que o atraiu nessa trama? Esse personagem é muito atraente e intrigante. Quando li os livros que inspiram a série *(da autora Martha Wells)*, me surpreendi. É sobre um androide que conquista autonomia e descobre sua própria humanidade. Eu sabia que era uma história de ação e aventura de ficção científica, então imaginei um herói estereotipado, mas ele é um ser socialmente desajeitado, que adora novelas e procrastinação. É tão único e diferente.

Se identifica de alguma forma com esse robô? Olha, não costumo ver novelas, mas eu definitivamente me identifico com a procrastinação. Sei como é ter grandes planos e ambições, mas ser acometido pelo pensamento: "Faço isso amanhã. Vou assistir a um filme ou a mais um episódio dessa série".



GALÃ
Skarsgård: "Tenho sorte de fazer parte de uma família amorosa"

GISELA SCHOBER/GETTY IMAGES

Na briga entre inteligência artificial e humanos, de que lado fica a sua torcida? Eu ainda torço pelos humanos. Acho que somos maravilhosamente complexos, estranhos e previsíveis. Deveríamos tentar ficar por aqui um pouco mais, ainda não está na hora de deixar os robôs assumirem o controle.

Curte ficção científica? Eu cresci nos anos 1980 e, quando era criança, só se falava em *Star Wars*. Temos curiosidade sobre a Terra, mas também pensamos no que existe atrás da Lua, do Sol, em outras galáxias. É emocionante imaginar o que acontece lá fora.

O senhor é o primeiro de oito filhos do ator Stellan Skarsgård e tem irmãos que seguiram o ofício, como Bill e Gustaf. Como é fazer parte da família sueca que conquistou Hollywood? Me sinto sortudo por fazer parte de uma família grande, generosa e amorosa, e é emocionante ver meu pai e meus irmãos no meio. Acho bastante útil poder conversar com eles sobre trabalho. Eles entendem como é estar em pré-produção, como é um set e como esse ofício pode ser solitário.

Há dois anos se mudou dos Estados Unidos de volta para a Suécia. Por quê? Eu passei vinte anos fora e minha família estava em Estocolmo. Por causa do trabalho não conseguia voltar para casa com frequência. Senti que queria ficar mais perto deles e percebi que era o momento certo de voltar para casa. ■

Kelly Miyashiro

CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Com rigor fiscal e gestão eficiente, Nova Lima (MG) se consolida como berço de oportunidades e referência nacional em gestão sustentável



Vila da Serra, Nova Lima (MG). Lucas Mendes/Reprodução

Em 1698, o sertanista Domingos Rodrigues da Fonseca Leme chegou a uma área das Minas Gerais que parecia promissora para a mineração de ouro. De fato, o local se mostrou produtivo para a mineração. Rapidamente surgiu uma capela, dedicada a Nossa Senhora do Pilar e, na sequência, engenhos e concessões. A região deu origem ao município de Nova Lima, batizado em homenagem ao jornalista, poeta, jurista, professor e político Antônio Augusto de Lima.

No município, localizado a apenas 22 km de Belo Horizonte, a mineração de ouro e minério de ferro por quase três séculos foi o ponto alto da economia local. Até que, nos últimos anos, o município de 111 mil habitantes entrou em um processo de transformação. Antes dependente dos royalties da mineração e conhecido pelo estigma de ser um reduto de condomínios de luxo e alta renda per capita, passou a se afirmar como exemplo de governança, inovação e gestão estratégica de recursos públicos.

Este processo é conduzido por uma gestão séria, pautada em rigor fiscal e eficiência. A prioridade é transformar a arrecadação em qualidade de vida para a população, garantindo que cada real investido gere retorno direto para os moradores. Com estes investimentos, Nova Lima ocupa o primeiro lugar no ranking de IDH entre as 853 cidades de Minas Gerais, com índice de 0,813, além de aparecer em 17º lugar no ranking nacional de IDH.

Estes fatores levaram a Rede Mater Dei de Saúde, que surgiu em 1980 e mantinha três hospitais na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a instalar, em 2024, um novo centro de atendimento, desta vez em Nova Lima, com 120 leitos e cerca de 500 colaboradores. "O hospital tem alcançado um desempenho surpreendente. Muitos médicos já moravam na cidade e ficaram satisfeitos de contar com este espaço, assim como as operadoras de saúde apresentam uma expectativa positiva em relação à região", relata o CEO, José Henrique Salvador. "O poder público nos apoiou desde o começo, de forma muito profissional".

DIVERSIFICAÇÃO

A gestão trabalha com austeridade, foco em resultados, investimentos direcionados e compromisso pelos pilares que norteiam o plano de governo: cuidado, oportunidades, governança, mobilidade, infraestrutura e sustentabilidade. Os resultados são visíveis em áreas cruciais como saúde, segurança, educação e infraestrutura.

E também no fato de que 45% da arrecadação já é oriunda de Imposto Sobre Serviços (ISS) e Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS), o que evidencia o sucesso na atração de novos negócios e na criação de um ambiente favorável ao empreendedorismo.

No Ranking de Competitividade dos Municípios de 2024, realizado pelo Centro de Liderança Política (CLP), a cidade é destaque entre as melhores do Brasil: é a terceira em inserção econômica, a quarta em maiores notas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a sétima em sustentabilidade fiscal e a 20ª em competitividade. Em geral, Nova Lima ficou em 20º lugar – um avanço importante de 28 colocações, entre um estudo e outro -, e 13º lugar da Região Sudeste.

SEBASTIÃO SALGADO



DIGNIDADE Os garimpeiros de Serra Pelada e a fome na Etiópia *(à dir.)*: "Por que o mundo pobre deveria ser mais feio que o mundo rico? A luz aqui é a mesma de lá"

OS CONTRASTES DO MUNDO

As lentes de **Sebastião Salgado** ensinaram a civilização a enxergar as belezas e os horrores de nosso tempo, em contraste iluminado quase sempre por imagens em preto e branco. Não se tratava de recurso dramático, como se a ausência de cores fosse um truque para emocionar. A escolha era um manifesto. "A cor, para mim, era um momento de grande desconcentração quando ia fotografar. As pessoas têm uma ligação muito mais forte com o preto e branco do que com a cor." O trabalho do mineiro de Aimorés, radicado em Paris havia mais de quarenta anos, ecoará ainda por muito tempo. Tem a dimensão do de monstros sagrados como W. Eugene Smith e Henri Cartier-Bresson. Pode ser comparado à obra dos muralistas mexicanos da primeira metade do século XX, como Alfaro Siqueiros e Diego Rivera, registro da miséria e heroísmo de seu povo.

Em viagens para 120 países, Salgado registrou o mundo natural e a condição humana. Tinha especial apreço por revelar o cotidiano amargo de regiões empobrecidas e vulneráveis. Podiam ser os garimpeiros de Serra Pelada, os refugiados assolados pela fome na Etiópia, os funcionários dos campos de petróleo do Kuwait em chamas. Em seus registros amazônicos, compôs um painel indizível, com raios de luz celestiais a emoldurar a imensidão da floresta e dos rios, em painéis colossais e emocionantes que pediam silêncio para serem observados. Seus registros, não por acaso, e com razão, recebiam títulos grandiosos como *Gênesis*, *Êxodos* e *Terra*.

Muitas vezes foi criticado por encobrir as catástrofes ambientais e o sofrimento humano com uma estética visualmente deslumbrante, ao transformar a dor em fé bondosa. Ele respondia com a inteligência dos grandes pensadores, avesso a qualquer tipo de exploração do drama alheio: "Por que o mundo pobre deveria ser mais feio que o mundo rico? A luz aqui é a mesma de lá. A dignidade aqui é a mesma que lá". Salgado gostava mesmo é de gente. "Minha fotografia é militante", dizia. Antes de focar a natureza, com grande-angulares, fazia fotos de pessoas bem de perto, olho no olho; quase nunca usava teleobjetivas. Passava dias sem um clique, até que as comunidades que visitava se acostumassem à presença da-


SEBASTIÃO SALGADO


MARIO TAMA/GETTY IMAGES

NATUREZA Salgado à frente de um registro da Amazônia: defesa da Terra

quele homem de feições nórdicas, falante e simpático, quase sempre com três câmeras penduradas no pescoço — no início, analógicas, como as Leica, e depois digitais. "Na realidade, não é o fotógrafo que faz o retrato, é a pessoa em frente à câmera que oferece o retrato para você", disse certa vez a VEJA.

Ele morreu no dia 23 de maio, aos 81 anos, em Paris, de leucemia. Enfrentava problemas decorrentes de uma malária contraída nos anos 1990. "É uma pena vivermos apenas 80 ou 90 anos no máximo. Se pudéssemos viver mil anos, seríamos capazes de entender nosso planeta mil vezes melhor e viver de outra forma", disse. Sorte nossa as fotos de Salgado poderem sobreviver mil anos. ■



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

“O senhor gostaria que eu fosse uma mulher submissa, eu não sou.”

MARINA SILVA, ministra do Meio Ambiente, ao rebater os comentários do presidente da Comissão de Serviços de Infraestrutura do Senado Federal, Marcos Rogério (PL-RO), sugerindo que ela “se colocasse em seu lugar” em um momento de debate acalorado. Discutia-se a criação de unidades de preservação marinha na costa amazônica. Ofendida, Marina se retirou do recinto

“O Brasil não precisa de mais imposto. Precisa de menos desperdício.”

HUGO MOTTA, presidente da Câmara dos Deputados, em mensagem a Fernando Haddad, ministro da Fazenda *(leia mais na pág. 50)*

“Ele *(Trump)* começou a olhar um mapa no meu gabinete e, ao ver o lado esquerdo, perguntou: ‘O que é isso?’. Eu respondi: ‘É o Chile’. E ele disse: ‘Você deveria conquistar o Chile para ter dois oceanos’.”

MAURICIO MACRI, ex-presidente da Argentina, ao revelar conversa com o presidente americano, em 2018, durante seu primeiro mandato na Casa Branca

“Ao PT e às esquerdas resta a tarefa histórica de concluir a revolução social brasileira inacabada.”

ZÉ DIRCEU, em carta aberta à militância do partido, ao defender a candidatura de Edinho Silva à presidência da sigla

“Guimarães Rosa foi uma influência em minha vida.”

MIA COUTO, escritor moçambicano

“É machismo. Eles não aceitam.”

RICHARLYSON, ex-jogador de futebol e comentarista da Globo, assumidamente bissexual, relatando as dificuldades em ser considerado ótimo profissional dadas suas escolhas pessoais

“Por trás desse filtro glorioso vive um rapaz de infância difícil por ser um gay afeminado.”

GLORIA GROOVE, drag queen e cantora

"Prejudicar a população civil dessa forma, como tem acontecido cada vez mais nos últimos dias, não pode mais ser justificado como uma luta contra o terrorismo do Hamas."

FRIEDRICH MERZ, chanceler da Alemanha, condenando a postura agressiva do governo de Israel

"De volta à rotina de passar 24 horas por dia, sete dias por semana no trabalho e dormir em salas de conferência e fábricas."

ELON MUSK, depois de ser criticado por uma série de falhas no X, pouco antes de anunciar sua retirada das funções administrativas do governo de Donald Trump

"A gente leva pancada e recua."

ISABEL FILLARDIS, atriz

"É fundamental que eles saibam que não somos melhores que ninguém."

ANTONELA ROCUZZO, mulher de Messi, com quem tem três filhos, em raríssima entrevista

"Imito o canto dos pássaros quando os ouço na floresta, só para ver se eles me respondem. Faço *muu* para as vacas e *béé* para as ovelhas."

DAVID BYRNE, músico, autor de um livro, *Ela*, sobre a paixão não correspondida de um professor por uma estranha espécie de réptil



INSTAGRAM @TVGLOBO

"Nas redes, tá cheio de especialistas, como diz Odete, sem preparo nenhum. Todo mundo virou crítico como se tivesse dizendo uma grande verdade sem ter lido um livro."

DEBORA BLOCH, a Odete Roitman da segunda versão da novela *Vale Tudo*, mandando muito bem



FERNANDO SCHÜLER

O PAÍS DO MEDO

"É UM GOLPISTA", diz, em síntese, a acusação contra o jurista Ives Gandra Martins. Na bizarrice em que se transformou o país, até isto é possível. Seu crime: uma interpretação da Constituição. Há coisa de trinta anos, Gandra, hoje com 90, acha que a Constituição dá às Forças Armadas um papel moderador em momentos de crise. Discordo dessa visão, o que é irrelevante aqui. Qualquer um pode interpretar as leis ou o texto bíblico do jeito que quiser. O que se deve é cumprir as leis. Concordar é outra história. Diria que boa parte do edifício republicano se encontra nesta distinção. Você assina o contrato político, defende sua visão, ganha ou perde e respeita a lei. O que não envolve nenhuma operação no seu cérebro, ajustando as suas ideias. Alguém pode votar, porque o voto é obrigatório, mas argumentar que aquilo é um absurdo. Que deveria ser opcional. E pode viver bem em uma república defendendo que deveríamos voltar à monarquia. E por aí vai. É duro ter que escrever coisas perfeitamente óbvias em qualquer democracia. Mas é o Brasil de hoje.



XAVIER LORENZO/MOMENT/GETTY IMAGES

TEMOR O recado, hoje: cuidado com o que pensa e diz

O caso de Gandra Martins é apenas uma pequena ponta do iceberg. Os casos mais complicados são "sistêmicos". Dizem respeito a garantias e princípios tradicionais de nossa democracia. Cito dois deles, devidamente dinamitados nestes tempos tristes. Um deles é a imunidade parlamentar. Um deputado, Nikolas Ferreira, foi multado em 200 000 reais por usar peruca amarela na tribuna da Câmara. Outro, Marcel van Hattem, foi acionado por fazer uma denúncia contra um agente público, por abuso de autoridade. É evidente que os dois desagradaram a muita gente. E aqui vai a grande novidade: é exatamente para isso que existe a imunidade. Para que um parlamentar possa desagradar, errar nas palavras, no tom ou na sátira. E depois ser julgado pelos eleitores. Outro princípio que estamos jogando pela janela diz algo muito simples: não cabe ao Poder Executivo funcionar como censor. Não importam as intenções. O roteiro é conhecido: começa com a urgência de proteger crianças e mulheres. Mas logo surge o rabicho: salvar a democracia, tirar do ar um documentário, punir o jornalista ou deputado que chamou o presidente disso ou daquilo. O Executivo é um poder político, expressa a visão de uma parte da sociedade. Perfeitamente legítimo para governar. Nunca para arbitrar sobre liberdades e direitos individuais. Foi por isso que o Congresso pôs no Marco Civil da Internet a exigência de decisão judicial para responsabilizar redes sociais por este ou aquele conteúdo. Nesta última semana, vimos a AGU ir ao STF demandar exatamente o fim deste princípio. Isso às vésperas de um ano eleitoral. Seria inaceitável a um simpatizante de Lula que um governo de "direita" fizesse isso; assim como é inaceitável a um simpatizante da direita que um governo Lula faça a mesma coisa. A sociedade é diversa, e isto é bom. Mas é preciso um pouco de inteligência para manter este edifício complicado de pé.

Minha tese sobre tudo isso: de um país esperançoso com a liberdade, que dez anos atrás definia o fim da censura em biografias, nos tornamos um país ranzinza. País de um autoritarismo difuso, não apenas no plano do Estado, do STF, da elite política. Mas na base da sociedade. Em um dia, vemos um grupo de advogados governistas querendo processar a deputada Bia Kicis por um discurso crítico ao STF; em outro, um grupo de estudantes de "direita" expulsos a socos e pontapés do campus de sua própria universidade, a UFF. A universidade é de todos, paga por contribuintes de todas as cores políticas. Mas o espaço institucional é capturado. Obedece à monocultura ideológica. Ela é a tradução tão brasileira do "você sabe com quem está falando?", descrita pelo mestre Roberto DaMatta.

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

O topo do ranking da esquisitice nacional veio do Sul. A condenação da jornalista Rosane de Oliveira a multa de 600 000 reais por divulgar os valores recebidos por um grupo de juízes no Rio Grande do Sul. Rosane é uma jornalista com mais de quarenta anos de profissão, divulgou dados corretos e que constavam nas páginas oficiais do Judiciário. A acusação é de que ela teria falado a verdade, mas de um jeito "sarcástico". Então estamos combinados: o Estado irá agora regular o tom usado pelo jornalismo. Imagino mesmo uma nova carreira: "analistas de tom". O jornalista faz a reportagem e manda para a central de regulação. Quem sabe uma máquina de IA cheque se está o.k., se não tem sarcasmo, se não tem politicamente incorreto, se ninguém importante é ofendido. Ou se a coisa toda não está "descontextualizada". Parece brincadeira. Não é. É o Brasil de hoje. Tudo com nossa proverbial seletividade. Na campanha eleitoral, matérias com informações reais foram censuradas pelo Estado, pois geravam "desordem informacional". Um filme foi censurado por uma ministra, que um dia disse "cala boca já morreu", sem nem mesmo conhecer seu conteúdo. E ainda agora o governo mandou censurar um documentário sobre Maria da Penha por "distorcer" fatos, segundo a visão do próprio governo. Então sejamos claros: não se trata de um fato isolado. Nós nos tornamos um país algo doentio. É constrangedor, aos 37 anos da Constituição de 1988.

Há quem diga que tudo isso não passa de um amontoado de mesquinharias. Ou, como escutei de uma figura do poder em Brasília, tudo não passa de acidentes de percurso em uma democracia. Discordo. Há uma lógica elementar. Se aqueles estudantes de "direita" não podem se manifestar em uma universidade pública, porque levarão pancadas, então o recado está dado: quem pensar diferente que fique bem calado; se um jurista não pode dar a sua visão sobre a Constituição, pois pode levar um processo, o recado está dado: você, que não tem 90 anos e nem é consagrado, não se meta a besta de pensar com a própria cabeça; se um parlamentar não pode fazer uma crítica ou denúncia que acha que deva fazer no Congresso, está dado o recado: "deputados, tomem cuidado, escolham as palavras", pois a imunidade não é para "quaisquer palavras", como está dito na Constituição. E, finalmente, se uma jornalista foi multada por divulgar uma informação pública, e inconveniente para o poder, e é multada em 600 000 reais, o recado está mais do que dado: o melhor é andar na linha, sob pena de acabar sem conta bancária, com passaporte retido ou coisa pior, como tantos por aí.

"Não cabe ao Poder Executivo funcionar como censor"

O resultado disso tudo é claro: nós nos tornamos o país do medo. Não sei se esse era o plano de muita gente. Mas funcionou. Uma boa democracia depende em muitos sentidos do que os gregos chamavam de parrésia: a disposição de falar com franqueza, de peito aberto, mesmo que isso desagrade. Isso no jornalismo, nas universidades, no Parlamento e na arena digital. Alguma chance de mudarmos de rumo? Não sei. A tolerância é um tipo de cultura que se constrói ao longo de muito tempo, mas que pode se perder muito rapidamente. É esse, no fundo, o dilema brasileiro. Não penso que aqueles que detêm o poder, que sentiram o seu gosto, terão alguma disposição para a renúncia. De modo que estamos com um problema, diria, bastante difícil de resolver. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

EDUARDO PAES
Levantamento do instituto Paraná Pesquisas mostrou que o prefeito, com 57% das intenções de voto, é o franco favorito a vencer a eleição para o governo do Rio de Janeiro em 2026.

LILO & STITCH
A live-action da animação de 2002 superou o último *Missão: Impossível*, de Tom Cruise, e bateu recordes de bilheteria em sua estreia aqui e lá fora.

HUGO CALDERANO
O mesa-tenista brasileiro, que foi medalha de prata no Mundial em Doha, tornou-se o primeiro atleta da categoria fora da Ásia e da Europa a ir à final do torneio.

DESCE

ELON MUSK
O multimilionário, que acabou de deixar o governo Trump, teve problemas com a SpaceX. A empresa amargou novo fracasso ao lançar o foguete Starship.

MOTOTÁXI
Em capítulo mais recente de uma guerra jurídica com a prefeitura em São Paulo, as empresas do ramo foram obrigadas pela Justiça a interromper o serviço após a morte de uma passageira.

AUGUSTO MELO
O dirigente foi afastado da presidência do Corinthians após ter sido indiciado pela polícia por lavagem de dinheiro, associação criminosa e furto qualificado.


FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

FRAUDE Lupi: documentos indicam que pode ter havido omissão no caso do INSS

Sem explicação
Documentos do Dataprev, a empresa de tecnologia da Previdência, revelam um ponto cego no escândalo do INSS. Em setembro de 2024, o órgão entregou à pasta de **Carlos Lupi** um sistema de cadastro de aposentados que acabaria com a farra dos sindicatos. Não se sabe até hoje por que ele não usou a ferramenta que poderia interromper o esquema de roubo.

Chance perdida
Em 2024, as fraudes no INSS chegaram a 2,6 bilhões de reais, o ano mais lucrativo do golpe. Boa parte do faturamento se deu já com o sistema do Dataprev disponível — e ignorado.

Arquivo secreto
Sigilosos, os arquivos do Dataprev têm os nomes de quem deveria ter agido a favor dos aposentados, mas atuou para beneficiar os sindicatos no esquema.

Caso encerrado
Foram encerradas recentemente três investigações que apuravam se bloqueios de estradas (em SP, PE e RN) ocorridos após a vitória de Lula em 2022 teriam ligações com os ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023. O MPF não achou provas dessa relação.

Ordem complicada
Alexandre de Moraes mandou o Itamaraty ajudar a PGR a investigar os passos de Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos. A medida constrangeu a diplomacia. “Não é nossa função. Já foi em outros tempos no Brasil”, diz um diplomata, referindo-se à ditadura.

Me deixa fora dessa
O chanceler Mauro Vieira terá de indicar diplomatas à investigação da PGR, mas ninguém no Itamaraty monitorou Eduardo. “Responderemos que está tudo na internet”, diz um diplomata.

Foi por pouco
O STF descobriu que Flávio Pacheco, o homem preso recentemente com uma bomba na Esplanada, esteve no plenário do tribunal. Na polícia, ele disse que a sua missão, com o artefato, era explodir o Supremo. Que perigo!

Diagnóstico forçado
Na segunda 26, quando passou mal no palácio, Lula tentou manter sigilo. Diante do risco óbvio de vazamento, foi convencido depois a divulgar sua condição de saúde — a contragosto.

Dois governos
A crise do IOF implodiu de vez as pontes entre Fazenda e Casa Civil. “Ali não tem mais jeito”, diz um auxiliar de Lula sobre a rixa entre Rui Costa e Haddad.

A caminho do AVC
A guerra entre Haddad e Costa faz com que Lula tenha hoje o cérebro e o coração do governo em descompasso. “Estamos a caminho do AVC”, ironiza.

Golpe baixo
Auxiliares de Costa espalharam no Planalto, nesta semana, que Haddad está sob forte efeito de remédios e por isso comete erros. Uma clara maldade.

Cargo decorativo
Geraldo Alckmin anda desanimado. É chefe do Desenvolvimento, mas fica sabendo por último das medidas de Lula que impactam a sua pasta.

Contando as horas
A caserna de Lula engavetou temporariamente projetos barrados por questões ideológicas no Planalto. “Esse go-

verno já acabou. Vamos esperar o próximo", diz um interlocutor do Exército, certo da derrota petista em 2026.

Hora de acelerar
Hugo Motta vai mudar de postura na Casa. Além de comandar pessoalmente mais votações, quer aprovar pelo menos dois projetos em cada sessão.

Dose suspeita
O MPF investiga a Fiocruz por "irregularidades" constatadas num contrato de produção de vacinas de covid-19 com a AstraZeneca. Coisa grande.

A farra não termina
Quebrados, os Correios abriram licitação sigilosa para fornecer a diretores, por trinta meses, quatro veículos de luxo, com motorista e combustível.

Papo de ex
Michel Temer e José Sarney tiveram uma conversa em São Paulo. Sarney estava intrigado com rumores de uma candidatura de Janja: "Deve ser boato".

O caminho Guedes
Paulo Guedes terminou seu novo livro, *O Caminho da Prosperidade: Política Econômica no Período 2019-2022*. "É um registro histórico do que fizemos e um mapa de navegação para o futuro", diz Guedes. Com 800 páginas, sairá no segundo semestre pela Editora Atlas.


ALAN SANTOS/PR

LIVRO Guedes: ex-ministro acaba de concluir sua nova obra sobre economia

Novos planos
Rosangela Moro tem dito a aliados que vai disputar uma cadeira na Assembleia Legislativa do Paraná. Cansou de Brasília e quer ficar em Curitiba.

Campanha em curso
Ratinho Junior segue a todo o vapor com o projeto presidencial. Nos últimos dias, esteve com diferentes banqueiros para falar de suas propostas.

Não podemos ajudar
Gleisi Hoffmann se reuniu nesta semana com Antonio Rueda, Celso Sabino e o líder do União Brasil na Câmara, Pedro Lucas. Pediu apoio ao texto do IOF, mas não recebeu boas notícias.

Popular e lucrativo
A Rodobens fechou o primeiro trimestre com 1,6 bilhão de reais em negócios por meio de consórcio, alta de 13,7% sobre o mesmo período em 2024.

Sem clima
Enquanto Trump ganha um Boeing do Catar, Lula tem na mesa há meses duas propostas de aviões que poderia comprar para aposentar o Aerolula. Não há clima — nem dinheiro — para o tema.

Arsenal de guerra
O Senado vai gastar 585 000 reais para comprar 64 000 munições de fuzil e pistola para a Polícia Legislativa.


INSTAGRAM @ALICEWEGMANN

FIM Alice: ela venceu uma disputa trabalhista contra um ex-colaborador

Na mira da polícia
A Polícia Civil do Rio de Janeiro recebeu recentemente uma carta precatória para interrogar o ator Jorge de Sá e indiciá-lo por estelionato no caso que envolve bolsas de estudo no exterior. A investigação começou em São Paulo.

Vitória trabalhista
A atriz **Alice Wegmann** venceu uma batalha na Justiça contra um ex-colaborador que pedia 84 000 reais numa ação sobre direitos trabalhistas. O caso foi arquivado por ausência de provas. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.



LEIA MAIS NO SITE DE VEJA




JASON GILMORE/JKP

INDIGNAÇÃO O deputado licenciado sobre a nova ação contra ele no Supremo: "O Brasil está vivendo um regime de exceção"

CAPA: FOTO DE JASON GILMORE/JKP

“POSSO SER CANDIDATO”

Em entrevista a VEJA, Eduardo Bolsonaro faz críticas e acusações contra Alexandre de Moraes, diz que o ministro do STF pratica jogo de cartas marcadas para condenar seu pai à prisão e fala pela primeira vez de forma explícita em concorrer ao Palácio do Planalto em 2026

MAURICIO LIMA, de Dallas

Em meio a mais uma crise institucional que envolve o Supremo Tribunal Federal e a base de apoio ao ex-presidente, que é o réu principal do julgamento em curso por tentativa de golpe, um dos personagens centrais do embate, o deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), resolveu partir para o ataque. Alvo de investigação da Procuradoria-Geral da República por suposta articulação de sanções internacionais contra o ministro Alexandre de Moraes, o parlamentar deu uma entrevista exclusiva a VEJA em Dallas, nos Estados Unidos, onde tem vivido os últimos meses — longe do Congresso Nacional, mas no centro de articulações políticas e diplomáticas que acendem alertas em Brasília *(leia a reportagem na pág. 36)*.

A entrevista, que aconteceu num escritório de advocacia de um amigo do deputado, ocorre num momento de ebulição. A tensão entre bolsonaristas e o STF atingiu um novo patamar após a revelação de que o filho do ex-presidente tem atuado, nos bastidores, para que o governo Donald Trump adote sanções formais contra Moraes, incluindo restrições de entrada nos Estados Unidos e bloqueio de movimentações financeiras do escritório de sua mulher, Viviane. Na última quarta-feira, 28, tomou forma um ato nessa direção: o secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, anunciou uma nova política de visto que tem como alvo estrangeiros que censuram americanos, mas sem citar Moraes. Há alguns dias, no entanto, Rubio havia dito durante audiência no Congresso americano que o ministro poderia ser alvo de sanções.

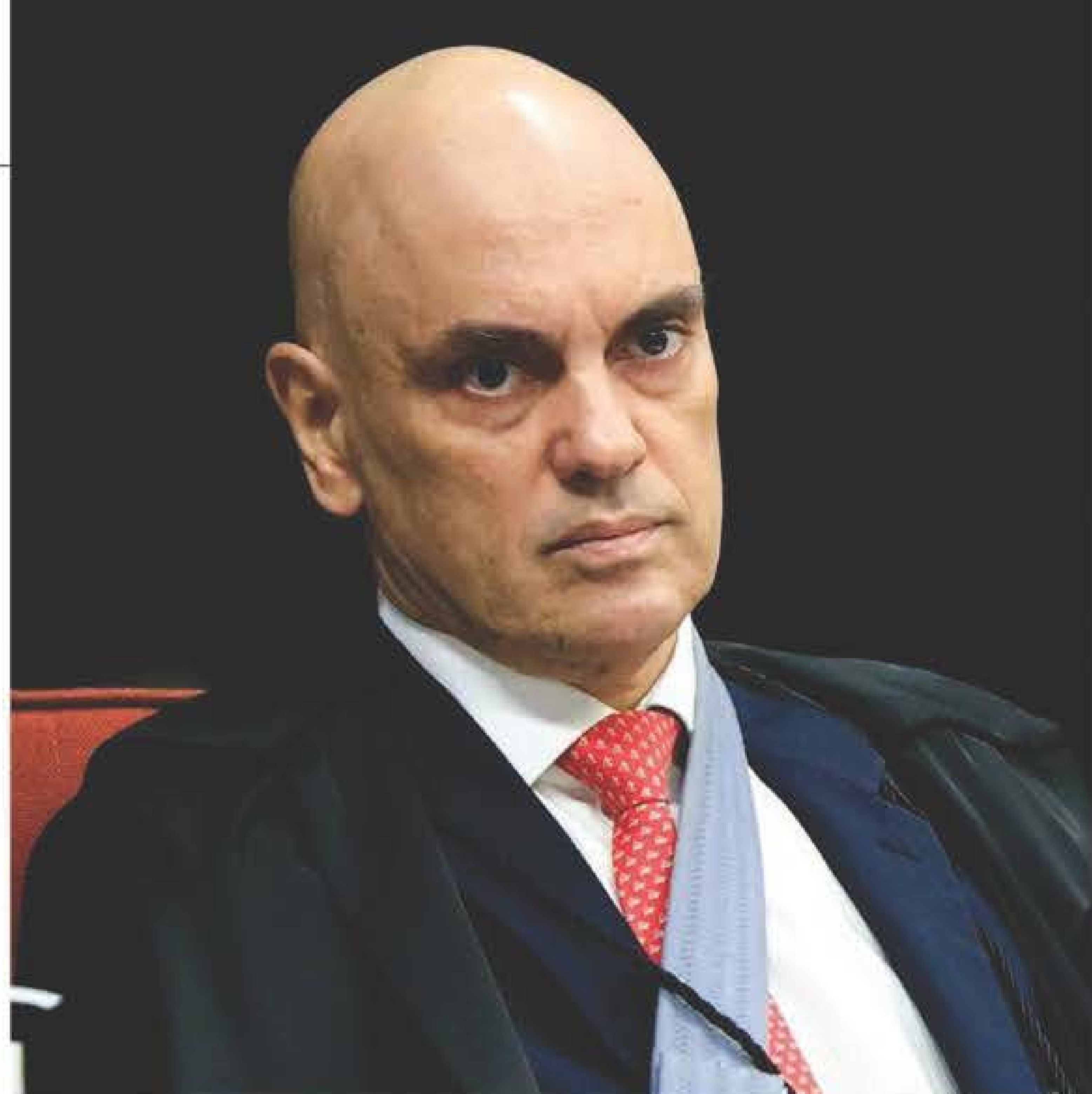
A ideia de retaliar decisões do Supremo brasileiro com apoio de potências estrangeiras reacendeu o debate sobre os limites da imunidade parlamentar e sobre a radicalização da direita no Brasil. O imbróglio gerou ainda a reação da Justiça daqui, a partir de uma representação do deputado petista Lindbergh Farias junto à Procuradoria-Geral da República. Com base nela, Paulo Gonet, chefe da PGR, pediu ao STF a abertura de um inquérito para investigar Eduardo Bolsonaro. A relatoria foi entregue a Alexandre de Moraes, que deu aval imediatamente ao início da ação e determinou que Jair Bolsonaro seja interrogado nos próximos dias, sob os pretextos de que ele é responsável pela manutenção financeira do filho nos Estados Unidos e de que estaria sendo beneficiado pela movimentação dele junto a políticos americanos.

Durante a conversa com a reportagem de VEJA, Eduardo não apenas defendeu sua atuação como legítima, como também dobrou a aposta: disse que Alexandre de Moraes se comporta como “um tirano”, que há perseguição política em curso no Brasil e que as instituições precisam de uma “descontaminação”. Foi além: sugeriu que sua saída do Brasil se deu por razões de segurança pessoal e de liberdade política, uma justificativa que, para os críticos, escancara a desconfiança cada vez mais aberta do clã Bolsonaro em relação às instituições brasileiras.

Mas Eduardo não falou apenas como filho do ex-presidente ou como voz dissidente. Falou pela primeira vez de forma explícita como um possível candidato a voos mais altos em 2026. Ao longo da entrevista, ensaiou frases de presidenciável, falou da necessidade de retomar o que chamou de “rumo liberal-conservador”, afirmou que o Brasil perdeu sua soberania institucional e que há uma elite burocrática disposta a “sabotar qualquer tentativa de transformação profunda”. “Obviamente, se for uma missão dada pelo meu pai, vou cumprir. Inclusive meu nome já figurou em algumas pesquisas, né? Fiquei feliz”, disse, ao ser questio-

“O Brasil deveria ter tido a decência de conseguir parar o Alexandre de Moraes. Isso não aconteceu. Por isso, tivemos que recorrer aqui às autoridades americanas”


ROSINEI COUTINHO/STF

ORDEM Moraes: Bolsonaro deve ser ouvido no processo contra o filho

nado sobre a possibilidade de disputar o Palácio do Planalto em 2026.

O deputado licenciado também avaliou o governo Lula, criticando aquilo que chamou de “reconstrução da velha política” e mencionando retrocessos em pautas econômicas e de segurança pública. Ao mesmo tempo, não poupou autocrítica: reconheceu que o governo do pai cometeu erros, especialmente na articulação política e na comunicação institucional, embora tenha defendido os quatro anos de Jair Bolsonaro como “os mais transparentes e patrióticos da história recente”.

A entrevista também revelou um Eduardo mais calculista. Mesmo mantendo o tom confrontador, ele parece mirar num papel maior do que o de provocador de redes. Em vários momentos, buscou mostrar-se como uma figura preparada para liderar, não apenas para polemizar. O deputado licenciado pretende ser protagonista de um novo ciclo. Um ciclo em que, segundo ele próprio, será necessário para “resgatar o espírito de 2018, sem cometer os erros de 2022”. A seguir os principais trechos da entrevista.

Como reage à abertura de investigação da PGR? Não tem nada de ilegal na minha atividade aqui. Se eu tivesse fazendo algum ato criminoso, então as autoridades americanas com as quais eu me relaciono também estariam cometendo o mesmo delito. Eles nunca levaram a sério o trabalho que venho realizando nos Estados Unidos, faziam chacota. Acordaram quando o deputado americano Cory Mills, da Flórida, perguntou numa audiência no Congresso ao secretário de Estado, Marco Rubio, sobre a possibilidade de Moraes ser sancionado. Rubio disse que existia uma grande probabilidade. O início ocorreu agora com os vistos.

Mas o senhor está se movimentando? Se é uma conduta reiterada, é uma conduta que há um bom tempo eu pratico. A investigação contra mim deu a oportunidade de provar aos americanos e ao mundo tudo o que sempre falamos: que de fato o Brasil está vivendo um regime de exceção.

Pode detalhar o que vem fazendo nos Estados Unidos? A gente vem tendo reuniões periódicas na Casa Branca e no Congresso. Falo também com Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, e com o presidente Javier Milei. Fico muito satisfeito de me sentir útil. E a prova maior disso é que agora esse regime “Alexandrino” acordou. Agora é tarde demais.

A nova política de visto anunciada por Marco Rubio pode ser o início de um pacote de medidas do governo Trump contra Moraes? Estou muito confiante. Não dá para falar em 100%, mas eu diria que há 99% de chance. O Brasil deveria ter tido a decência de conseguir parar o Alexandre de Moraes. Não aconteceu. Por isso, tivemos que recorrer aqui às autoridades americanas. Vamos dar assim o primeiro passo para resgatar a democracia brasileira. O STF hoje derruba aquilo que foi aprovado pelo Congresso. Não é uma democracia saudável.

Como é que o senhor acha que deveria ser o relacionamento entre o Poder Executivo, o STF e o Congresso Nacional? É atender ali a nossa Carta de 1988. A Suprema Corte só atua nas causas constitucionais que são pertinentes a ela. Os próprios juízes do STF às vezes reclamam que são vários processos, têm muita coisa para julgar,



KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES



ROSINEI COUTINHO/STF

CONFLITO Marco Rubio e Paulo Gonet: o procurador reagiu diante da ameaça de um pacote de retaliações a autoridades brasileiras vindo do governo dos Estados Unidos

mas eles também não delimitam a sua competência. O Congresso Nacional, por outro lado, hoje vive sob ameaça. Você viu o que aconteceu quando o presidente da Câmara, o Hugo Motta, foi eleito? A Polícia Federal fez uma operação contra a pequena prefeitura comandada pelo pai do Hugo Motta. Dias depois, ele teve um jantar com Alexandre de Moraes e, na sequência, mudou o seu discurso sobre o 8 de Janeiro. O STF se relaciona na base da extorsão com os outros poderes.

Por que suas críticas mais duras são sempre direcionadas a Alexandre de Moraes? Ele sabe que ele vai sair derrotado porque não tem a verdade ao lado dele. Há quanto tempo está aberto o inquérito das fake news? Desde 2019. E provou o quê? Nada. Na história do STF, com muito menos tempo de investigação, inquéritos foram trancados porque ultrapassaram o limite do razoável. Mas contra o Jair Bolsonaro isso daí não vale, né?

Há elogios à atuação do STF a partir de um conceito de que tudo o que foi feito é em razão da defesa da democracia. Todo ditador diz defender a democracia ou um bem maior. Para fazer isso acontecer, eles esmagam as liberdades do seu povo.

"O STF derruba aquilo que foi aprovado pelo Congresso e se relaciona na base da extorsão com os outros poderes. Não é uma democracia saudável"

Qual sua opinião sobre a grande acusação contra seu pai hoje, que é a de uma tentativa de golpe? Golpe da Disneylândia. Imagine o roteiro. Primeiro, vou esperar sair da Presidência, mas antes disso vou nomear os chefes militares do meu sucessor, a quem eu quero derrubar. Depois, no segundo momento, antes de acabar o meu mandato, vou viajar para outro país. Mas vocês aí, 1500 pessoas que eu estou mandando dar o golpe, por favor, sigam firmes e fortes. Ah, a propósito, no dia de derrubar o governo, vocês vão para lá sem armas. Ora, isso tudo daí é surreal.

Não houve golpe? O próprio ministro da Defesa do Lula, José Múcio, disse que não foi golpe. Quantas vezes a esquerda já não fez atos muito piores? Já machucaram PMs durante manifestações do MST, tocaram fogo em ministérios... E essas pessoas não foram sequer investigadas.

Mas há elementos na investigação que mostram que um grupo de militares estava planejando, inclusive, o assassinato do Lula, do Geraldo Alckmin e do próprio Alexandre de Moraes. Como é que o senhor responde a essas descobertas? Isso tudo é falácia, é tudo espuma. As pessoas estão pagando o pato para que o Alexandre de Moraes construa narrati-



ELOGIOS Sobre Michelle: "Ela tem uma rejeição muito baixa e um discurso muito próximo das pessoas evangélicas"



MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

va para justificar uma condenação do Jair Bolsonaro. No meu inquérito, adivinha quem é o relator? Alexandre de Moraes. Esse é o cara imparcial, é o juiz natural de um caso para me julgar. Logo eu que estou aqui no exterior denunciando os abusos que ele tem cometido. São sucessivos abusos. Para piorar, agora o PGR, que eu também denuncio aqui no exterior, virou o acusador do meu processo. É claro que todo mundo sabe o resultado final disso. O mesmo ocorre com o meu pai, que está jogando um jogo de cartas marcadas, onde ele já está condenado. Esse novo inquérito visa também me condenar, provavelmente para me tirar da corrida de 2026. O objetivo do Moraes é claro: acabar com o movimento liderado por Jair Bolsonaro. É só esse.

O senhor foi eleito deputado federal por São Paulo, mas está morando agora nos Estados Unidos. Não deveria estar cumprindo seu mandato? Meu trabalho aqui nos Estados Unidos se tornou único. É muito mais importante a gente estar aqui fazendo esse trabalho para segurar o ímpeto ditatorial do Alexandre de Moraes e das pessoas que o rodeiam do que estar no Brasil.

"Pretendo voltar para o Brasil. Para que isso aconteça, a gente tem que ter uma garantia mínima de um ambiente onde um deputado federal vai poder falar e não ser investigado, como eu estou sendo agora. Precisamos resgatar as liberdades"

O senhor tem planos de voltar? Sim. Agora, para voltar para o Brasil, a gente tem que ter uma segurança mínima de um ambiente onde um deputado federal vai poder falar e não ser investigado, como eu estou sendo agora. A gente tem muita coisa para mudar. Primeiro, precisamos resgatar as liberdades. Depois, a gente tem que mudar um pouquinho as condições do Brasil, para que não seja mais o sonho da classe média ter um carro à prova de bala.

Pensa em ser candidato a presidente da República? Obviamente, se for uma missão dada pelo meu pai, vou cumprir. Inclusive meu nome já figurou em algumas pesquisas, né? Fiquei feliz. Mas eu acho que, numa democracia normal, quem deveria ser o candidato é o Jair Bolsonaro, que inclusive lidera diversas pesquisas.

Qual é sua visão econômica sobre o Brasil? Seria muito daquilo do que foi praticado por Bolsonaro e Paulo Guedes. Eu sou um fã do discurso do Paulo Guedes, quando ele fala em mais Brasil, menos Brasília. Significa menos poder concentrado na elite burocrática de Brasília e mais poder e dinheiro no bolso do trabalhador. Menos impostos, menos burocracias. Também buscaria investimentos internacionais, criando um ambiente de segurança jurídica, onde o investidor realmente possa vir ao Brasil e aplicar o seu dinheiro. O governo precisa trabalhar para deixar mais confortável a vida de quem quer empreender e de quem quer trabalhar. É copiar o modelo de sucesso americano.



GOVERNO DO ESTADO DE SP

DESCARTADO? Tarcísio: declarações de que vai concorrer à reeleição em SP



MARVIN RECINOS/AFP

MODELO Nayib Bukele, de El Salvador: política de encarceramento em massa

"Meu ministro da Fazenda não seria alguém como o Haddad. Escolheria um nome da linha liberal. O governo precisa trabalhar para deixar mais confortável a vida de quem quer empreender e de quem quer trabalhar. É copiar o modelo dos Estados Unidos"

Quem seria seu ministro da Fazenda? Certamente não seria alguém da linha do Fernando Haddad. A gente já viu que, quanto maior o Estado, mais margem há para a corrupção, mais ineficiência. Escolheria alguém da linha de pensamento mais liberal.

Outro ponto muito importante na vida do brasileiro é a segurança. Que projeto o senhor teria para essa área? Eu visitei, não faz muito tempo, os presídios de El Salvador. Vi de perto o enfrentamento à criminalidade, transformando El Salvador, que era o país mais violento do mundo em 2016, para o mais seguro do Hemisfério Ocidental na atualidade. O presidente Nayib Bukele enfrentou o problema principal, que era o desencarceramento. A atuação dele ao prender os criminosos foi sensacional. É por isso que não tem mais crime por lá. É por isso que a sociedade colocou Bukele com cerca de 90% de aprovação. E é isso daí que eu acho que seria o ideal da gente fazer no Brasil.

Bukele recebe críticas porque pessoas inocentes estariam sendo presas... Hoje a taxa de assassinato deles é menor do que a do Canadá. Não tem como essas críticas prosperarem. É um trabalho muito exitoso. Claro, pode haver algum inocente que seja preso. Não existe sistema perfeito.

Voltando à política, diante da inelegibilidade de seu pai, muitos parlamentares e representantes do mercado financeiro defendem que ele indique Tarcísio de Freitas como candidato no ano que vem. Por que isso não acontece? O Tarcísio é um excelente gestor. Mas ele tem dito que o objetivo dele é a reeleição ao governo de São Paulo. Foi um excelente ministro da Infraestrutura. Mas eu não sou dono da vontade de Jair Bolsonaro. Quem vai dizer o candidato hoje é ele. Eu ainda acho que Jair Bolsonaro poderá se candidatar, até porque ele está inelegível por motivos esdrúxulos.

O senhor tem dúvidas sobre o resultado da eleição de 2022? Tenho dúvidas. Muito foi propagandeado que o sistema é inviolável, mas o próprio TSE reconhece que houve uma invasão em 2018. Por mais que o Alexandre de Moraes tenha transformado esse inquérito em sigiloso, a PF abriu o inquérito a mando da *(então)* presidente Rosa Weber do TSE. Em virtude disso tudo, o cidadão é merecedor de ter uma transpa-



rência maior. O voto impresso nunca foi uma pauta da direita ou da esquerda.

Outro nome muito cogitado na ausência de seu pai nas eleições é o da ex-primeira-dama Michelle. O que o senhor acha dessas especulações? A Michelle tem uma rejeição muito baixa, um discurso muito próximo das pessoas evangélicas e da pauta das mulheres. Mas é o Jair Bolsonaro, na verdade, quem vai decidir. Acho que vai ser difícil tirar dele a possibilidade de concorrer. Mais uma vez, acredito que há uma chance, que há uma luz no fim do túnel pra gente corrigir a democracia brasileira e conseguir colocá-lo como candidato.

Vê direita no Brasil sem bolsonarismo? Não. Ele é o líder. Por onde a gente anda pelas ruas, o clamor segue o mesmo ou talvez até maior do que aquele que estava na eleição de 2022. Então, com certeza, o Bolsonaro continua sendo o grande player não só da direita, mas das próximas eleições.

O senhor falou de vacina e durante a pandemia o senhor se vacinou e seu pai, não. Em que mais é diferente dele? Tomei e me arrependi. Duas, três semanas depois, peguei a covid. Acredito que o governo Bolsonaro teve muito mais acertos do que erros. Faltou ali uma estratégia para você colocar adiante os grandes feitos do governo. Levamos água ao Nordeste, aumentamos o Auxílio Brasil, fizemos a independência do Banco Central, o marco do saneamento... Foram muitos, muitos acertos.

Quando é que o senhor se descobriu de direita? Foi quando eu saí da Universidade Federal do Rio de Janeiro e comecei a ter relação com o mundo real. Quando eu comecei a trabalhar, pagar minhas próprias contas, aí você percebe que no mundo, na verdade, você é que tem que correr atrás do seu próprio sucesso. Ninguém vai fazer por você. Eu sou de direita porque eu quero que o pobre tenha emprego e renda, porque esse é o melhor programa social.



“Não há direita no Brasil sem Jair Bolsonaro. Ele é o líder. Por onde a gente anda nas ruas, o clamor segue o mesmo ou talvez até maior do que aquele que estava na eleição de 2022. Ele continua sendo o grande player não só da direita, mas das próximas eleições”

Acha que seu pai vai ser preso? Eu acho que a gente vai conseguir reverter a tempo esse julgamento de cartas marcadas. A gente vai conseguir segurar o ímpeto do Alexandre de Moraes. Mas, se ele optar por esse caminho radical de prender uma pessoa inocente, uma pessoa que não roubou o dinheiro público, uma pessoa que continua tendo a sua vida nos mesmos padrões de sempre, então, a gente aqui nos Estados Unidos vai fazer de tudo possível para acionar as alavancas do governo para que as autoridades americanas, se assim entenderem, sancionem ao máximo o Moraes e as pessoas financeiramente ligadas a ele.



INSTAGRAM @BOLSONAROSP

RELAÇÕES Com o pai e Donald Trump, em foto de 2019: proximidade com o republicano desde a Presidência de Bolsonaro

O senhor recebeu críticas por uma frase em que dizia que para fechar o STF bastava "um cabo e um soldado". Arrepende-se do episódio? A frase saiu ali no meio de um encontro com estudantes de um curso preparatório para concurso público e, na hora, lembro de dizer que não era algo para se levar ao pé da letra. Como Jair Bolsonaro diz, foi uma das caneladas. Mas foi uma frase também tirada de contexto. Quatro meses após eu ter dito essa frase, a esquerda trouxe o episódio na campanha de 2018 para tentar colocar na gente o rótulo de antidemocrático, coisa que nós comprovamos na prática que não somos. ■



MURILLO DE ARAGÃO

AUSTERIDADE SELETIVA E AJUSTE FISCAL

Generalizar a crítica às renúncias fiscais é um erro recorrente

O MINISTRO da Fazenda, Fernando Haddad, aproveitou o Dia da Indústria para reforçar o discurso do governo sobre o desafio fiscal brasileiro. Com razão, lembrou que o equilíbrio das contas públicas é uma tarefa coletiva e que o país convive com um déficit primário estrutural da ordem de 2% do PIB — problema crônico, que atravessa governos e ciclos econômicos. Também apontou o volume expressivo de renúncias fiscais: segundo ele, são mais de 800 bilhões de reais em isenções, subsídios e benefícios concedidos, por via legislativa ou administrativa, muitas vezes à revelia de critérios técnicos claros. Para o Congresso, o número de Haddad está superinflacionado. Os benefícios seriam da ordem de 540 bilhões.

O diagnóstico, embora pertinente, carece de completude e é impreciso. Não é de hoje que o Brasil convive com um sistema tributário complexo, ineficiente e, sobretudo, repleto de exceções. A crítica às desonerações e ao poder do lobby corporativo é válida. Contudo, ela é parcial e ignora um aspecto importante: muitos setores da economia brasileira simplesmente não são viáveis sem algum grau de proteção, de isenção ou de subsídio. A alta carga tributária, aliada a entraves logísticos, infraestrutura precária, insegurança jurídica e volatilidade regulatória, faz com que, sem incentivos, determinadas cadeias produtivas fechem as portas — do agronegócio à indústria de base, da tecnologia à cultura.

"Muitos setores da economia brasileira simplesmente não são viáveis sem algum grau de proteção"

Generalizar a crítica às renúncias fiscais sem contextualizar suas origens, seus impactos regionais e sua função enquanto política industrial é um erro recorrente das equipes econômicas, que sempre buscam resolver questões estruturais com o aumento puro e simples de arrecadação. Há benefícios que, sim, precisam ser revistos ou extintos. Mas há outros que cumprem um papel de equalização econômica, de incentivo à inovação ou de combate às desigualdades regionais. É simplista — e politicamente conveniente e rasteiro — pintar todo o sistema como um jogo de "vencedores escolhidos por lobby".

Ao mesmo tempo, o discurso do governo e do próprio ministro silencia sobre dois temas igualmente estruturais e pouco enfrentados: o corte de despesas da máquina pública e o engessamento do Orçamento federal. Mais de 90% dos gastos públicos são obrigatórios ou vinculados — incluindo folha de pagamento, Previdência, benefícios assistenciais e transferências constitucionais. O espaço de manobra é mínimo, e qualquer tentativa de reforma ou de contenção invariavelmente esbarra em resistência política, corporativa e judicial. Tampouco existe esforço do governo para reduzir, gradualmente, os benefícios e isenções que considera prejudiciais.

A máquina pública brasileira, com seu corporativismo enraizado, consome uma fatia desproporcional dos recursos nacionais. Benefícios acumulados ao longo das décadas, especialmente em segmentos do funcionalismo de elite, seguem intocados. Os debates sobre racionalização administrativa, fim de penduricalhos salariais, revisão de carreiras e controle de despesas de custeio continuam marginais — quando não são varridos para debaixo do tapete. Sem enfrentar a despesa pública engessada, sem rever o pacto federativo, sem uma reengenharia do papel do Estado e uma melhoria expressiva do ambiente de negócios e investimentos, o Brasil continuará preso a um círculo vicioso de déficits, juros elevados e baixo crescimento. ■

EVARISTO SA/AFP



MOVIMENTAÇÃO Lula e Moraes: conversa reservada entre os dois após Marco Rubio citar o juiz como possível alvo

INCIDENTE DIPLOMÁTICO

Governo prepara reação retórica contra sanções americanas e, no caso de um conflito maior, vai tentar colher dividendos eleitorais classificando o caso como uma afronta à soberania nacional

LARYSSA BORGES

FALTAVAM POUCO mais de oito meses para a eleição que daria a Donald Trump um segundo mandato quando o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) começou a falar de uma provável retaliação contra Alexandre de Moraes caso os republicanos voltassem à Casa Branca. Àquela altura o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) já havia tornado pública a existência de um plano macabro para assassiná-lo em uma emboscada, e as investigações sobre uma suposta tentativa de golpe fechavam o cerco contra Jair Bolsonaro. Ao lado de congressistas americanos, o filho do ex-presidente reclamava de um suposto avanço do Judiciário brasileiro contra a liberdade de expressão nas redes sociais e alegava existirem presos políticos no país. Meses depois, o parlamentar fez chegar a integrantes do governo e do STF um alerta que teria ouvido do próprio republicano. "O juiz Moraes é um pro-

blema meu", teria dito Donald Trump. Parecia somente uma bravata, mas a percepção mudou nos últimos dias. O presidente da República e os ministros do Supremo estão preocupados com as pressões que começam a vir dos Estados Unidos e traçam estratégias para enfrentar um provável conflito. Alvo agora de uma investigação no Supremo por suas atividades em território americano, Eduardo Bolsonaro dobrou a aposta contra o STF, trata Moraes como um "tirano" e aposta todas as suas fichas na possibilidade de o governo Trump tirar do papel medidas duras contra autoridades brasileiras *(leia a reportagem na pág. 28)*.


PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

NOS BASTIDORES Viotti e Vieira: canais diplomáticos para evitar danos

Eventuais sanções dos Estados Unidos, quaisquer que sejam, contra Alexandre de Moraes ou outros alvos serão inicialmente tratadas como uma afronta à soberania nacional. É assim que o governo brasileiro planeja reagir caso as ameaças feitas pelo governo americano se concretizem. E tudo indica que elas serão concretizadas. Na quarta-feira 28, o secretário de Estado, Marco Rubio, anunciou que vai restringir a entrada no país de estrangeiros que tenham praticado qualquer ato de censura contra cidadãos americanos. O nome de Alexandre de Moraes não foi citado — e nem precisava. Dias antes, Rubio já havia dito que eram "grandes" as chances de Moraes estar entre os alvos.

Em depoimento na Câmara, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, tentou minimizar o problema. "A política de visto é de cada Estado e o Estado toma a decisão de conceder ou de não conceder", afirmou. O governo sabe que a questão é bem mais complexa. Na semana passada, depois da fala de Rubio, o ministro e Lula conversaram pelo telefone. Os detalhes do diálogo não foram divulgados, mas um interlocutor conta que ficou acertado entre os dois que qualquer sanção imposta pelos Estados Unidos aos integrantes do Supremo será tratada como uma ingerência externa em assuntos nacionais. Embora não admita, o Planalto está preocupado com as consequências que esse embate pode provocar. Há também um extremo receio de que as medidas do governo americano, dependendo da abrangência, possam atingir outros personagens e provocar uma grande confusão.

Sob sigilo, o corpo jurídico do governo avalia que, no pior cenário, uma punição a Alexandre de Moraes de imediato se estenderia aos aplicativos de big techs americanas utilizadas pelo magistrado, programas de internet banking e cartões de crédito. Ou seja, o ministro não poderia ter uma conta de e-mail no Google nem ter uma conta corrente em agentes financeiros que operam com a moeda americana. A medida seria extensiva ao escritório de advocacia de familiares do juiz e a uma empresa de consultoria e treinamento que tem a esposa e os filhos dele como sócios. As sanções também podem atingir os demais ministros do STF —


BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

LENHA NA FOGUEIRA Lindbergh: líder do PT pediu abertura de inquérito policial contra Eduardo Bolsonaro



onde Bolsonaro e outros trinta acusados de golpe são julgados — que endossaram decisões individuais de Moraes. O diagnóstico ganhou contornos de potencial crise sistêmica, relataram a VEJA integrantes do Executivo, porque a lista de possíveis atingidos, a depender da extensão da canetada de Donald Trump, pode incluir ainda grandes bancos brasileiros que, por operarem nos Estados Unidos, também estariam sujeitos ao ordenamento jurídico americano.

O temor é que Trump invoque a temida Lei Magnitsky, que prevê restrições patrimoniais, como o congelamento de ativos, a cidadãos estrangeiros envolvidos em corrupção ou em grave violação de direitos humanos. Para alas trumpistas mais radicais, Alexandre de Moraes infringiu essa última norma ao decretar "prisões arbitrárias" e impor restrições a empresas americanas, a cidadãos americanos e a brasileiros naturalizados americanos. "Os impactos das eventuais sanções ao ministro Alexandre são muito maiores do que se imagina à primeira vista", resume um integrante do governo. O cenário mais catastrófico traçado pelo Planalto inclui punições a outros ministros do STF e também ao procurador-geral Paulo Gonet, que, por solicitação do líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias, pediu abertura de inquérito para apurar se as ações de Eduardo Bolsonaro caracterizariam uma tentativa de constranger a Justiça.

Além da movimentação em território americano do filho de Jair Bolsonaro, a pressão sobre a Justiça brasileira ganha força com outro poderoso apoio. Dono do X e aliado de primeira hora do governo Trump, o bilionário Elon Musk alimenta há meses um embate direto com o ministro. Moraes ordenou que a rede social bloqueasse perfis de bolsonaristas. Depois de uma sequência de descumprimentos de decisões, o X foi retirado do ar no Brasil por 39 dias, e Musk acabou incluído no inquérito que investiga a atuação de milícias digitais contra autoridades brasileiras. O X e outras big techs serão novamente temas do STF na próxima quarta, 4, quando o Supremo irá retomar o julgamento que deve estabelecer regras para a responsabilização dessas empresas no país. Nos bastidores de Brasília, o anúncio da agenda não foi mera coincidência. Seria um recado de que a Corte não vai se intimidar diante das pressões sobre a Justiça brasileira.

Na tentativa de conter a escalada do problema, Lula determinou que Mauro Vieira e a embaixadora do Brasil em



ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES

RETALIAÇÃO Musk: empresário se recusou a cumprir decisões judiciais



ADVERTÊNCIA Plenário do STF: sanções podem atingir outros ministros da Corte

Washington, Maria Luiza Viotti, usassem os canais diplomáticos, mas já faz cálculos prevendo possíveis ganhos eleitorais no caso. O presidente vislumbrou no enfrentamento público uma janela de oportunidade para colher dividendos, especialmente em período de baixa popularidade. Na briga comercial que virou o mundo de cabeça para baixo, porém, tudo de que o país não precisava neste momento, diz Rubens Barbosa, presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice) e ex-embaixador do Brasil em Washington, era que o governo chamasse para si a responsabilidade de resolver um cabo de guerra que não é dele. "Em essência, esse é um problema entre Elon Musk e o ministro Alexandre de Moraes. A se confirmarem as sanções, o governo vai fazer o quê? Romper relação com os Estados Unidos?", afirma. Na hipótese de um confronto maior, que terá consequências imprevisíveis, a certeza mesmo é a de que o Brasil não tem nada a ganhar com isso. ■



CRISTOVAM BUARQUE

A NOVA GERAÇÃO DE PROFESSORES

Qual é o papel do Estado ao atrair os jovens para o magistério?

FAZ ANOS ouvi da então senadora Heloísa Helena: "Se o Brasil adotasse uma geração de brasileiros desde o nascimento, quando adultos eles adotariam o Brasil". Semana passada, em um seminário promovido pelo Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, no Recife, o professor Cesar Callegari ampliou o raciocínio: "Para fazer a educação que o Brasil precisa, é necessário formar uma nova geração de professores". Essas duas frases se complementam e deveriam inspirar a preparação do novo Plano Nacional de Educação (PNE), para que ele não seja a repetição dos dois anteriores: burocráticos, sem ambição, sem indicação da responsabilidade por sua execução e presos à lógica de prometer mais recursos, não de definir a estratégia para darmos o necessário salto no ensino dos brasileiros, na qualidade e na equidade.

É hora de um PNE com metas claras, indicando o que todo brasileiro deveria saber ao final de sua educação de base; que não se contente com a esgotada dispersão municipal e desenhe a arquitetura do sistema nacional de educação com excelência, da pré-escola ao fim do ensino médio; que defina o que fazer e qual a estratégia para instalar o Brasil entre os países com melhor educação para todas as crianças. O PNE, agora em sua terceira etapa, é o momento para formarmos essa nova geração de mestres definindo, com clareza, a estratégia para assegurar formação robusta, seleção criteriosa, dedicação exclusiva, avaliação e motivação contínuas ao longo da carreira, acesso e domínio dos mais modernos recursos pedagógicos e culturais.

É preciso definir qual o papel do Estado e da sociedade ao atrairmos ao magistério os jovens mais brilhantes, motivados e preparados. Selecioná-los ainda durante seus estudos, entre os melhores alunos. Não se devem aceitar candidatos que não estejam classificados entre os primeiros de suas turmas — em conhecimento e liderança. Isso exige assegurar remuneração entre as mais altas do serviço público e uma carreira com todos os ingredientes de prestígio e atratividade. Os professores desse novo tempo precisam ser respeitados pela sociedade brasileira, como ocorre em outros países.

"O mestre respeitado e bem remunerado promoverá no país a mania pela educação"

É grupo docente que só será viável se for ancorado em uma carreira nacional, com salário federal no nível dos servidores públicos mais bem remunerados. Contar com formação continuada, desde os anos do ensino médio até a aposentadoria. Com bolsas de estudos e salário ao longo de toda a formação, como já ocorre em carreiras de Estado, como os diplomatas e os militares.

Durante esse percurso, os futuros professores deverão aprender tanto as técnicas e ciências pedagógicas quanto valores éticos da profissão: compreender o papel que desempenham na formação do ser humano que vai enfrentar o futuro, dispondo do mapa para buscar a própria felicidade e das ferramentas para construir um Brasil produtivo, inovativo, justo, sustentável, democrático. O mestre respeitado, bem remunerado, bem formado, bem avaliado e dedicado deve ter tamanha consciência de sua importância que perceba o prejuízo provocado por cada ausência sua da sala de aula. Ele terá e promoverá no país a mania por educação. Para tanto, o plano que se diz nacional não pode deixar a carreira da nova geração de professores nas mãos dos pobres e desiguais municípios. ■



ISAC NÓBREGA/PR

RÉU NO STF Fernandes com Bolsonaro: o general rascunhou um plano para "neutralizar" autoridades, incluindo Lula

DESTINOS CRUZADOS

Delegado que investigou atentado golpista no aeroporto de Brasília é irmão do general acusado de atuar em plano golpista para manter Jair Bolsonaro no poder **MARCELA MATTOS**

NA MADRUGADA do dia 24 de dezembro de 2022, véspera de Natal, por pouco, muito pouco, Brasília não foi alvo de um terrível atentado. Nas imediações do aeroporto, um caminhão-tanque estava estacionado num local estratégico, próximo aos imensos reservatórios de combustível. Debaixo dele, acoplado em um dos eixos do veículo, havia uma caixa de papelão, com algumas bananas de dinamite dentro, ligadas a um detonador. O artefato foi colocado por dois autoproclamados apoiadores de Jair Bolsonaro, imaginando que a explosão provocaria uma convulsão popular que obrigaria o presidente da República a recorrer às Forças Armadas para restabelecer a ordem e a anunciar medidas extremas para, entre outras coisas, impedir a posse do presidente Lula. O caminhão-bomba continha mais de 60 000 litros de querosene de aviação. A bomba, que certamente provocaria uma tragédia sem precedentes, não explodiu porque o detonador falhou. Na sequência, a polícia foi acionada e os criminosos, presos.

No dia em que o Supremo Tribunal Federal (STF) tornou Jair Bolsonaro réu por tentativa de golpe, o ministro Alexandre de Moraes, relator do processo, apresentou um vídeo com uma sequência de imagens dos distúrbios ocorridos em Brasília após as eleições de 2022. Algumas das cenas eram relativas ao caminhão-tanque e à atuação dos investigadores no local. "Se explodisse a bomba, centenas — se não milhares — de pessoas morreriam", destacou o magistrado. Nos próximos dias, o delegado que investigou o atentado e prendeu o responsável pela confecção da bomba deve ser colocado frente a frente com Moraes. Marcelo Fernandes será intimado a depor no processo que tramita no STF, arrolado como testemunha de defesa de um dos acusados, o general Mario Fernandes, peça-chave da trama que teria sido orquestrada para subverter a democracia. Por uma dessas ironias do destino, o delegado que evitou a tra-

REPRODUÇÃO





GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
POLÍCIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL
COMUNICAÇÃO DE OCORRÊNCIA POLICIAL
DÉCIMA DELEGACIA DE POLÍCIA
SHIS QI 05, CONJUNTO 18, LAGO SUL - BRASÍLIA/DF - CEP:71615-180 Email: dp10-saa@pcdf.df.gov.br
Ocorrência Nº: 2.446/2022-4 Protocolo Nº: 2629048/2022

DADOS BÁSICOS
Natureza da Ocorrência: **AMEAÇA DE BOMBA, POSSE IRREGULAR DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO (L.10826/03), POSSE OU PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO DE USO RESTRITO (L.10826/03), POSSUIR, DETIVER, FABRICAR OU EMPREGAR ARTEFATO EXPLOSIVO OU INCENDIÁRIO, SEM AUTORIZAÇÃO OU EM DESACORDO COM DETERMINAÇÃO LEGAL OU REGULAMENTAR.**

AUTENTICAÇÃO
Escrivão: 036.801-6 - FABIO DE RODRIGUES E SOUSA
Delegado Chefe: 035.887-8 - MARCELO FERNANDES



PERIGO O caso do carro-bomba: o delegado Marcelo Fernandes localizou o caminhão e prendeu o mentor do atentado, que tinha um verdadeiro arsenal em seu apartamento

gédia do carro-bomba em Brasília é irmão do general acusado de participar ativamente da mesma aventura golpista.

Mario Fernandes era próximo de Jair Bolsonaro, ocupou um posto importante no Palácio do Planalto na reta final do governo do ex-capitão e foi autor de um suposto plano para "neutralizar" o presidente Lula, o vice Geraldo Alckmin e o ministro Alexandre de Moraes. Acusado de conspirar contra a democracia, o militar está detido preventivamente numa sala de um Batalhão do Exército desde novembro. Se condenado, pode pegar até quarenta anos de prisão. A defesa do general acredita que o depoimento do delegado vai ajudar a mostrar que a conspiração não existiu — ou, se existiu, que o militar não participou dela. Segundo a Procuradoria-Geral da República, Mario Fernandes redigiu o plano intitulado "Punhal Verde e Amarelo" no computador da sala que ocupava no Palácio do Planalto. Depois, imprimiu uma cópia do documento no mesmo dia em que teve uma reunião com o presidente no Alvorada. Os investigadores acreditam que a cópia foi entregue a Bolsonaro.

O general ainda não expôs publicamente sua versão sobre a acusação. Sabe-se, no entanto, que ele nega ter apresentado o plano golpista ao presidente. A reunião no Alvorada no mesmo dia da impressão do documento teria sido uma coincidência. Em relação ao "Punhal Verde e Amarelo", justifica que era apenas uma avaliação de cenário para o caso de um conflito — análise, segundo ele, que é praxe no meio militar. A defesa de Mario Fernandes avalia que o depoimento do irmão vai ajudar a desmantelar a tese de que o general é um extremista. Como os dois são muito próximos, não haveria lógica em considerar que um deles planejou o golpe enquanto o outro agiu para evitar que o pior acontecesse. No dia 24 de dezembro, Marcelo foi acionado diante de um alerta de bomba no aeroporto, encontrou a caixa com os explosivos, localizou o caminhão suspeito e prendeu o autor do atentado fracassado, o gerente de posto de gasolina George Washington de Sousa, que guardava com ele um arsenal.

Alexandre de Moraes já recusou o pedido de libertação feito pela defesa de Mario Fernandes, que se diz injustiçado. "Ele jamais atuou para colocar a vida de quem quer que seja em risco", afirma o advogado Marcus Vinícius Figueiredo. Preso há quase 200 dias, o general recebe pouquíssimas visitas — basicamente de familiares. Marcelo, por sua vez, assumiu a chefia da Coordenação de Repressão aos Crimes Patrimoniais. É uma repartição da Polícia Civil responsável por investigar casos de estelionato e golpes — financeiros, diga-se. Nada parecido nem tão grave quanto o que aconteceu na véspera do Natal de 2022. ■



CRISTIANO MACHADO/IMPRENSA MG

AMBIÇÃO O governador de Minas Gerais em um ônibus: movimentação crescente para ganhar mais visibilidade nacional

UM LUGAR NA JANELA

À frente do segundo maior colégio eleitoral do país, Zema busca se firmar como uma alternativa ao Planalto amparado em pautas conservadoras e no ataque ao governo Lula **LAÍSA DALL'AGNOL**

NA ÚLTIMA SEMANA, o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), desembarcou em El Salvador para uma bateria de encontros voltados à discussão de "boas práticas" na segurança pública. O país da América Central, que chegou a ser uma das nações mais violentas do planeta, viu os índices chegarem a níveis espantosamente baixos com a política "linha-duríssima" do presidente Nayib Bukele. A despeito de críticas por encarceramento em massa, desrespeito aos direitos humanos e corrosão da democracia, ele tem uma taxa de aprovação entre os eleitores de mais de 80%. Zema chegou à capital, San Salvador, não apenas com a agenda lotada, mas com status — e discurso — de chefe de Estado. Reuniu-se com o vice-presidente Félix Ulloa, visitou o Parlamento, encontrou autoridades e empresários e deu entrevistas para dizer o que "se passa no Brasil". A visita foi mais uma jogada de um plano maior, gestado com afinco pelo mineiro: ganhar projeção nacional e cacifar o seu nome para tentar disputar a Presidência em 2026.

Empresário neófito em eleições que ascendeu de carona na onda bolsonarista de 2018, Zema sempre esteve à direita no campo político. As suas bandeiras de campanha, como consequência, coadunam com esse ideário. A segurança pública é uma delas. E ele já tem o que mostrar. Segundo o Atlas da Violência, divulgado em maio, o estado tem uma das menores taxas de homicídios em todo o país. Em El Salvador, para onde embarcou com o seu secretário de Segurança, Rogério Greco, Zema tratou o tema com um discurso de candidato. "Aqui aconteceu algo muito simples: a lei voltou a valer e o povo voltou para a rua", afirmou.

A segurança tende de fato a ser importante na eleição, mas não é o único tema a nortear a pré-campanha. Segundo pessoas próximas, seu discurso irá ganhar contornos mais claros nos próximos meses, quando ele deverá investir também na defesa da economia liberal, da austeridade fiscal e do combate à inflação, na luta contra a corrupção e na defesa dos "valores cristãos", um discurso sob medida para atacar Lula.

No campo político, a estratégia se apoia em dois pontos. Um é se viabilizar como o nome do antipetismo, daí a elevação de tom no discurso contra o presidente, em movimento até mais destacado do que o de outros nomes à direita, como os dos governadores Tarcísio de Freitas (São Paulo) e Ratinho Junior (Paraná), também potenciais presidenciáveis. O outro ponto é estreitar os laços com Jair Bolsonaro, com quem sempre esteve alinhado, inclusive na campanha do capitão pela anistia.



FACEBOOK @ROMEUZEMAOFICIAL

À DIREITA Com Ratinho, Tarcísio e Caiado: união, por enquanto, só na foto

Faz parte disso estar ao lado de Bolsonaro sempre que possível, como nos atos liderados pelo ex-presidente na Avenida Paulista, onde marcou posição ao lado de outros candidatos a herdeiros do espólio eleitoral bolsonarista.

De todos os governadores citados como potenciais nomes ao Planalto, Zema e Ronaldo Caiado (Goiás) são os que se movem mais à luz do sol. Eduardo Ribeiro, presidente do Novo, diz que o mineiro será candidato em 2026 se Bolsonaro não estiver no páreo. Entre os pontos a favor estão o potencial de Minas (segundo maior colégio eleitoral) e o fato de que Zema foi reeleito no primeiro turno. A sua gestão continua bem avaliada. Segundo pesquisa de abril pelo instituto Paraná, 65% aprovam seu mandato. Na disputa presidencial, há potencial: pesquisa Quaest do mesmo mês apontou que ele teria 31% dos votos em um segundo turno contra 43% de Lula. Viabilizar-se como candidato de oposição não será fácil. Enquanto Bolsonaro tende a insistir na sua candidatura, com a possibilidade de abrir mão na reta final para um membro da família *(leia a reportagem na pág. 28)*, boa parte do centro e da direita gostaria de ver Tarcísio no enfrentamento com Lula.

Zema tem outros problemas a superar. Um deles é o fato de estar em um partido pequeno que, em 2022, nem conseguiu cumprir a cláusula de barreira. A tentativa de dar um salto maior na política embute um risco, pois as pesquisas mostram que ele levaria facilmente uma vaga ao Senado. Também enfrenta dificuldades para fazer andar projetos importantes — não conseguiu tocar nenhuma grande privatização, como as da Copasa (saneamento) e da Cemig (energia). Além disso, vive em pé de guerra com o funcionalismo, que ocupou as ruas por reajuste salarial no início do mês. Até as forças de segurança — sua prioridade — fizeram ruidosos protestos. Segue ainda a novela dele sobre a encrenca da dívida com a União, que já chega a 165 bilhões de reais. Na última semana, ofereceu 343 imóveis, incluindo a sede do governo, a Cidade Administrativa, para aderir ao Propag (programa de renegociação federal).

Até pouco tempo atrás, Zema era dado como carta fora do baralho no jogo presidencial, mas a falta de consenso na direita abriu brecha para ele tentar se cacifar. Para muitos, o sucesso disso hoje parece improvável, mas vale sempre lembrar a famosa frase de que política é como nuvem, cunhada por um conterrâneo das Gerais, o ex-governador Magalhães Pinto: você olha está de um jeito, olha de novo e ela já mudou. Confiando que o horizonte ainda pode se abrir a seu favor, Zema deixou um pouco de lado a tradicional discrição mineira e, sem muito a perder neste momento, resolveu tentar pedir passagem. ■



LUIZ SANTANA/ALMG

OBSTÁCULOS Protesto de servidores: um dos problemas caseiros a superar



RICARDO RECH/PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL

TENSÃO Guarda civil na escola João de Zorzi, em Caxias do Sul: reforço após alunos atacarem docente durante uma aula

QUADRO DE ALERTA

Episódios de agressão e assédio com crianças e adolescentes crescem dentro e fora da escola, chocam o país e deixam as redes sociais ainda mais na mira do poder público **BRUNO CANIATO**

ERA TARDE de terça-feira, 1º de abril, quando uma turma de estudantes do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola municipal em Caxias do Sul (RS) assistiu, em pânico, a três colegas, com idades entre 13 e 15 anos, puxarem facas das mochilas durante a aula de inglês e atacarem a professora — que sobreviveu. Os alunos foram levados à polícia, que descobriu que o plano, movido pela vingança por repreensões disciplinares, fora combinado em conversas pelo Instagram. Em outro caso chocante, ocorrido no início de maio, em Uberaba (MG), uma menina de 14 anos de um colégio particular recebeu bilhete em sala de aula com a "sentença de morte" e, segundos depois, foi assassinada a tesouradas por um colega da mesma idade. A justificativa do autor dos golpes, segundo relato da polícia: "ela simbolizava a alegria que eu não tinha". Longe de serem episódios isolados, essas ocorrências fazem parte de um quadro mais amplo, terrivelmente brutal e cada vez mais presente no cotidiano das escolas brasileiras.

O caldeirão dessa realidade inclui variadas formas de violência, como agressão física, bullying e assédio. Em grande parte, esse cenário é alimentado pela crescente vulnerabilidade de crianças e adolescentes na internet, ambiente onde são expostos a uma cultura de ódio e se tornam presas fáceis para aliciadores, predadores e extremistas. Desde 2020, o Ministério dos Direitos Humanos recebeu quase 180 000 denúncias de violência presencial nas escolas envolvendo crianças e adolescentes, sendo que 85% delas foram registradas somente nos últimos três anos. Também houve outras 50 000 violações contra menores de idade especificamente no ambiente digital — tortura psicológica, exposição e erotização estão entre os crimes mais comuns, e os alvos mais frequentes são meninas de 12 a 14 anos. "O anonimato na web facilita o ódio às mulheres, que já existe na sociedade machista, e a mesma ideologia é usada para cooptar meninos, que vivem inseguranças naturais na adolescência, para reproduzir esses ataques", diz Pilar Lacerda, secretária nacional dos

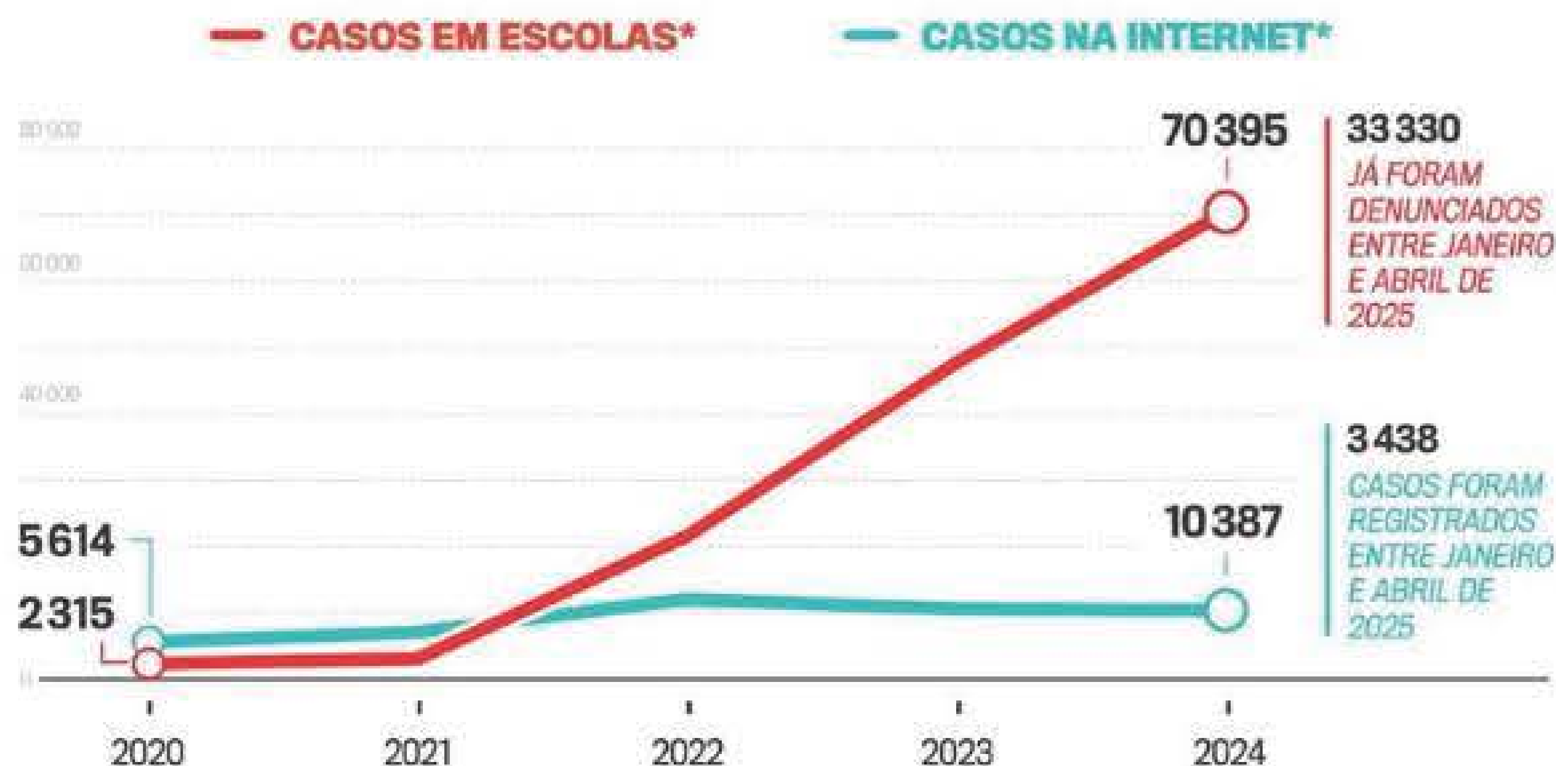
Direitos de Crianças e Adolescentes. Também crescem de forma alarmante os atentados extremos contra escolas, envolvendo armas de fogo, explosivos, facas e machadinhas: dos 42 registrados entre 2001 e 2024, dois terços ocorreram nos últimos dois anos, segundo pesquisa da Unicamp para a ONG D3E.

O diagnóstico do problema passa, invariavelmente, pelo uso excessivo das redes sociais por menores de idade sem a devida supervisão dos pais e educadores. Em canais sigilosos, crianças e adolescentes conversam livremente com estranhos e são bombardeados com conteúdos nocivos à saúde mental, incluindo exaltação a autores de atentados, vídeos explícitos de tortura e abuso sexual e glorificação do nazismo. A polícia do Espírito Santo investiga, por exemplo, um grupo de WhatsApp, denunciado em abril, no qual adolescentes discutiam formas brutais de matar uma colega de turma e atribuir o assassinato ao ditador alemão Adolf Hitler. Coordenadora do NetLab, projeto da UFRJ que monitora crimes na internet, a pesquisadora Débora Salles explica que o discurso apelativo e chocante é intrínseco às redes, cujo modelo de negócios é prender a atenção do usuário a qualquer custo. "Os algoritmos têm o efeito comprovado de dessensibilização à violência, o que é extremamente perigoso para adolescentes que vivem pressões sociais e buscam acolhimento em espaços virtuais", diz.

No âmbito da Polícia Federal, multiplicam-se operações contra grupos suspeitos de aliciar menores na web para violência e exploração sexual. Em ações lideradas pelo Ciberlab da PF, policiais infiltrados monitoram fóruns na deep web e canais fechados em redes como Discord e Telegram. O delegado Alessandro Barreto, que coordena o Ciberlab, relata casos de extrema barbaridade que circulam nessas comunidades, incluindo porno-

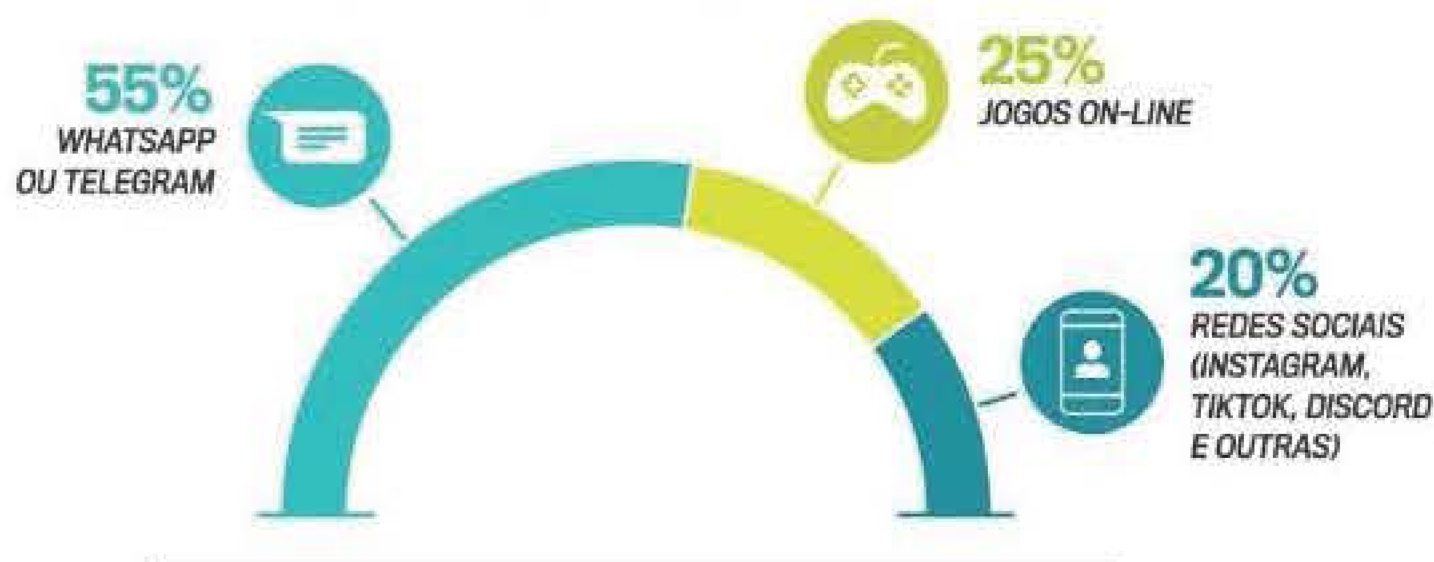
PERIGO CRESCENTE

A violência contra crianças e adolescentes nas escolas e na internet





ONDE OCORREM OS ASSÉDIOS



14

FORMAS DE VIOLÊNCIA FORAM REGISTRADAS EM INTERAÇÕES COM ESTRANHOS, INCLUINDO PEDIDO DE FOTOS E ENDEREÇO, MENÇÕES A PORNOGRAFIA, BULLYING, AMEAÇAS E TENTATIVAS DE EXTORSÃO, INVASÃO DE CONTAS E ROUBO DE IDENTIDADE

Fontes: *Violações denunciadas ao Ministério dos Direitos Humanos **Relatório ChildFund Brasil – pesquisa com 8 436 adolescentes divulgada em 15 de maio de 2025



DOR Enterro de menina de 8 anos no DF: "desafio do desodorante"

REPRODUÇÃO



NA MIRA Agente em ofensiva contra violência infantil: cerco cada vez maior

grafia infantil, crueldade com animais e aliciamento de garotas para sexualização e automutilação — um episódio, conta, envolvia um adolescente de 13 anos que "escravizava" ao menos dez meninas para cortar as próprias partes íntimas em lives. "O que vemos é uma insanidade nas redes, um cenário de incitação de crimes bárbaros para ganhar curtidas e popularidade nesses grupos", afirma. O panorama é perturbador: apenas em 2024, quase 50 000 páginas de venda e compartilhamento de abuso infantil foram denunciadas à SaferNet, que representa o Brasil em uma rede global de combate à pedofilia. "Esse tipo de conteúdo, antes restrito a canais obscuros, tem se tornado mais acessível a usuários comuns na web superficial", afirma Juliana Cunha, diretora da ONG.

Outra ameaça que acende um alerta são as "brincadeiras" perigosas de resistência física, popularmente chamadas de desafios, que circulam em redes como TikTok, Instagram e Kwai. "Jogos" do tipo levaram ao menos 56 menores de idade à morte no Brasil desde 2014, segundo o Instituto DimiCuida. O infame "desafio do desodorante", que consiste em inalação de aerossol, causou duas mortes em 2025 — as meninas tinham 8 e 11 anos, menos que a idade mínima de 13 anos para ter contas na maioria das plataformas. O Ministério da Justiça

TRAGÉDIA INFANTOJUVENIL

Sete casos emblemáticos envolvendo crianças e adolescentes em 2025

Bom Jardim (PE)
9 DE MARÇO

Brenda Sophia Melo de Santana, de 11 anos, sofre parada cardiorrespiratória em casa após inalar desodorante e morre antes de chegar ao hospital. Segundo a família, ela estaria participando de um "desafio" de resistência que circula nas redes sociais

Caxias do Sul (RS)
1º DE ABRIL

Três adolescentes, com idades entre 13 e 15 anos, são detidos após esfaquear uma professora de 34 anos em sala de aula. Investigações indicam que o ataque foi combinado em conversas no Instagram após os alunos serem repreendidos por bagunça na escola

Ceilândia (DF)
10 DE ABRIL

*Outra vítima do "desafio do desodorante", **Sarah Raíssa Pereira de Castro, de 8 anos,** é internada por inalação de aerossol e morre três dias depois. A suspeita da família e da polícia é que o "jogo" teria chegado à garota por meio do TikTok*



estuda mecanismos mais eficientes para verificação etária dos usuários, como biometria facial ou aplicativos de autenticação, e a adoção de classificação indicativa para canais específicos na internet. "Não existe esse controle por parte das plataformas, e é preciso garantir que crianças e adolescentes acessem espaços condizentes com suas capacidades psicossociais", diz Lílian Cintra de Melo, secretária de Direitos Digitais da pasta.

Diante da crise, ganham fôlego iniciativas das autoridades para fechar o cerco em torno das plataformas digitais. No Planalto, um novo projeto de lei para regulação das redes, elaborado por nove ministérios, aguarda o aval do presidente Lula para ser enviado ao Congresso. Enquanto o texto não sai, o advogado-geral da União, Jorge Messias, tenta pressionar o Supremo por medidas urgentes de responsabilização das big techs por conteúdos violentos, ilegais e falsos. Ele entrou com dois pedidos para a Corte antecipar mudanças no Marco Civil da Internet — que são discutidas em julgamento que soma três votos favoráveis — e endurecer o rigor com as plataformas. O caso estava parado desde o fim de 2024, após pedido de vista do ministro André Mendonça, mas será retomado na próxima quarta-feira, 4. Na Câmara, cresce a pilha de propostas para combater a violência em escolas e redes contra menores de idade, incluindo um pedido de CPI com apoio pluripartidário (da esquerda aos evangélicos) para investigar as plataformas. "A monetização da violência e da sexualização precoce prejudica diretamente a formação dos jovens e contesta valores fundamentais da escola e da família", diz Maria do Rosário (PT-RS), autora do requerimento. Já a Secretaria de Comunicação da Presidência lançou em março um abrangente guia para uso de telas por crianças e adolescentes. "O governo incentiva pais e professores a acompanhar os hábitos dos jovens na internet, mas a ação não será suficiente sem um ambiente regulatório adequado que amplie as responsabilidades das redes", avalia João Brant, secretário de Políticas Digitais.



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

PRESSÃO Messias: pedido para que o STF agilize processo sobre as redes

Do lado das plataformas, há uma retórica coordenada de que já existem os mecanismos de moderação e uma maior regulação seria prejudicial aos próprios usuários. Procuradas por VEJA, as empresas Discord, TikTok e Meta (dona do Instagram, Facebook e WhatsApp) enviaram comunicados detalhados sobre suas políticas de controle de conteúdo e parcerias com o governo e ONGs. Fato é que as ações das big techs não bastam para conter o problema, vide a crise de violações envolvendo crianças e adolescentes, que não dá sinais de retroceder sob as leis atuais. O quadro colocado é grave e exige articulação, responsabilidade e pulso firme — das empresas, da classe política, das famílias e da sociedade. ■



São Paulo (SP)
29 DE ABRIL

Menina de 15 anos é encontrada desacordada no banheiro de um colégio particular e internada. A polícia suspeita de tentativa de suicídio após racismo e chantagem por colegas, que ameaçaram vazar um vídeo em que ela fora forçada a beijar outro aluno

Domingos Martins (ES)
30 DE ABRIL

Em conversas no WhatsApp, adolescentes "brincavam" sobre planejar a morte de uma colega com um machado e um facão e faziam referências ao ditador nazista Adolf Hitler. Uma amiga da menina enviou as mensagens à mãe da vítima, que denunciou à polícia

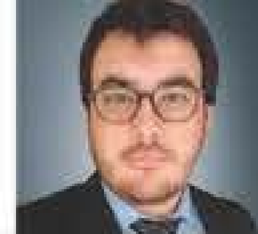
Uberaba (MG)
8 DE MAIO

*A estudante **Melissa Campos, 14 anos,** foi morta com golpes de tesoura durante uma aula por um colega da mesma idade. Além dele, outro menino, também de 14 anos, foi detido por suspeita de ajudar a planejar o ataque e a fuga. O motivo teria sido "inveja"*

Sapucaia do Sul (RS)
10 DE MAIO

Após denúncias de ameaças por colegas e professores, polícia prende garoto de 15 anos por suspeita de planejar ataque à escola. Nos equipamentos e cadernos do adolescente, havia esboços de armas, plantas do edifício do colégio e símbolos nazistas

POLÍCIA FEDERAL



PEDRO GIL



GUEDERT FILMS

NOVA FASE Antunes: Grupo Ecovix está prestes a sair da recuperação judicial

Saindo do estaleiro

O Grupo Ecovix, controlador do Estaleiro Rio Grande, na cidade gaúcha de mesmo nome, está prestes a encerrar um longo capítulo de sua história. Após quase uma década de ajustes, a empresa de **José Antunes Sobrinho** se prepara para sair da recuperação judicial ainda neste semestre. A dívida original somava 6 bilhões de reais, incluindo perto de 1 bilhão em tributos atrasados.

De volta ao mercado

A Ecovix assinou um acordo com o governo federal para repactuar a dívida tributária. O acerto permitiu à empresa obter a certidão negativa de débitos, documento essencial para voltar a disputar licitações públicas. Desde então, a Ecovix conquistou um contrato de 1,7 bilhão de reais com a companhia de logística Transpetro e agora mira um segundo, estimado em 7 bilhões de reais, também com a subsidiária da Petrobras.

Captação no radar

À espera do IPO (oferta pública inicial de ações, na sigla em inglês), a empresa de saneamento Aegea mantém conversas com diversos bancos para captar 6 bilhões de reais. A expectativa é ir à bolsa no fim deste ano ou no início de 2026 — e levantar entre 10 bilhões e 15 bilhões de reais.

Rumo à bolsa

Oficialmente, a Aegea informa que "um eventual IPO é uma possibilidade sempre avaliada pela empresa" e que o "acesso ao mercado público de ações é uma das alternativas a ser estudadas".

Vai ter negócio?

O empresário Nelson Tanure quer efetivar a compra do controle da Braskem. A Novonor pede 11 bilhões de reais por sua fatia na petroquímica, mas as propostas que chegaram foram de até 10 bilhões de reais. O valor não assusta Tanure, que, entre amigos, diz querer fechar o "maior deal do Brasil". A negociação se arrasta há mais de um ano.

Compra na baixa

O negócio, por incrível que pareça, é uma pechincha. Atualmente, o valor de mercado da Braskem é de 9 bilhões de reais, um sexto dos 54 bilhões alcançados no auge, em setembro de 2021. Procuradas por VEJA, a Braskem disse que não comenta o caso e a Novonor confirmou a negociação com Tanure.

Rede executiva

Maiores acionistas do grupo J&F, os irmãos Joesley e Wesley Batista querem ter maior presença digital. Joesley criou um perfil no Instagram e Wesley entrou no LinkedIn. O objetivo é incentivar os executivos da J&F a aparecer mais nas redes sociais para vender os produtos e a imagem do grupo.

Casamento bilionário

Em cinco anos de atuação no país, o banco de investimentos UBS BB já participou de cerca de 1 000 operações, incluindo fusões e aquisições, emissões de dívida e ofertas de ações. Desde 2020, quando foi firmado o acordo entre a instituição suíça e o Banco do Brasil, a parceria movimentou aproximadamente 500 bilhões de reais no mercado brasileiro.

Investimento fitness

O Rebels Ventures, fundo recém-lançado pelo empresário Rony Meisler e outros fundadores do grupo de moda Reserva, vai anunciar em junho o segundo investimento de seu portfólio. Nas últimas semanas, o fundo fez seu primeiro aporte. A escolhida foi a rede carioca de academias The Simple Gym.

Sociedade fechada

A ideia do Rebels Ventures é focar os investimentos nos setores de saúde e bem-estar e ter, no futuro, um portfólio formado por até quinze empresas. Fundos estrangeiros procuraram Meisler para entrar como sócios do negócio, mas ele recusou as ofertas. ■

PROJETO DA REDE D'OR INOVA NO ENFRENTAMENTO DE NOVAS DOENÇAS

Liderada por David Uip, Infectologia D'Or atuará no combate a desafios globais de saúde, como pandemias, novas moléstias e resistência aos antibióticos



Dr. David Uip: um nome de prestígio internacional à frente da Infectologia D'Or

A pandemia de covid-19 revelou o impacto de microrganismos e a vulnerabilidade dos sistemas de saúde globais diante de uma doença sem tratamento ou vacina disponível, ressaltando a necessidade do país estar preparado para identificar e agir no controle de novas ameaças e combater o aumento da resistência aos antibióticos.

Em resposta, a Rede D'Or, maior rede de saúde privada da América Latina, criou a Infectologia D'Or, sob a liderança do infectologista, professor e ex-secretário de saúde de São Paulo, David Uip. O projeto é estruturado em núcleos dedicados à vigilância epidemiológica de doenças emergentes e ao combate e prevenção da resistência antimicrobiana. "O Brasil enfrenta desafios globais e a Rede D'Or lançou uma iniciativa para mitigar esses problemas e reforçar a proteção da população", afirma ele.

Respeitado mundialmente por sua atuação no combate à AIDS e considerado uma das maiores autoridades em doenças infecciosas no Brasil, a chegada de Uip reforça o compromisso da instituição em garantir qualidade, segurança e avanços na medicina de excelência.

A força da capilaridade e da tecnologia

Todos os hospitais da Rede D'Or contam com comissões de controle de infecção hospitalar e, agora, a inclusão de uma coordenação nacional para um trabalho ainda mais detalhado e ágil.

A empresa já conta com tecnologias únicas na América Latina, como o laboratório de genômica com capacidade para sequenciamento genético, essencial para a identificação rápida de novos patógenos e o desenvolvimento de tratamentos eficazes.

Reforço à saúde pública

A Infectologia D'Or é uma iniciativa que fortalece o Sistema Único de Saúde (SUS) ao apoiar a detecção precoce de doenças e reforçar o combate a bactérias resistentes, um dos maiores desafios de saúde global, trabalhando em parceria com o Ministério da Saúde no enfrentamento de emergências sanitárias e beneficiando milhões de brasileiros.

"Agora, ambos os setores se auxiliam mutuamente, com uma integração essencial para a sociedade.", afirma Uip.

Um futuro mais seguro

A iniciativa já demonstra resultados, como a detecção precoce de surtos de doenças infecciosas e a implementação de medidas de controle. O Hospital São Rafael, em Salvador (BA), identificou recentemente um caso de cólera, doença considerada erradicada no Brasil, ajudando a conter sua disseminação.

"Em três dias, mantivemos o paciente isolado, identificamos o microrganismo e notificamos as autoridades sanitárias. Contar com uma equipe especializada para responder rapidamente e evitar a propagação da doença reforça nosso compromisso", relata a infectologista Ana Verena, diretora médica do Hospital São Rafael e membro da Infectologia D'Or.

LEIA O QR CODE E SAIBA MAIS



MAIS UM SUSTO

O aumento do IOF decretado por Lula para elevar a arrecadação e tapar o rombo fiscal causa espanto entre empresas e parlamentares, que se articulam para tentar derrubar a medida

MÁRCIO JULIBONI E **FELIPE ERLICH**

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

Conseguir algum tipo de unanimidade na política é quase impossível. O governo federal chegou bem próximo disso com o Decreto nº 12466, que foi assinado por Lula no último dia 22 e eleva a alíquota do imposto sobre operações financeiras (IOF) de diversas transações. A rejeição a ele foi quase unânime entre o empresariado, os economistas e os políticos, incluindo alguns da base aliada. Restou a Fernando Haddad a missão solitária de defender a medida em meio ao início de um levante no Congresso para derrubá-la. Nessa inglória tarefa, o ministro da Fazenda, cada vez mais isolado na pregação de responsabilidade fiscal dentro de uma gestão que pisa cada vez mais fundo na direção oposta, tem recorrido até ao argumento de que, sem a receita extra da nova alíquota do IOF, o governo terá de fazer um novo e mais severo contingenciamento de despesas, colocando em risco o funcionamento da máquina pública.

O episódio é espantoso em muitos aspectos. O primeiro é o seu objetivo confesso: aumentar a arrecadação em ao menos 18 bilhões de reais neste ano para ajudar o governo a cumprir a meta fiscal de zerar o déficit primário. Para tentar aplacar o mau humor geral, Fernando Haddad e a ministra do Planejamento, Simone Tebet, anunciaram que a medida será acompanhada por congelamento de gastos de 31 bilhões de reais. Mesmo essa decisão oculta alçapões típicos de casa mal-assombrada. O maior deles passou despercebido por grande parte dos analistas. Junto com o aumento do IOF e o corte de gastos, foi divulgada a primeira revisão do Orçamento

TRAPALHADAS EM SÉRIE

Da taxa das blusinhas ao Pix, os recuos viraram rotina no governo Lula

	TAXA DAS BLUSINHAS	DESONERAÇÃO DA FOLHA	MP DO PIS/COFINS	"TAXAÇÃO" DO PIX
A PROPOSTA	*Cobrar imposto sobre compras internacionais de até 50 dólares, até então isentas*	*Reonerar a folha de pagamento de 17 setores da economia*	*Restringir o uso de créditos tributários de PIS/Cofins por empresas*	*Novo ato da Receita Federal ampliaria o monitoramento de transferências via Pix para combater fraudes fiscais*
O RECUO	***Após críticas, o governo recuou com a condição de adesão das plataformas a um programa da Receita Federal; mais tarde, o imposto foi aprovado no Congresso***	***A proposta foi revogada dois meses depois de ter sido anunciada, por pressão do Congresso***	***Parte do texto foi impugnada pelo então presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, uma semana após a publicação***	***Após repercussão negativa e desinformação nas redes, a Receita desistiu da medida***



VOLTA ATRÁS Haddad e Tebet: após a péssima recepção, governo revogou a taxação sobre investimentos no exterior

de 2025 com uma projeção de arrepiar: apesar das medidas anunciadas, o déficit primário estimado para este ano saltou de 29,5 bilhões de reais para quase 77 bilhões. "As projeções oficiais indicam que o governo terá de se endividar em 47 bilhões de reais a mais que o originalmente orçado", afirma Alexandre Schwartsman, ex-diretor do Banco Central e colunista de VEJA *(leia o artigo na pág. 53).*

A própria escolha do IOF para arrecadar mais desperta fantasmas como o do controle de capitais. A primeira versão do decreto aumentava de 1,1% para 3,5% a alíquota para remessas de recursos ao exterior para investimento. Também passava a cobrar 3,5% sobre aplicações, até então isentas, de fundos nacionais lá fora. Foi o bastante para derrubar o Ibovespa, o principal índice da bolsa brasileira, e disparar a cotação do dólar. Diante das reações negativas, passadas algumas horas, o governo revogou esses trechos. Mas o que ficou preocupa.

Apresentado como mera uniformização de alíquotas, o decreto encarece o crédito às empresas, sobretudo as de menor porte, que não têm acesso a fontes mais baratas de recursos. "O IOF é um imposto de péssima qualidade, que pressiona os preços e os juros com um impacto social cruel", afirma Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central *(leia a entrevista em Páginas Amarelas).* Para a equipe econô-

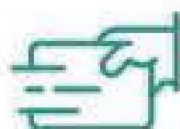


ISTOCK/GETTY IMAGES

ALÍVIO Pagamento com cartão: o imposto sobre as transações ficou menor

AS NOVAS REGRAS DO IOF

O que muda com a medida do governo



CÂMBIO E CARTÕES

Cartões internacionais: alíquota cai de 4,38% para 3,5%

Compra de moeda em espécie ou via conta internacional: alíquota sobe de 1,1% para 3,5%



CRÉDITO PARA EMPRESAS

Alíquota na contratação sobe de 0,38% para 0,95%



SEGURO E PREVIDÊNCIA PRIVADA

Aportes mensais acima de 50 000 reais passam a pagar 5% de imposto. Antes, havia isenção para todos



FUNDOS DE INVESTIMENTO NO EXTERIOR

Criação de uma alíquota de 3,5% (hoje são isentos), mas o governo desistiu após forte reação do mercado financeiro

mica, porém, isso não é um problema — muito pelo contrário. Ao restringir o crédito, o IOF mais alto esfriaria a economia e ajudaria o Banco Central a controlar a inflação, transformando um imposto em instrumento de política monetária. A argumentação não faz sentido para a grande parte dos especialistas. "Isso lembra a economia criativa que marcou o governo Dilma", ironiza Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV. "Todos sabem como isso acabou."

As empresas que precisam de crédito não são as únicas que sofrerão.



ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

OPOSIÇÃO Motta: o presidente da Câmara rejeitou publicamente o novo IOF

Ao encarecer o custo de capital, a nova tributação também dificulta os investimentos produtivos. Atualmente, aquelas com acesso às melhores fontes de recursos pagam de 19% a 21% ao ano. "Muitos já preferem deixar o dinheiro no caixa, porque não encontram investimentos viáveis", afirma Pablo Cesario, presidente da Abrasca, associação que reúne as companhias de capital aberto.

Reverter as medidas tornou-se uma bandeira que une o empresariado e a oposição a Lula no Congresso. Em nota pública, sete entidades que representam o setor privado, como as confederações do comércio, da indústria, da agricultura e das instituições financeiras, estimam que as novas alíquotas encarecerão os custos das empresas com operações de câmbio, crédito e seguros em 19,5 bilhões de reais ainda neste ano. Em 2026, a cifra deve subir para 39 bilhões de reais.

A disputa pode desembocar nos tribunais. Para os tributaristas, não faltarão argumentos. O primeiro é o desvio de finalidade do IOF, criado para regular distorções de mercado e usado agora como fonte de arrecadação. Outro exemplo são as operações de risco sacado em que fornecedores de uma empresa recebem o valor antes do prazo contratado por intermédio de um banco, que assume o papel de credor da companhia. Antes considerada uma forma de antecipação de recebíveis, a transação agora é classificada como concessão de crédito e sujeita, portanto, à tributação de 3,5% de IOF. "É um erro dizer que o risco sacado é crédito", diz o tributarista Paulo Bento, sócio do escritório Ma-



MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

MISSÃO COMPLICADA Palmeira: estratégias de marketing são inócuas para um governo que está sem rumo

drona Advogados. "Haverá uma enxurrada de ações judiciais."

No front político, um amplo bloco de congressistas se articula para rechaçar a elevação de imposto. É mais desgaste para o ministro Haddad e o próprio presidente da República. "Ninguém aguenta outro aumento da carga tributária", disse a VEJA o senador Renan Calheiros (MDB-AL), que preside a comissão de assuntos econômicos do Senado e é visto como um aliado de Lula. Uma nota conjunta de doze frentes parlamentares ligadas ao setor produtivo repudiou o decreto assinado por Lula, afirmando que o texto "apresenta questionável ilegalidade e possível inconstitucionalidade". Os signatários do manifesto defendem a aprovação imediata de um decreto legislativo apresentado pelo deputado federal Luciano Zucco (PL-RS), líder da oposição na Câmara, no mesmo dia em que as medidas foram anunciadas por Haddad e Tebet. Seu objetivo é anular o decreto de Lula.

Cabe agora ao presidente da casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), decidir se a matéria avançará. Num jantar na quarta-feira 28, ele avisou a Haddad que a Câmara pende para a derrubada do IOF e deu um prazo de dez dias para que o governo apresente uma alternativa à alta do imposto. Para desgosto de Sidônio Palmeira, o chefe da Secretaria de Comunicação Social de Lula, o episódio prova que o grande problema do Planalto não é melhorar o marketing. "Lula está sem rumo e improvisa", diz Gaudêncio Torquato, consultor político. Diante da unanimidade negativa que passou a colher com o anúncio do novo decreto, o governo só fez reforçar as críticas ao desgoverno — mais do que justas, por sinal. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

A ARTE DE EMPURRAR COM A BARRIGA

A primeira revisão do Orçamento de 2025 trouxe péssimas notícias

A ELEVAÇÃO DO IOF anunciada na semana passada foi uma trapalhada de livro-texto, motivando um não menos cômico (ou tragicômico) recuo ainda antes de o relógio bater a meia-noite daquele fatídico dia. Foi, portanto, o centro — aliás, merecido — tanto das atenções como das críticas.

Todavia, pouco se falou do anúncio principal daquela quinta-feira: a primeira revisão do Orçamento de 2025, que, da forma como entendo, revela um quadro muito mais grave do que as pessoas parecem se dar conta.

Ao que parece, a maioria dos analistas ficou satisfeita com o "congelamento" de 31 bilhões de reais de despesas (entre "bloqueio" e "contingenciamento"), acima dos 20 bilhões esperados naquele momento. Tão satisfeitos que não notaram dois aspectos cruciais acerca do anúncio.

Em primeiro lugar: a despeito dos supostos cortes de gastos, a despesa total na verdade aumentou em 5 bilhões de reais relativamente ao Orçamento aprovado há pouco mais de dois meses. Na prática, portanto, não houve qualquer corte, muito pelo contrário.

Adicionalmente, entre aumento de despesas e redução da estimativa de receitas (mesmo com o IOF mais alto), o déficit primário projetado aumentou e não por pouco. Em março ele era estimado em 29,5 bilhões de reais (0,2% do PIB); agora a projeção oficial se encontra próxima a 77 bilhões (0,6% do PIB), aumento superior a 47 bilhões de reais.

Muito embora seja possível descontar desse valor — para fins de aferição da meta fiscal — o pagamento de precatórios, ele é compatível apenas com o limite inferior da tal meta, não com o presumido "equilíbrio" prometido pela equipe do Ministério da Fazenda.

Como o aluno que tira a nota mínima "para passar", nossas autoridades miram no menor resultado possível, lembrando mais uma vez que isso corresponde a um buraco fiscal bem mais amplo, invocando certas (convenientes) interpretações legais que as impediriam, sabe-se lá o porquê, de buscar o centro da meta.

Dito com todas as letras, as projeções oficiais indicam que o governo federal terá que se endividar em 47 bilhões de reais a mais do que o originalmente orçado.

O motivo é conhecido: o aumento persistente das despesas obrigatórias, liderado pela expansão dos benefícios previdenciários. Por outro lado, a resposta governamental também é sabida: fingir que não é um problema e buscar novas fontes de receita para bancar gastos que crescem sem parar. Ah, sim, não para também de culpar o governo anterior, apesar de estar no poder há praticamente dois anos e meio.

"Com juro real de 7%, bem mais alto que o crescimento do PIB, a dívida pública deve seguir a trajetória de alta"

O limite, porém, dessa "estratégia" (do grego *strategía*, ou "a arte de empurrar com a barriga") está se tornando óbvio. A cada dia o Tesouro tem que pagar mais caro para convencer o distinto público a comprar seus papéis. Nos últimos seis meses a taxa de juro dos títulos de dez anos tem superado 7% ao ano, já descontada a inflação, o patamar mais elevado desde os estertores do governo Dilma.

Sem a perspectiva de superávits primários em qualquer horizonte razoável, com juros reais bem mais altos do que o crescimento do produto interno bruto, portanto da base de arrecadação, a dívida pública deve seguir em trajetória de alta. É preciso quebrar esse círculo, mas está claro que o atual governo não está preparado para isso. ■



SERENE LEE/SOPA IMAGES/GETTY IMAGES

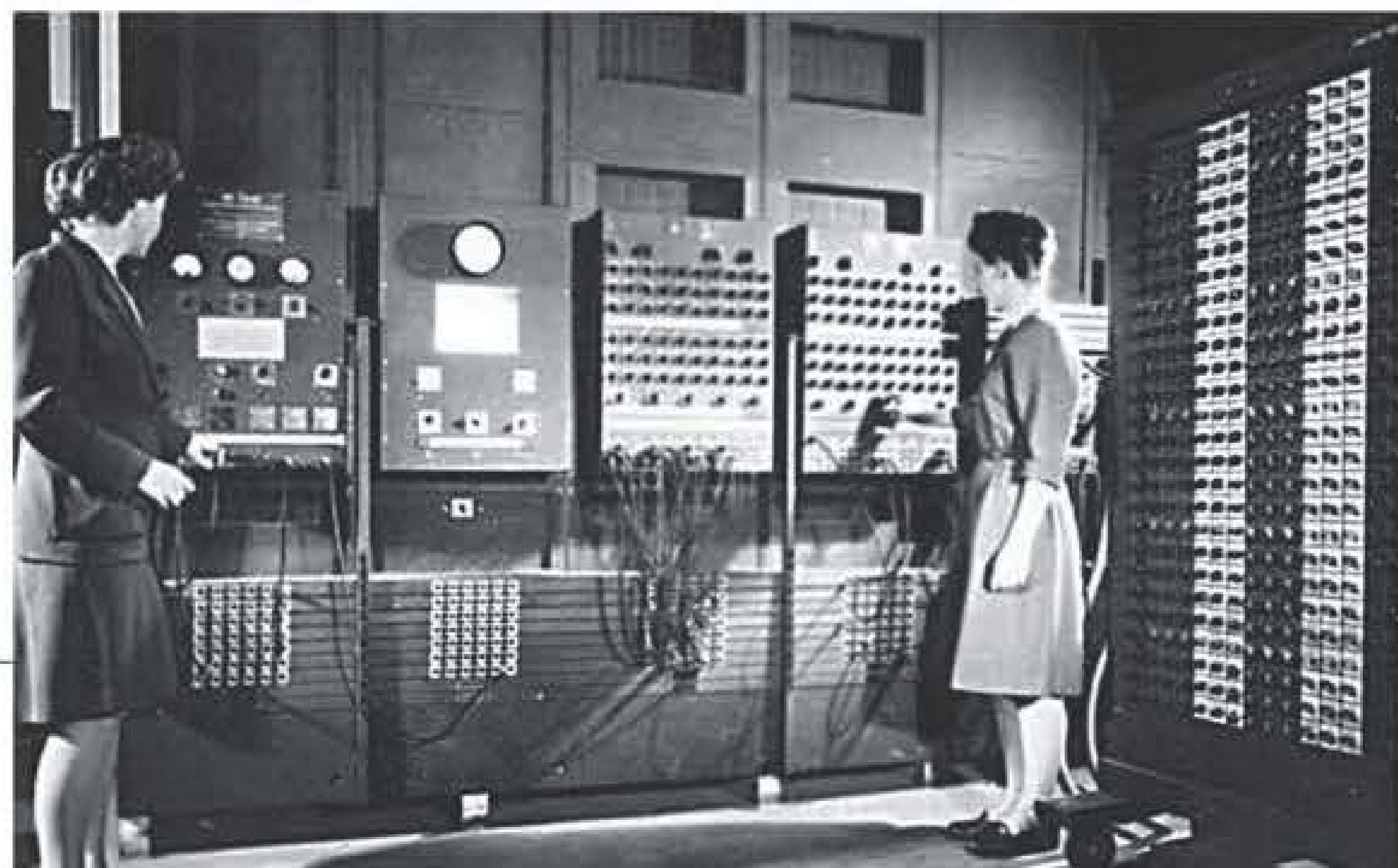
INFRAESTRUTURA ChatGPT: por trás da ferramenta, uma rede complexa de data centers espalhados pelo mundo

CARGA MÁXIMA

O avanço irrefreável da inteligência artificial impõe à humanidade um novo desafio: lidar com o alto consumo de energia exigido por sistemas cada vez mais potentes **JULIANA MACHADO**

A HISTÓRIA recente da humanidade é marcada pela corrida tecnológica. Dos mecanismos simples de 200 anos atrás chegamos à atual era dos computadores e aplicativos. E a sucessão de inovações não para, só ganha aceleração, multiplicando as conexões entre as pessoas e uma miríade de máquinas. Foi nesse terreno fértil que surgiu a inteligência artificial (IA). Por trás da evolução dos softwares, contudo, um novo desafio passou a chamar atenção: o enorme consumo de energia associado ao uso cotidiano de robôs que se comunicam com seres humanos. As raízes da IA conversacional remontam à década de 1960, antes mesmo de a internet existir. O primeiro chatbot da história, Eliza, criado no MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, simulava sessões com um terapeuta usando supercomputadores como o IBM 7094. Já naquela época, o processamento necessário para rodar o programa exigia uma carga energética comparável à demanda de vinte a quarenta residências.

Mesmo antes do IBM 7094, o consumo de energia já representava um obstáculo à evolução das máquinas. Um dos exemplos mais emblemáticos foi o Eniac, o primeiro supercomputador digital, eletrônico e programável, desenvolvido durante a Segunda Guerra Mundial, que consumia energia equivalente à de setenta residências funcionando simultaneamente. Desde então, o mundo avançou, a inteligência artificial ganhou complexidade, mas a demanda energética permanece como



U.S. ARMY

PIONEIRO Eniac, o primeiro computador digital: conta de luz elevada já era um problema

uma equação a ser resolvida. Sustentar o progresso de ferramentas como o ChatGPT exige uma infraestrutura portentosa. "Nas décadas de 1950 e 60, os computadores eram ineficientes e consumiam muita energia, mas o impacto global era marginal", diz Marcos Paraiso, vice-presidente da empresa Modular Data Centers. "Hoje, a escala é completamente diferente, com volumes gigantescos de energia envolvidos."

Apesar dos avanços tecnológicos, o consumo de energia associado ao desenvolvimento da inteligência artificial segue como uma preocupação crescente. De acordo com a Agência Internacional de Energia, 1,5% de toda a eletricidade gerada no mundo em 2024 foi sugada por centros de processamento de dados, os data centers, e a expectativa é de que essa parcela dobre até 2030, alcançando 3%. Os data centers são instalações físicas que concentram milhares de servidores e outros aparelhos responsáveis por armazenar, processar e distribuir dados em larga escala. Eles funcionam como o "cérebro" digital das empresas de tecnologia. O desafio, porém, não está apenas na expansão das fontes de energia: o consumo de água para resfriamento das máquinas também se tornou um fator crítico.

Diante desse cenário, os investimentos têm se multiplicado. A Meta, controladora do Facebook e do Instagram, já anunciou planos para comprar 650 megawatts de energia solar da americana AES. No balanço mais recente da companhia, Mark Zuckerberg deixou claro que a infraestrutura necessária para sustentar a IA é prioridade. A Microsoft, de Bill Gates, segue na mesma direção: recentemente, fechou um contrato de vinte anos para comprar 100% da energia produzida pela usina nuclear Three Mile Island, na Pensilvânia, com o objetivo de abastecer seus centros de dados.

Apesar de seu histórico limitado no desenvolvimento de tecnologias de ponta, o Brasil desponta na linha de frente da nova corrida energética. Com um parque gerador robusto, matriz diversificada e alta participação de fontes renováveis, o país reúne condições ideais para atrair investimentos bilionários em complexos voltados à inteligência artificial. "O desafio é que ainda não temos uma economia tão ágil, capaz de construir infraestrutura em ritmo acelerado e oferecer o grau de segurança jurídica e operacional que grandes data centers exigem", afirma Pedro Rodrigues, diretor da consultoria Centro Brasileiro de Infraestrutura.

A situação atual justifica a corrida das empresas em busca de novas fontes de suprimento, mas há precedentes na história mostrando que situações do tipo acabam sendo contornadas depois de um tempo com a criação de equipamentos mais eficientes. Os smartphones são um bom exemplo: fazem milhões de operações por segundo com consumo ínfimo de energia, o que é resultado de décadas de aperfeiçoamento. "Cada vez que se cria algo que demanda muita energia, a indústria é forçada a repensar processos e buscar caminhos alternativos", afirma Marcos Paraiso, da Modular Data Centers. Os próximos avanços da inteligência artificial não dependem apenas de algoritmos mais engenhosos, mas também da capacidade humana de reinventar a própria base energética que sustenta o futuro digital. ■



DAVID RYDER/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

NOVA ERA Bill Gates: a Microsoft aposta cada vez mais em fontes limpas

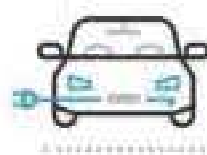
ALTA POTÊNCIA

A nova era digital vem acompanhada de um consumo energético cada vez maior

EM UM ÚNICO DIA, O CONSUMO DE ENERGIA DO CHATGPT EQUIVALE A:



CARREGAR **20 MILHÕES DE SMARTPHONES**

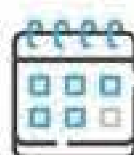


CARREGAR **10 000 CARROS ELÉTRICOS**

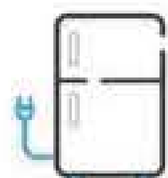


SUPRIR O GASTO DIÁRIO DE **30 000 RESIDÊNCIAS**

A ENERGIA USADA EM UMA ÚNICA TRANSAÇÃO DE BITCOIN EQUIVALE A:



43 DIAS DE CONSUMO DE UMA RESIDÊNCIA NOS EUA



MANTER UMA **GELADEIRA LIGADA** POR **3 ANOS**



USAR AR-CONDICIONADO POR **8 HORAS DIÁRIAS** DURANTE **132 DIAS**

Fontes: *IEA, Digiconomist e OpenAI*

O MURO DO ENSINO

Na cruzada para impor seu filtro ideológico a universidades como Harvard, o governo americano escala um degrau ao tentar impedir a presença de alunos estrangeiros

CAIO SAAD E **ERNESTO NEVES**



Fundada em 1636, antes mesmo da independência dos Estados Unidos, a Universidade Harvard vem há décadas encabeçando os rankings globais da excelência por sua respeitável folha de serviços prestados ao conhecimento, que ali viceja nas mais distintas áreas do saber. Do campus fincado na pequena Cambridge, ao lado de Boston e vizinho de outros pesos-pesados da academia, como o MIT, emergiram inventos que mudaram o curso da história, como o desenvolvimento da vacina contra o sarampo e os processadores quânticos que deram novas feições à corrida tecnológica. Ao todo foram 161 prêmios Nobel concedidos a gente que por lá encontrou incentivo ao pensamento inovador e os recursos para lhe dar asas.

Nas últimas semanas, e por motivo bem menos nobre, Harvard foi sugada ao centro das atenções: virou o símbolo das políticas conservadoras capitaneadas pelo governo Donald Trump que, em seu conjunto, empurram o ensino superior americano a uma tutela jamais vista à liberdade nos mais variados escaninhos da vida universitária. A mais recente delas, anunciada no dia 22, mira os estudantes estrangeiros, fonte vital na engrenagem financeira dessas instituições seculares, e peça fundamental na teia que conduz à qualidade. “Sem eles, Harvard não seria Harvard”, resumiu o reitor, Alan Garber.

Depois de Trump dizer que a universidade não seria merecedora de recursos federais por disseminar “ódio e estupidez” e contratar “idiotas de esquerda radical”, disparos seguidos de um corte de bilhões de dólares em repasses federais, a Casa Branca revogou a licença de Harvard para matricular estrangeiros, que representam um terço dos alunos. Um dia depois, a decisão foi derrubada na Justiça, em um imbróglio que deve se arrastar. Mas as consequências são imediatas. Em terreno movediço, sem saber o dia de amanhã, os observadores avaliam que jovens mundo afora pensarão duas vezes antes de escolher Harvard e outras instituições de ensino em solo americano.

Em sua cruzada, o governo escalou ainda mais o tom na terça-feira 27, ao ordenar às embaixadas, a do Brasil incluída, que suspendam agendamentos de entrevista de visto para estudantes. A razão, segundo documento oficial, é ganhar tempo para implementar um sistema que fará uma varredura nas redes sociais de todos que pleiteiam uma vaga universitária. “Estrangeiros que trabalham para minar os direitos dos americanos não devem ter o privilégio de vir para o nosso país”, pronunciou-se o secretário de Estado, Marco Rubio, que horas mais tarde anunciou uma revogação “agressiva” de vistos de estudantes chineses ligados ao Partido Comunista ou envolvidos em “áreas críticas”.

Para justificar o cerco às universidades, trumpistas de plantão alegam que elas seriam terreno livre para a disseminação do antissemitismo e palco de injustiças a talentos que estariam sendo desfavorecidos em nome



NO TOPO Campus de Harvard: a qualidade viceja em meio a talentos de todas as nacionalidades

ISTOCK/GETTY IMAGES



IAN MAULE/GETTY IMAGES

DEDO EM RISTE Trump: ataque sem precedentes à autonomia das instituições

dos exageros da cultura woke, pronta para privilegiar minorias a todo custo. Há um reconhecimento de que, na necessária caminhada histórica rumo à inclusão de camadas da sociedade sempre postas do portão para fora do ensino superior, a começar pelos negros, excessos foram, e ainda são, de fato cometidos. O que não justifica a perseguição à ideia essencial da diversidade, que o próprio Trump combate ao exigir a extinção de toda e qualquer política universitária guiada por essa lupa. "As políticas ilegais de diversidade minam os valores americanos tradicionais de trabalho duro e realização individual em favor de um sistema corrosivo e pernicioso", discursou recentemente, em tom abusado.

O estrago, é natural, se espalha. A Universidade Columbia, em Nova York, também está na mira. Ela foi acusada por Trump de "violar direitos civis de alunos judeus". Pode, sim, ter ocorrido por parte de uma minoria radical dos jovens de lá em meio a protestos que atingiram fervura máxima no ano passado — nunca por parte da instituição. Mesmo assim, ao contrário de Harvard, Columbia se dobrou a exigências sem precedentes, tais como trocar a chefia do departamento de estudos do Oriente Médio, sem ter se livrado da tesoura que, também ali, podou recursos federais.

As incertezas sobre até onde vai a mão pesada trumpista já faz cientistas terem receio de tocar pesquisas em áreas que possam soar inadequadas ao governo e espalham medo entre estudantes estrangeiros, que relatam ter preventivamente deletado postagens nas redes. Uma aluna brasileira da pós-graduação de Columbia, que prefere se manter no anonimato, contou a VEJA que orientadores de certos departamentos aconselham estudantes estrangeiros a não viajar agora a seus países de origem. "Disseram que, se fôssemos barrados na imigração, a universidade não poderia fazer muita coisa e todo o nosso esforço seria jogado fora", diz.

O episódio de Harvard, que segundo o governo estaria sonegando dados dos estrangeiros, não apenas impacta o percurso de 1 milhão de universitários (quase 20 000 brasileiros) vivendo hoje nos Estados Unidos, como abala um filão que gera 44 bilhões de dólares à economia. Muitos levantamentos já demonstraram quão valiosa é a multidão forasteira para fazer girar o PIB, por ser, na média, mais propensa ao risco e ao empreendedorismo. Um relatório da Fundação Nacional para a Política Americana enfatiza que cerca de 25% das empresas nos Estados Unidos, com valor mínimo de 1 bilhão de dólares, tiveram como fundador um estrangeiro com diploma de alguma universidade do país. Nesse rol consta Elon Musk, nascido na África do Sul e o mais rico de todos, e Eduardo Saverin, o brasileiro que ajudou a criar o Facebook. O físico alemão Albert Einstein, que exerceu sua genialidade em Princeton, é exemplo-mor de um panteão inesgotável de portadores de diferentes passaportes que deram nova estatura ao saber na América *(veja o quadro abaixo)*. "Talentos como o russo Sergey Brin, do Google, chegaram aqui como estudantes e mudaram para sempre a economia", observa o economista Raghu-



STEVE SANCHEZ/SIPA USA/AP/IMAGEPLUS

PANTEÃO FORASTEIRO

Personalidades de diferentes tempos fizeram a ciência avançar nos Estados Unidos



GADO/GETTY IMAGES

ALBERT EINSTEIN (1879-1955)

Em Princeton, o físico alemão que virou sinônimo de genialidade deu passo crucial em pesquisas sobre a energia nuclear



LIONEL HAHN/GETTY IMAGES

SERGEY BRIN

Foi em meio à efervescência inovadora de Stanford, na Califórnia, que o jovem russo fundou o Google ao lado de Larry Page



TAYLOR HILL/GETTY IMAGES

KATALIN KARIKÓ

A bioquímica húngara fez estudos que levaram à vacina de RNA da covid-19 na Pensilvânia e ganhou o Nobel



REAÇÃO Multidão em Nova York: protesto contra a perseguição a estrangeiros de Columbia

ram Rajan, da Universidade de Chicago. Ele está coberto de razão.

Desde o fim da Segunda Guerra, os Estados Unidos transformaram suas universidades em motores da inovação, embaladas por um contingente que afluía de territórios devastados, sobretudo da Europa. O país adotou, então, uma sólida política de atração de talentos globais — uma parcela deles fez carreira, produziu conhecimento e nunca mais retornou à pátria natal. Essa turma contribuiu para o fortalecimento das instituições e também se beneficiou dele. Dos anos 1980 em diante, mudanças na legislação permitiram que as universidades tivessem direitos sobre invenções financiadas com dinheiro público, o que fomentou a criação de startups e centros de inovação em torno dos quais floresceram ecossistemas como o Vale do Silício, na Califórnia. O ensino superior se converteu em potente manivela do crescimento e ferramenta de soft power, à medida que os estrangeiros passaram a irradiar ideias e iniciativas que ali circulavam.

É essa engrenagem que agora se vê na mira. "Ao querer impor filtro ideológico às universidades, o governo atropela a Primeira Emenda e a liberdade de expressão que ela tão radicalmente protege", disse a VEJA Lee Bollinger, uma das mais respeitadas autoridades no assunto, que por vinte anos ocupou a cadeira de reitor em Columbia. Segundo ele, nem mesmo nos sombrios tempos do macarthismo, na década de 1950, a perseguição ao livre pensar teve a envergadura de agora. "A questão hoje é que não se trata da ação de um senador, como Joseph McCarthy, mas de um Executivo em pleno poder, punindo opositores e instituições por seus pontos de vista", diz. Reverter o cenário levará tempo. Por ora, 75% dos professores baseados em instituições americanas declaram cogitar uma mudança de ares e 42% dos estrangeiros interessados em estudar nos Estados Unidos recalculam a rota. Enquanto isso, países se mexem para atrair os talentos desencantados com a América, caso de França, China e até do Brasil, que já avisou estar de portas abertas para pesquisadores de fora. De todas as frentes de batalha abertas por Trump, essa talvez seja a mais perigosa por travar a marcha do conhecimento. ■



BOB SCHUTZ/AP/IMAGELLUS

MÃOS DE FERRO O senador McCarthy, nos anos 1950: caça às bruxas

VIDA DURA NO FOGÃO

THIAGO OLIVEIRA, 40 anos, apresentador de TV, se equilibra na ponte aérea para estar todo sorrisos aos sábados pilotando panelas no matutino *É de Casa,* na Globo. Cruza os céus entre São Paulo e Rio na véspera, deixando a mulher e a filhinha de 2 anos. Resoluto, porém, não se queixa. "Escolhi isso para minha vida desde criança", conta. No ar, ele fica às voltas com uma parrilha e ensina de tudo sobre como extrair o melhor da grelha. Os deslizes são inescapáveis. "Claro que já me queimei e esqueci do bacon numa farofa de bacon", entrega Thiago, que foge de comparações com Ana Maria Braga, a colega de emissora que há muito mais tempo maneja as caçarolas na TV. "Sem essa, ela é única", elogia.


INSTAGRAM @THIOLIVEIRAS


INSTAGRAM @ALICEWEGMANN

NEM SEMPRE TEREMOS PARIS

Escalada para o papel da diretora criativa Solange Duprat no remake de *Vale Tudo,* **ALICE WEGMANN,** 29 anos, era aposta para atrair uma jovem audiência com a mocinha à qual a sumida Lídia Brondi deu vida na primeira versão da trama das 9. "É uma personagem que conversa muito comigo", diz Alice, que, por ora, anda arrancando toda sorte de críticas nas redes sociais. Ganhou até apelido: "esquerdochata". O atual alvo de irritação da impiedosa plateia virtual é o bordão "sou resistência", que Alice martela na novela, além de, na pele de Solange, ter esnobado um convite, que lhe soou demasiado burguês, para ir morar em Paris. "Sou 100% inspirada por ela. Apesar de muito firme, tem uma linda delicadeza", defende a atriz, ainda acreditando que o tempo fará a boa moça cair no gosto do público.



Com reportagem de Giovanna Fraguito e Nara Boechat

POSTOU E NÃO PAGOU

Ao surgir sorridente no prestigiado American Music Awards, **JENNIFER LOPEZ,** 55 anos, não deixou entrever a dor de cabeça judicial que anda enfrentando. Tudo porque, sem se dar conta do risco embutido, resolveu postar duas fotos em que aparece numa festa do circuito hollywoodiano. Mal sabia ela que acabaria sendo processada por violação de direitos autorais pelos donos da imagem — o fotógrafo Edwin Blanco e a agência que o representa. O argumento é que a cantora publicou as imagens sem qualquer autorização. "As fotos foram usadas para promovê-la, aumentar o engajamento dos usuários e dar credibilidade a seu conteúdo patrocinado", diz o texto, sob a análise dos tribunais. A ação pode custar uns 2 milhões de reais. E Jennifer, claro, não se pronunciou.



INSTAGRAM @JLO

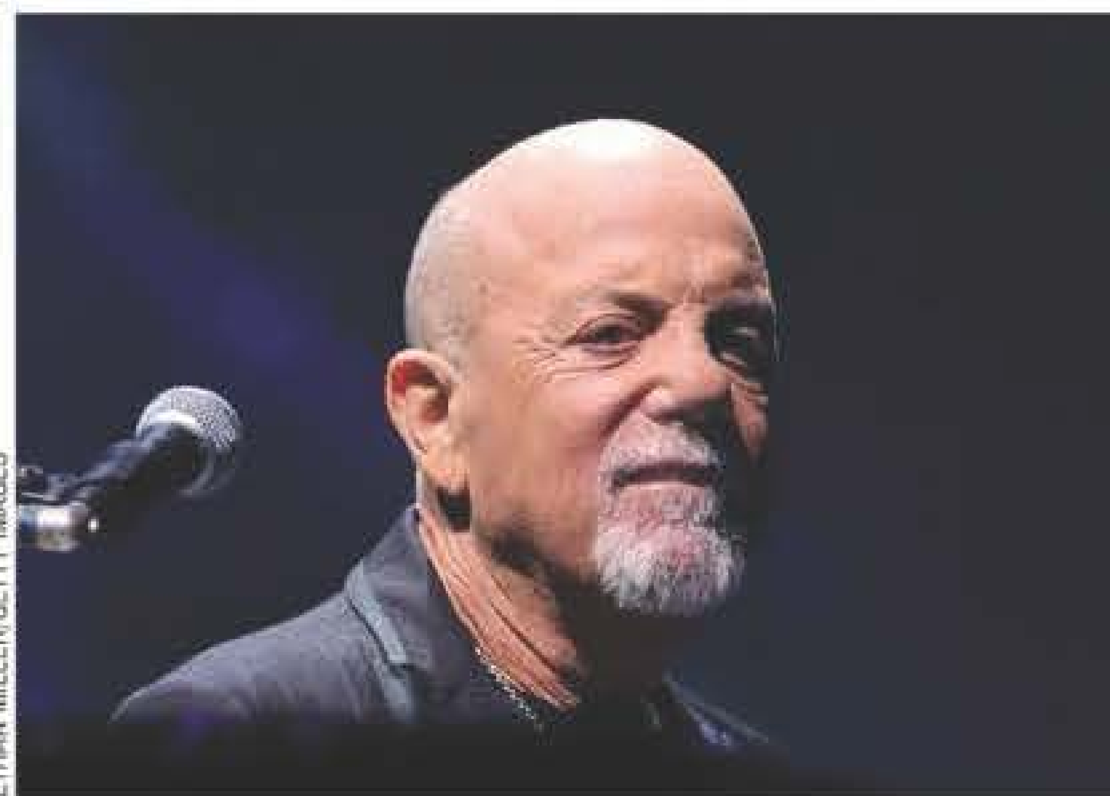


REPRODUÇÃO

DANDO A CARA A TAPA

Poderia ser mais um desembarque protocolar em solo estrangeiro, mas a chegada de **EMMANUEL MACRON,** 47 anos, ao Vietnã teve direito a muito mais. Ainda dentro do avião, as câmeras flagraram a primeira-dama **BRIGITTE MACRON,** 72, aplicando no marido algo que muito se parecia com um tapa. E logo começou um festival de versões em torno da insólita imagem. O Palácio do Eliseu primeiro disse se tratar de obra da inteligência artificial, mas aí precisou se render à comprovada veracidade do material. "Foi um momento de cumplicidade, prato cheio para dar força aos teóricos da conspiração", suavizou a nota oficial. Já o assessor do mandatário francês enveredou por outra via: tudo não teria passado de "uma inofensiva briga de casal". O próprio Macron, que desta vez fez bico ao se pôr sob os holofotes de que tanto gosta, viu-se obrigado a dar satisfações: "Estava discutindo, ou melhor, brincando com minha esposa. Não é nada", garantiu. Quem diria que um pouso de rotina na Ásia daria tanto o que falar.

NA ALEGRIA E NA TRISTEZA



ETHAN MILLER/GETTY IMAGES

Duelando contra uma doença rara, **BILLY JOEL,** 76 anos, precisou cancelar um giro pelos Estados Unidos, onde faria quase vinte apresentações. Em um comunicado, o músico contou que a hidrocefalia de pressão normal (HPN) se agravou, trazendo problemas de audição, visão e equilíbrio. Em tratamento intensivo à base de muita fisioterapia, não tem lhe faltado apoio dos mais chegados. "Por favor, cuide bem de você, todos queremos te ver de volta naquele holofote intenso, você é o nosso piano man", postou sua ex-mulher, Christie Brinkley, que foi casada com o cantor por uma década e com quem tem uma filha. "Bill está no centro do nosso mundo", derreteu-se a atual companheira, Alexis Joel. Aos fãs, Billy disse acreditar que logo estará nos palcos. ■

A IDADE DE OURO

Por meio de pistas em certos órgãos, estudos mostram que pode haver uma grande diferença entre o tempo de vida cronológico e o biológico. Minimizá-la é a chave para viver mais e melhor

LUIZ PAULO SOUZA

Imagine a seguinte cena: o paciente chega a um centro de exames para um check-up. Passa por um scanner de ressonância magnética direcionado ao tórax, treinado por recursos de inteligência artificial. E descobre que seu coração é cinco, talvez dez anos mais velho que aquilo que seria previsto pela idade estampada no RG. Parece um mundo futurista, mas ele já está bem próximo da realidade. É o que um grupo internacional de cientistas da Universidade de East Anglia, no Reino Unido, acaba de identificar ao submeter a testes centenas de voluntários, entre indivíduos saudáveis e outros com doenças crônicas como obesidade, diabetes e pressão alta. A idade biológica do coração não mente: quem estava exposto a fatores de risco de fato envelheceu mais rápido. Esse tipo de informação poderá ajudar a engajar pessoas em cuidados e tratamentos e guiar pesquisas com o objetivo de desacelerar o relógio cardíaco — e o de outros órgãos.

O experimento recém-divulgado é exemplo notório de um campo de investigação biomédica que procura elucidar os descompassos entre a idade biológica e a cronológica, um dado cristalino de que o organismo não está na melhor rota para a longevidade. É o mais novo capítulo de uma história antiga, que remete à busca de uma suposta fonte da juventude. Se o conquistador espanhol Ponce de León liderou uma expedição atrás desse sonho pelo Novo Mundo no século XVI, foi movido por ideias plantadas muito tempo antes entre inúmeras culturas e registradas por nomes como o grego Heródoto. Entre elixires, banhos e outras prescrições, porém, até hoje nenhuma fórmula infalível foi encontrada. O que está certo é que, se queremos encontrar ao menos diretrizes para brecar os ponteiros internos, o primeiro passo é entender o envelhecimento.

Nesse contexto, com apoio de ferramentas de biologia molecular e o apuro dos algoritmos, despontam trabalhos interessantes sobre a idade biológica, aquela que reflete quão "gasto" você está por dentro, enquanto seu documento de identidade insiste em contar outra história. Todo mundo sabe que o passar do tempo aumenta a propensão a uma série de doenças,

ISTOCK/GETTY IMAGES

DE PONTA De genética a IA: organismo cada vez mais monitorado

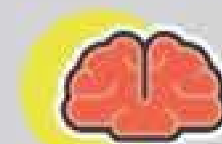
DEDOS-DUROS DO CORPO

O que os cientistas podem examinar para identificar a idade biológica



CORAÇÃO

- *Ritmo de batimentos cardíacos*
- *Nível de colesterol no sangue*
- *Pressão arterial*



CÉREBRO

- *Ondas elétricas dentro do crânio*
- *Imagens de regiões captadas por ressonância magnética*
- *Estado cognitivo*



FÍGADO

- *Substâncias produzidas pelo órgão e presentes no sangue*



CÓDIGO GENÉTICO

- *Alterações reversíveis nos genes*
- *Tamanhos das extremidades dos cromossomos (telômeros)*

Fontes: *ESC, eBioMedicine* e *Nat Rev Genet*



mas por que algumas pessoas encaram panes cardíacas ou cerebrais aos 50 anos e outras chegam aos 90 incólumes? A ciência tem mostrado que cada um envelhece em um certo ritmo e compreender o que acelera ou desacelera esse processo, no nível dos órgãos, das células e dos genes, pode ser uma das chaves da vida longa. "Há cada vez mais estudos que medem a idade biológica tanto em pacientes com câncer ou insuficiência cardíaca como em áreas como a dermatologia, e seus achados podem ser úteis para entender a melhor abordagem a cada paciente", disse a VEJA Evelyne Bischof, vice-presidente da Sociedade de Medicina da Longevidade Saudável.

Para essa pesquisadora de Xangai, na China, as ferramentas que auxiliam a delatar o tempo de vida do corpo deverão ser incorporadas, muito em breve, aos exames de rotina. O pulo do gato (e o desafio) é saber onde encontrar "dedos-duros" confiáveis e aptos a revelar a idade do coração, do cérebro ou do fígado, por exemplo. A tecnologia pode facilitar a vida nesse sentido — e nem é preciso recorrer a métodos ultrassofisticados. Em um estudo publicado pela Sociedade Europeia de Cardiologia, com dados de meio milhão de pessoas, especialistas demonstraram ter conseguido criar uma forma de calcular a idade cardíaca com base apenas em eletrocardiogramas, um exame muito acessível. Já na Universidade do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos, equações montadas em cima de ressonâncias magnéticas do crânio permitem estimar quão velho está o cérebro. Técnicas semelhantes, sempre recorrendo aos algoritmos, podem ser empregadas para os pulmões, o pâncreas e até a pele. Entender as discrepâncias entre o número atingido e o esperado ajudará a apontar, para médicos e pacientes, a necessidade de zelar melhor por determinado órgão. Os pulmões estão caducando? Pare de fumar. O coração está combalido? Comece a tomar alguns remédios. E por aí vai...



VELHOS TRUQUES Sabedoria milenar: dieta equilibrada e comedida é aliada do envelhecimento saudável

Muito além de regiões específicas do corpo, cientistas quebram a cabeça para achar marcadores moleculares capazes de cravar a idade biológica com mais precisão. O alvo são diversos fenômenos que ocorrem sem nos darmos conta — da oxidação de proteínas ao encurtamento dos pezinhos dos cromossomos que embalam nosso DNA, os telômeros. "O ideal é juntar num exame o maior número possível desses marcadores", diz o geneticista Hugo Aguilaniu, diretor-presidente do Instituto Serrapilheira. "Mas ainda não chegamos lá." Hoje, as pesquisas para encontrar essas substâncias de referência caminham a passos largos e até já existem, sobretudo fora do Brasil, testes comerciais que prometem fazer esse tipo de avaliação. O problema é que cada um desses exames dá uma informação diferente para o usuário e, por enquanto, ninguém sabe ainda como juntar as peças, muito menos o que fazer com elas.



OLENA MALIK/MOMENT/GETTY IMAGES

PÍLULA DA JUVENTUDE? Busca sem fim: até remédio para diabetes é estudado

É questão de tempo. Com o apoio da inteligência artificial, sempre ela, os experts vislumbram não só o encontro de novos e melhores biomarcadores como também a criação de técnicas mais efetivas para vasculhar, nos genes e nas proteínas codificadas



E+/GETTY IMAGES

VIDA LONGA

Algumas estratégias podem desacelerar o envelhecimento fisiológico



COMPROVADO

- *Exercício físico*
- *Sono regular*
- *Alimentação balanceada e rica em antioxidantes*
- *Tratamento de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão*



EM INVESTIGAÇÃO

- *Restrição calórica*
- *Interação social*
- *Remédios (metformina e rapamicina)*
- *Suplementação (vitamina D e ômega-3)*

Fontes: *NIH, Cell-Met e AAD*

por eles, pistas que indicam um envelhecimento penoso ou adequado. A grande questão que paira no ar é que, embora essas ferramentas de predição da idade biológica estejam prestes a ganhar a realidade, ainda existem poucas estratégias eficientes e assertivas para desacelerar ou mesmo reverter o tempo das células. Sabemos que o estilo de vida interfere no cronômetro vital, mas não haveria um atalho para conservar nossos órgãos com uma injeção ou um comprimido? Nos anos 1990, pesquisadores identificaram genes responsáveis por uma longevidade maior — desde então, buscam-se moléculas capazes de se comportar como eles, de preferência administradas em pílulas. Experiências com animais já mostraram que, por incrível que pareça, é possível estancar o ritmo de desgaste utilizando inclusive drogas disponíveis há anos no mercado. Um exemplo é a metformina, remédio antigo e barato para controlar o diabetes. A dificuldade é que, para testar e comprovar essa hipótese em seres humanos, precisaríamos de um estudo clínico de longuíssimo prazo e sujeito a inúmeras discussões éticas.

Se por um lado uma fórmula química *antiaging* não vai chegar tão cedo até nós, por outro já começamos a ter algumas coordenadas para chegar mais longe e de forma ativa. Embora os genes tenham um papel na longevidade, calcula-se que 70% do envelhecimento esteja ligado a fatores ambientais e comportamentais. Manter as interações sociais, cuidar da saúde mental e evitar comer em excesso são medidas comprovadamente benéficas. “E as recomendações que as nossas avós nos davam continuam sendo eficazes”, diz o biomédico Evandro Araújo de Souza, pesquisador da USP, apoiado pelo IDOR Ciência Pioneira. O cientista se refere a boas noites de sono, uma dieta equilibrada (com mais comida de verdade e menos fast food), rotina de atividade física e consultas médicas em dia. Não é nenhum protocolo misterioso, mas já ajuda a renovar as células e a combater as principais enfermidades, como as doenças do coração. Acertar os ponteiros do relógio biológico com os do tempo cronológico garante o ritmo certo para um processo de longevidade saudável. ■

longevidade

PATROCÍNIO

REDE D'OR SulAmérica



SEBASTIAN KAHNERT/PA/GETTY IMAGES

HAJA CLIQUE O ponto turístico: nem mesmo a infraestrutura historicamente maltratada espanta os visitantes

GUERRA SANTA

A queda de braço entre a Arquidiocese carioca e a União pela administração da área do Cristo gira em torno das milionárias cifras do cartão-postal mais visitado do país **LUDMILLA DE LIMA**

INAUGURADO EM 1931 sob a moldura de um Rio de Janeiro que despontava como vitrine da modernidade tropical, o Cristo Redentor não demorou a se tornar um símbolo nacional. Os números superlativos da estátua que reina sobre o Corcovado ajudam a explicar sua fama, que extrapola fronteiras: são 38 metros de concreto armado e pedra-sabão, o que faz dela o maior monumento em estilo art déco no mundo. Pois o cartão-postal mais visitado do país é também palco de uma batalha que vem se arrastando ao longo das décadas e põe em lados opostos do ringue a Arquidiocese carioca e o governo federal, representado aí pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, o ICMBio. Hoje, as duas instituições duelam por uma bolada potencialmente milionária, que vem da área no entorno da tão clicada escultura, explorada comercialmente. Nestes últimos tempos, a histórica contenda ganhou novos capítulos e envolve inclusive figurões da arena política.

O pano de fundo da renhida disputa é justamente a substancial verba já arrecadada e o que ainda pode vir da atração turística, que no ano passado recebeu 4,6 milhões de pessoas dispostas a desembolsar cerca de 120 reais pelo ingresso. O Cristo propriamente é de responsabilidade da Igreja, enquanto a vastidão em volta, em pleno Parque Nacional da Tijuca, está nas mãos do ICMBio. De parte a parte, há queixas em relação ao rateio dos recursos que afluem das catracas — a maior fatia, 137 milhões de reais, é canalizada para as concessionárias encarregadas do transporte de visitantes por trem e van. O quinhão que coube à União, 40 milhões no ano passado, é quantia essencial para irrigar os cofres do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, que mantêm 75 parques nacionais. “Os visitantes ajudam a preservar o litoral, a Amazônia, entre outros. Está aí a vantagem de um órgão federal fazer a

gestão de um lugar como esse", defende Mauro Pires, presidente do ICMBio. Uma parcela menor fica com a Arquidiocese, que em 2024 embolsou 11,4 milhões egressos da bilheteria.

Mas a briga para valer é pela administração de um naco do parque que se estende por 6700 metros quadrados, o equivalente a mísero 0,02% da reserva ambiental. Parece detalhe, mas é justamente onde ficam as instalações que dão acesso ao Cristo, uma trilha com lojinhas e lanchonetes. Ali, a Igreja já fatura alto com eventos fora dos horários de funcionamento, celebrações na capela alojada no interior da estátua e projeções de imagens que colorem o Cristo em campanhas publicitárias. O que a Arquidiocese quer é reaver 100% do controle da área, como era na prática até 1961, o ano em que o parque foi instituído. Muitos benefícios lhes foram sendo subtraídos a partir daí. Em 2021, após um processo judicial movido pelo ICMBio, um restaurante e outros pontos comerciais concedidos por décadas pelos religiosos tiveram que ser desocupados. "Até para ações rotineiras de manutenção é exigida autorização prévia da administração, situação que pode colidir com o caráter sagrado e a liberdade de culto inerentes ao local", diz a Cúria em nota a VEJA.

Os desentendimentos, que se desenrolam nos bastidores, vêm escalando em temperatura. O ICMBio considerou uma afronta, por exemplo, o pedido de fechamento do parque em pleno horário de visitação para que o cantor sertanejo Michel Teló pudesse renovar os votos com a esposa. A solicitação, em outubro passado, chegou por meio das concessionárias de transporte, mas funcionários do instituto se irritaram com a anuência da Igreja no episódio. O corpo técnico do órgão alega ainda que um dos pontos comerciais nas imediações da estátua foi "invadido" para a instalação de uma segunda capela. Também o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) vive às turras com os clérigos. Em maio, enviou-lhes uma notificação depois que um turista chileno machucou o pé em um pedestal deixado no caminho pela Igreja e uma outra exigindo a retirada de um andaime erguido ao lado do monumento tombado, já que atrapalhava a visão dos visitantes. O trambolho, após meses no local, acabou removido.


INSTAGRAM @TATAFERSOZA

PRIVADO Festa de Michel Teló lá em cima, em 2024: autorização incômoda

A Igreja, por sua vez, se queixa de "problemas crônicos" que se avolumam em pedaço tão belo da cidade, como elevadores frequentemente fora de serviço, escadas rolantes não raro inoperantes e banheiros interditados por inacreditáveis três anos. Outro ressentimento da Cúria é com o fato de não haver sinal de telefonia ou internet no alto do morro, o que freia a dinâmica de clicar e imediatamente postar — um obstáculo à maior visibilidade do monumento sob sua guarda. No santuário, comandado pelo padre Omar Raposo, a Arquidiocese reclama ainda do que vê como claro contraste entre a estátua "impecavelmente conservada" e a maltratada infraestrutura pública em volta. "Essa disparidade reforça a urgência de um novo arranjo institucional", afirmou a Igreja por meio de nota, ressaltando que não pretende rever concessões nem mudar as regras estabelecidas para a bilheteria.

Os disparos nesta disputa sem fim subiram um degrau com a morte do gaúcho Jorge Alex Duarte, em março. Ele teve um ataque cardíaco nas escadarias e demorou a ser socorrido porque o posto médico estava fechado. O ICMBio afirma que a responsabilidade por manter o local aberto era da concessionária Trem do Corcovado. Esta, por sua vez, disse que operadores do bondinho chegaram a atender o homem. O incidente logo ganhou contornos políticos. Um projeto de lei de autoria de Flávio Bolsonaro, Romário e Carlos Portinho, todos do PL do Rio, retornou à pauta, favorecendo a Arquidiocese, que nega qualquer articulação em Brasília. Sob a alegação de "má gestão", o texto retira o Alto do Corcovado da administração da União — um acerto ainda dos tempos do império, quando dom Pedro II decidiu reflorestar os morros da Tijuca. "Seria a privatização do parque", critica o deputado estadual Carlos Minc (PSB), ex-ministro do Meio Ambiente. Em uma tentativa de pôr água na fervura, a atual ocupante da pasta, Marina Silva, anunciou investimentos de 75 milhões de reais para dar um verniz às instalações e garantiu, em recente encontro com o padre Omar, "melhorar o diálogo". Que a santa paz possa reinar em tão esplendoroso cartão-postal. ■


MÁRCIO FARIAS

MEU FILHO AGORA MORA EM MIM

A atriz Ju Colombo fala da vida e da morte recente de seu caçula de 21 anos, a quilômetros de distância dela

MINHA CARREIRA na vida artística começou cedo: trabalho desde os 17 anos e tenho experiência no teatro, no cinema e na TV, passando por todas as grandes emissoras do país. Meus três filhos, então, cresceram nessa rotina, especialmente o Lucas, o caçula. Quando ele tinha 15 dias, estreei um espetáculo em São Paulo: eu o amamentava na coxia e ia fazer a cena. Ele foi habituado a conviver comigo em todos os espaços por onde eu transitava. Era um menino de características marcantes, leve e sereno. Ele tinha tudo para ser um jovem entristecido, mas não foi: além de ter sido abandonado pelo pai, que me pediu para abortálo durante a gestação, Lucas nasceu com a válvula mitral, no coração, frouxa, uma deformidade torácica chamada *pectus excavatum* e também foi diagnosticado com a síndrome de Loeys-Dietz *(doença genética que afeta o tecido conjuntivo do corpo)*. Por outro lado, teve a sorte de ter acesso ao tratamento do Hospital das Clínicas e um acompanhamento mensal. Aos 14 anos, um exame atestou que a válvula mitral dele estava estabilizada.

Com 17, ele quis estudar na Universidade Soka, nos Estados Unidos. O Lucas era responsável e me deixava tranquila. Sabia que ele estava pronto para morar fora, mas eu tinha a sensação de que ele não iria voltar. Há uns dois meses, a gente começou uma prática budista juntos, a distância. Passado um tempo, ele começou a tossir muito. Orientei que fizesse um raio X, mas imaginei que a tosse poderia estar ligada ao coração. Ele foi a uma consulta no cardiologista e descobriu que a tosse poderia ser do *pectus excavatum*, que pressionava seu pulmão, ou a mitral, e que existia a possibilidade da cirurgia. Era uma quinta-feira quando mandei uma mensagem encorajadora para ele, para que lembrasse de tudo o que já tinha superado na vida. Na madrugada de sexta, ele me respondeu agradecendo e prometeu que iria se esforçar. Nos despedimos. Às 7h30 da manhã dessa mesma sexta-feira, recebi uma ligação. Quando atendi, era uma voz masculina. Era um amigo do meu filho, que depois soube que se chamava Carlos, avisando que o Lucas tinha tido um mal súbito, foi atendido no hospital, mas não resistiu e morreu. A partir daí, eu tenho flashes. Lembro de começar a gritar e de ligar para o meu filho mais velho, Gabriel. A sensação que eu tive é de ter recebido uma descarga elétrica, que depois eu soube que foi o mesmo termo que a médica usou para definir o que ele teve: Lucas morreu em abril com uma descarga elétrica no coração.

Uma das coisas mais terríveis que eu achava que poderia acontecer na minha vida era a perda de um filho. Durante muito tempo, a questão da morte foi um mistério tenebroso. Mas com o passar do tempo me interessei em compreender qual era a visão da filosofia budista sobre vida e morte. Fui me distanciando dessa coisa cronológica de viver um dia ou 90 anos. Passei a entender que o que fica na vida é o que a gente faz. Todo o resto é transitório. Entendi que um ser humano é nobre quando ele traz qualidade de vida para o outro e o incentiva a ser o seu melhor. O Lucas era assim. A vida dele marcou pessoas do mundo todo. Eu recebo dezenas de mensagens por dia, todos os dias, das pessoas que conviveram com ele, de diferentes idades, pessoas do Brasil e de fora. São mensagens que falam das qualidades dele. Recebo fotos, textos que ele trocava com as pessoas, estimulando-as a acreditarem e seguirem seus sonhos. Eu entendi que a vida do Lucas pareceu breve, mas que ele mora na vida dessas pessoas. E eu o sinto diariamente dentro de mim. Na cerimônia de sétimo dia, fiz um pacto: prometi a ele ser a mulher mais feliz do Brasil. Logo, essa minha felicidade iria permear a felicidade dele, porque meu filho agora mora em mim. ■

Depoimento a Bárbara Bigas



AMANA IMAGES/GETTY IMAGES

SUSTO A jornada dos cetáceos encontra a rota de embarcações: batidas muitas vezes nem são percebidas a bordo

DESASTRE GIGANTESCO

Cresce a pressão por medidas para evitar colisões entre navios e baleias, cujos caminhos se cruzam quando começa a migração dos animais, um risco que chega ao Brasil **LIGIA MORAES**

É MOMENTO de celebração, mas convém cuidado. Com o início da temporada de observação das baleias jubartes no Brasil, especialmente próximo a Abrolhos, na Bahia, um problema grave e silencioso volta à tona. Esses mamíferos gigantes, que podem chegar a 16 metros de comprimento e pesar mais de 30 toneladas, começam a migrar das águas geladas da Antártica rumo ao litoral brasileiro para se reproduzir e amamentar seus filhotes. O trajeto, no entanto, é cruzado por navios de carga, cruzeiros e barcos de pesca. O resultado é trágico: pelo menos 18 000 espécimes morrem todos os anos, em média, no mundo, atropelados por embarcações (no Brasil não há estatística confiável). Como apenas uma fração dos corpos encalha na costa, o número pode ser ainda maior. A maioria afunda no oceano, sem testemunhas, porque a colisão nem sempre é percebida pela tripulação. O problema, portanto, é menos visível, mas não menos devastador.

Uma pesquisa publicada na revista *Science* mapeou as áreas mais críticas ao cruzar registros de 435 000 localizações de cetáceos com o tráfego de 176 000 embarcações rastreadas por satélite. O trecho entre a Bahia e o Rio Grande do Sul aparece entre os principais pontos de risco — justamente a rota migratória das jubartes brasileiras. As espécies mais afetadas são as de grande porte e que passam mais tempo na superfície: além da jubarte, a cachalote, a baleia-azul e baleia-fin. A má notícia: o tráfego naval quadruplicou desde os anos 1990, e a tendência é que triplique até 2050.

Embora o atropelamento seja a face mais visível da ameaça, não é a única. O barulho constante dos motores altera o comportamento dos animais, que passam a evitar regiões barulhentas — mesmo que sejam áreas funda-

mentais para se alimentar, acasalar ou parir. Estudos mostram que há formas simples de reduzir as trombadas das máquinas com os bichos. Uma das mais eficazes é diminuir a velocidade das embarcações em zonas sensíveis. Reduções de 10% na velocidade podem resultar em até 50% menos mortes. Ainda assim, apenas 6,7% das áreas críticas identificadas no mundo contam com alguma forma de gestão para proteção das baleias.

No Brasil, quase nada foi feito a respeito do problema. "Apesar de termos áreas críticas na costa, ainda não existe nenhuma regulamentação específica para proteger os animais", diz o biólogo marinho André Silva Barreto, da Universidade do Vale do Itajaí, coautor do estudo da *Science*. "Estamos muito atrasados nesse debate." Há, contudo, boas exceções. No litoral norte de São Paulo, o Porto de São Sebastião é considerado o primeiro "amigo da baleia" do país. Desde 2022, as embarcações que cruzam o canal da ilha recebem um guia com instruções para navegar com segurança durante a temporada das jubartes. A cartilha foi elaborada com apoio dos projetos Baleia Jubarte, Baleia à Vista e da ONG americana Great Whale Conservancy. Recomendações: manter o motor em ponto neutro na presença dos animais e respeitar a distância mínima de 100 metros.

Mesmo o turismo pode representar riscos se feito sem controle. Cresce a cada ano o número de operadoras que oferecem serviços de observação dos cetáceos. A curiosidade dos visitantes frequentemente os leva a se aproximar demais das baleias, ignorando as normas de controle. Durante a respiração, a baleia libera um jato de ar com gotículas carregadas de vírus e bactérias — zoonoses que podem afetar os humanos. Além disso, uma caudada inesperada pode até virar um barco pequeno.

O zelo de agora, urgente, ecoa um passado nem tão recente assim. Nos anos 1970, a campanha Save the Whales (Salve as Baleias) foi uma das primeiras a mobilizar o mundo em torno da causa ambiental. A comoção popular resultou em moratórias internacionais e levou o Brasil a proibir a caça em 1986. O efeito é visível: a população de jubartes se recuperou de forma impressionante. Estima-se que mais de 30 000 indivíduos cruzem hoje o litoral brasileiro — e não apenas na Bahia e São Paulo. Nas últimas temporadas, esses cetáceos têm sido vistos com frequência também no Espírito Santo, no Rio de Janeiro e Santa Catarina.

O retorno da população de baleias, no entanto, as expõe a novos perigos. Elas voltam a áreas que antes frequentavam, hoje dominadas pelo tráfego intenso. Como então conciliar o zelo fundamental com a fauna e o necessário transporte marítimo mundial? Com base na ciência, é preciso encontrar maneiras de fazer andar a coexistência. Para isso, será preciso mais do que tecnologia, com apoio de radares e satélites. Exige-se também uma mudança profunda na forma como se enxerga o oceano — não mais como um espaço vazio e infinito, mas como um ecossistema vivo e vulnerável, equiparável a uma floresta. É o respeito primordial para que espetáculos como o da migração das baleias possa seguir seu curso em paz — e em segurança. ■

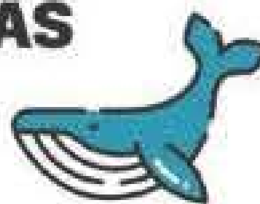


SERGIO CIPOLOTTI/PROJETO BALEIA JUBARTE

ALERTA Temporada de avistamentos na costa brasileira: jubartes são uma das espécies que mais aparecem para os turistas e, portanto, a mais ameaçada

PERIGO NO MAR

18 000 BALEIAS
MORREM TODOS OS ANOS ATROPELADAS POR NAVIOS



NO BRASIL NÃO HÁ ESTATÍSTICA ORGANIZADA E CONFIÁVEL

92%
DAS ROTAS MARÍTIMAS
COINCIDEM COM O HÁBITAT DOS MAMÍFEROS MARINHOS



Fontes: *Friend of the Sea; Science; Projeto Baleia Jubarte*


ROBERTA GEWEHR

SUSTENTÁVEL O projeto de Henrique Freneda: integração com ajuda de automação doméstica, sem desperdício

MANIFESTO VERDE

Espaços planejados de forma a harmonizar com a natureza ganham cada vez mais força, como comprova a CASACOR 2025, realizada em um parque paulistano **SIMONE BLANES**

"A ARQUITETURA é a vontade de uma época traduzida em espaço." A frase do alemão radicado nos Estados Unidos, Mies van der Rohe (1886-1969), é o mais bem acabado traço em torno de uma atividade sem a qual não haveria vida. Houve um tempo em que erguer casas e prédios era um modo de abrigar-se contra o mau humor da natureza, casulos de proteção das intempéries. Hoje, com o mundo a clamar pela sustentabilidade, o planeta em busca de socorro, trata-se de casar o lar com o ambiente ao redor, em respeito mútuo. Não é a simples possibilidade de ter plantas entre quatro paredes, mas fazer a residência conversar com a paisagem, em zelo permanente.

Eis a nova e duradoura tendência: espaços domésticos que respirem com as florestas, a luz do sol a entrar sem cerimônia e o canto dos pássaros rompendo a proteção das janelas — onde for possível, é claro, dada a expansão de metrópoles cinzentas, de planejamento urbano caótico. Há, contudo, trilhas de saudável renovação.

A 38ª edição da CASACOR, parte do portfólio da Editora Abril, que publica VEJA, é elegante registro desse momento, sediada no Parque da Água Branca, na Zona Oeste de São Paulo. Em meio às construções históricas e verde exuberante — 159 espécies de plantas e árvores, entre elas copas de pau-brasil —, foram construídos 72 ambientes de conexão com um lema: "Semear Sonhos". É ideia sobejamente alcançada. "As pessoas olham para a flora e a fauna como uma fonte de ensinamentos e resiliência sobre o momento atual de plena transição climática", diz Lívia Pedreira, curadora da CASACOR. "É resgate que nos ajuda a pavimentar o amanhã."

Tome-se, como exemplo dessa estrada, uma linda instalação logo na entrada da mostra, o *Ninho* do designer croata Marko Brajovic, uma enorme estrutura de madeira e blocos retangulares que mimetizam os galhos de uma morada de aves. "Elas são os grandes arquitetos de nosso ecossistema na Terra", diz Brajovic. Alguns passos adiante e desponta o *Jardim Espelho dos Sonhos,* da arquiteta Paula Varga. Os espelhos refletem a valsa de um grandioso pau-brasil. A silenciosa harmonia celebra o novo e o antigo, o clássico e o moderno. Outro destaque, como tapete vermelho a apresentar o conjunto de projetos: a



ROBERTA GEWEHR

DE VOLTA AO ACONCHEGO O *Ninho* de madeira de Marko Brajovic: arquitetura inspirada na morada dos pássaros

Agglomerations, da artista Bruna Mayer, no *Jardim Simbiose* do escritório Kawai, que reúne cápsulas de vidro embebidas de microrganismos recolhidos no próprio parque, e que mudam de tonalidade ao contato das mãos. É fascinante.

O espaço, contudo, que melhor ilustra a toada da CASACOR, a um só tempo de pés no chão e imensa criatividade, é a *Casa Viva,* do designer de interiores Henrique Freneda, um cubo de vidro pousado no coração da mata, em jardim projetado pelo paisagista Luciano Zanardo. O lugar é 100% sustentável e funcional, sem desperdício de energia. São apenas 30 metros quadrados, sem fronteiras entre o que há dentro e o que vive lá fora. Freneda diz ter buscado inspiração em uma estrofe da poetisa Lena Gino: "Casa arrumada é assim: um lugar organizado, limpo com espaço livre para circulação e uma boa entrada de luz". Impressiona a automação do canto, feita pela empresa Ponto On Automação, em jogo de luzes de mãos dadas com o controle ecológico. "Cuidamos para usar apenas as chamadas lâmpadas inteligentes, ideais para a preocupação com a sustentabilidade", diz Rogério Vasconcelos, da Ponto On. É a tecnologia a favor de um manifesto necessário. As aceleradas novidades de controle doméstico conversam intimamente com as imposições do presente: o que acende precisa apagar quando está vazio, o controle do ar não pode ser em vão, como em uma sinfonia ecológica bem executada.



BIA NAUIACK

ESPELHO O pau-brasil no jardim de Paula Varga: passado e presente juntos

A CASACOR, viagem dentro da maior cidade do país, como uma ilha de inteligência, transmite nítida e compulsória mensagem: a inovação atenta à natureza é o caminho para viver melhor. Não há, nesse processo, ideias vãs de outro dia mesmo, de maquiagens que sugeriam cuidado com o verde, em truque para "fazer bonito". A postura agora é outra, a de realmente costurar as pontas, o concreto, a madeira, os caules e as folhas. Como na máxima de Van der Rohe, o correto é montar espaços que combinem com os anseios de nosso tempo. É sempre bom estar atento a eles. ■



DIVULGAÇÃO

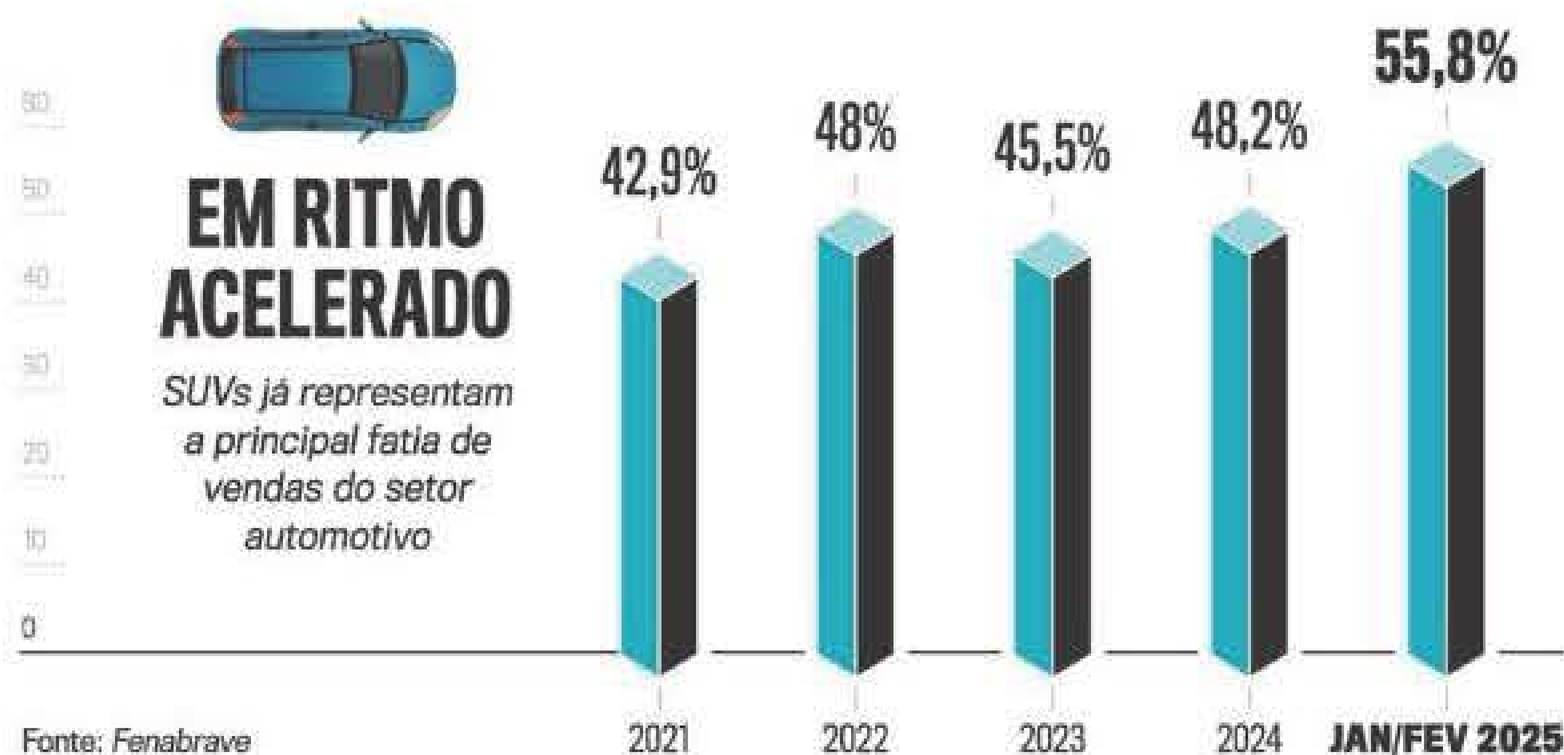
EXPECTATIVA O novo Tera, da Volkswagen: o sonho é vender tanto quanto ícones urbanos como o Fusca e o Gol

QUERO SER GRANDE

Há uma nova onda no Brasil, no vácuo do que já acontece pelo mundo: a procura por SUVs compactos, o segmento de mercado de automóveis que mais cresce **ANDRÉ SOLLITTO**

O MERCADO automotivo brasileiro vem passando por acelerada transformação nos últimos anos. O segmento dos carros populares, modelos mais simples que abriam mão de funcionalidades em nome do preço reduzido, praticamente desapareceu. Os modelos hatch, de carroceria compacta, também perderam espaço, assim como os sedãs, valorizados por quem precisava de um porta-malas grande e mais espaço para a família. De quem é a culpa no cartório da estrondosa reviravolta? Os SUVs, os utilitários esportivos que se impõem pelo tamanho. Hoje, representam mais da metade dos emplacamentos no Brasil. É tendência, a bem da verdade, global.

De forma a tentar ampliar o alcance da receita bem-sucedida, as montadoras passaram a investir em versões mais enxutas desses gigantes, criando uma nova linha de negócios: a dos chamados SUVs compactos. Os fabricantes apostam nesse contingente de carros, nem tão grandalhões no tamanho, embora possam ser exagerados no preço — não menos de 100 000 reais. O principal lançamento do momento é o Tera, da Volkswagen. "Nasce com a enorme responsabilidade de se tornar líder de vendas", disse Ciro Possobom, CEO e presidente da empresa, na apresentação do modelo. O veículo foi desenvolvido pela equipe brasileira de olho nos negócios de cá, mas atenta a oportunidades de vendas em outros países da América Latina e



até da África, onde será comercializado no futuro. Com um detalhe crucial: há embutido nele um inédito sistema de inteligência artificial, o primeiro criado por uma montadora brasileira. De acordo com as expectativas muito otimistas da marca, o Tera pode até repetir o sucesso do Fusca, que vendeu mais de 3 milhões de unidades, e mesmo do Gol, que chegou aos 7 milhões. Exageros à parte, o potencial de vendas é inegável. A comparação é com o T-Cross, primo maior e mais caro do Tera. SUV mais vendido do Brasil, o T-Cross bateu a marca de 500 000 unidades comercializadas desde seu lançamento, em 2019.

A briga principal do promissor Tera é contra outros dois modelos do segmento: o Pulse, da Fiat, e o Kardian, da Renault. Lançado em 2021, o Pulse foi o primeiro SUV da montadora italiana conhecida por seus veículos de grande volume de vendas, como o Palio, o Uno e o Argo. E o Kardian veio para substituir o Sandero, muito popular por aqui, mas também com a proposta de ser um SUV compacto. Apesar do bom pacote de tecnologias e do visual renovado, não vendeu tanto. Foram apenas 50 000 unidades, ante 150 000 do Pulse. Todos, insista-se, põem as fichas em tecnologias como telas conectadas, funções de segurança e principalmente motores turbo, mais potentes que os tradicionais aspirados, ganho de desempenho fundamental para dar agilidade aos carros nos trajetos urbanos.



DIVULGAÇÃO

FUTURO O novo Jeep Avenger: produção confirmada no Brasil em 2026

No ano que vem, outro filhote da atual onda entrará na briga. É o Avenger, menor modelo já criado pela Jeep, marca americana conhecida pelos desenhos de vocação aventureira. O Avenger já é vendido na Europa, e por lá anseia pelo topo do ranking. Em abril, ficou atrás apenas do Fiat Panda, outro compacto redesenhado recentemente.

A disputa é relevante por revelar como as categorias do mercado vão se adaptando aos tempos. Há trinta anos, SUVs eram considerados apenas por gente do campo, do agronegócio e da turma do pé na estrada. Em um movimento curioso, depois de um tempo, o mercado ganhou corpo com a adesão de compradores que passam a vida sem acionar a tração 4x4, utilizando esses carrões apenas em trajetos urbanos. Por serem veículos mais altos e robustos, conferem sensação de segurança aos motoristas e, de quebra, seduzem quem considera um status guiar um grandalhão luxuoso por aí. Os SUVs compactos crescem pegando o vácuo desse sucesso. ■



DIVULGAÇÃO

POPULAR Pulse, aposta da Fiat: mais de 150 000 unidades vendidas



IMAGNO/GETTY IMAGES

IMAGEM A personagem da Roma Antiga retratada como uma figura frívola: preconceito alimentado por um olhar machista

DEVASSA NA HISTÓRIA

Ao descolar da imperatriz romana Messalina a imagem de mulher depravada, pesquisadora britânica mostra a relevância de fugir do preconceito e do lugar-comum **ALESSANDRO GIANNINI**

O NOME MESSALINA, sinônimo quase universal de devassidão, remonta ao Império Romano. Ela foi a terceira esposa do imperador Cláudio, conhecido por expandir domínios na África e anexar a Grã-Bretanha. A má fama da imperatriz tornou-se tão repetida que seu nome virou adjetivo, carimbo pejorativo em várias línguas, incluindo o português, a ponto de batizar até motéis. Mas por que a história a julgou com tanto rigor, enquanto tiranos como seus parentes Calígula, que nomeou o cavalo Incitatus senador, ou Nero, incendiário de Roma, são lembrados pela política, em tons de crueldade, mas não pelo comportamento?

A historiadora britânica Honor Cargill-Martin ilumina essa questão no recém-lançado *Messalina: a Vida da Mulher Mais Escandalosa da Roma Antiga* (Crítica/Planeta). Doutoranda em Oxford, especialista nos humores da Roma Antiga, a pesquisadora investigou como acusações de depravação eram usadas contra mulheres da elite imperial. Messalina emergiu como o caso mais emblemático dessa prática. No entanto, ao analisar uma coleção de fontes primárias, a autora notou uma evidente dissonância entre a caricatura lasciva perpetuada até o nosso tempo e o real dia a dia da interessante figura de carne e osso.

Na verdade, Messalina desempenhou um papel oficial, dentro das administrações masculinas. Era ouvida, tinha influência. Intervinha em julgamentos e favorecia aliados. Alimentava chantagens e manipulações. Nesse aspecto, o das intrigas palacianas, fazia parte do evidente jogo sujo. A reconstrução de sua vida pública e privada, contudo, é um desafio, dada a natureza dos relatos deixados pelos historiadores Tácito, Suetônio e Dião Cássio — quase todos escritos déca-



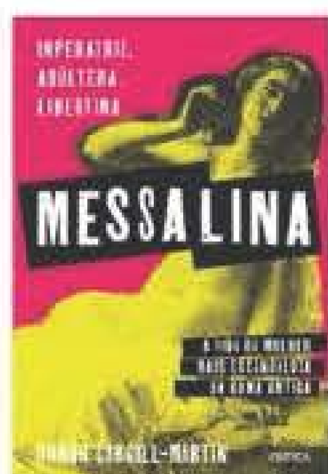
EVERETT/FOTOARENA

MANIPULADORA A atriz María Félix no papel da monarca: sexualizada

das depois da morte dela, e de evidente olhar machista. Os textos são a base do que sabemos, mas interpretar as motivações por trás dos eventos é complexo. "É um processo constante de tentar descobrir em quais partes confiar, o que questionar ou deixar de lado", diz Cargill-Martin.

De fato, estudar mulheres em Roma é desafiador, pois elas geralmente só ganharam notoriedade quando suas vidas de cruzaram com a de homens poderosos. Agripina, a mãe de Nero, era atacada por ser percebida como "masculina", por invadir um espaço considerado impróprio. Messalina, ao contrário, era desqualificada por ser "muito boba, frívola, mulher apaixonada". Essa distinção é reveladora: o poder de Agripina era visto como perigoso por mimetizar o masculino; o de Messalina era invalidado por meio de atributos "femininos" e "descontrolados", manifestos na esfera sexual — em tom que ainda ecoa, tristemente, e pede urgente revisão, como faz agora Cargill-Martin.

Embora os rótulos atrelados a Messalina persistam, a pesquisadora não nutre a ilusão de que seu livro vá alterar o curso da linguagem popular.



MESSALINA, de Honor Cargill-Martin (tradução de Ana Maria Fiorini; Crítica; 384 páginas; R$ 99,90; R$ 59,90, em e-book)



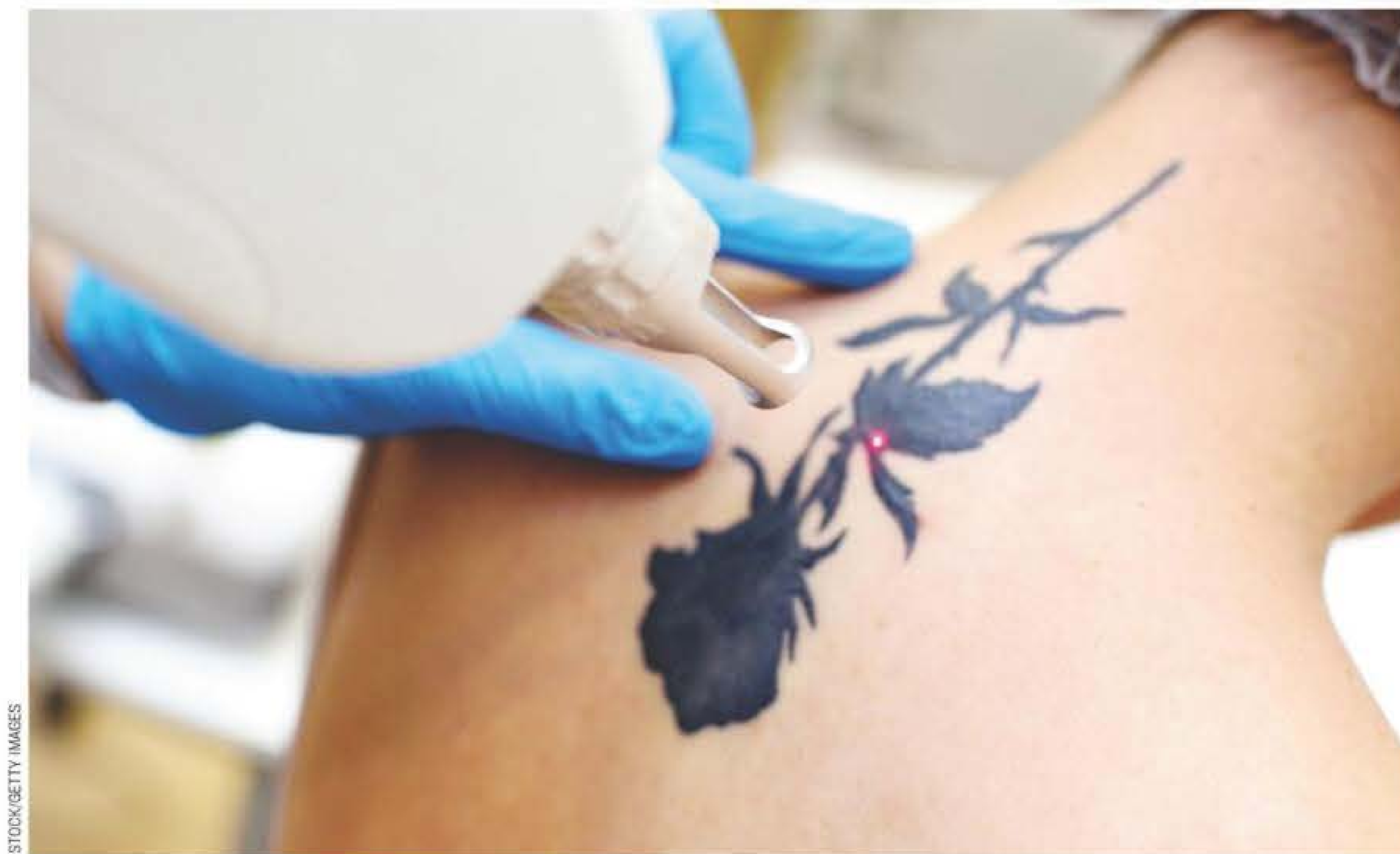
INSTAGRAM @HCARGILLMARTIN

SENSATEZ A autora Cargill-Martin: "Longe do ideal angélico perfeito"

O valor de sua pesquisa reside na conscientização sobre como e por que a imagem foi construída. Seu trabalho é um convite a lembrar que, por trás da palavra e do mito, existiu um indivíduo histórico. "Uma pessoa que viveu uma vida muito mais complexa, longe de ser o ideal angélico perfeito", diz Cargill-Martin. "Foi uma mulher de enorme impacto em sua época."

Não se trata, portanto, de negar que Messalina tenha tido amantes ou gostado de sexo. A própria autora admite que a insistência dos rumores e o fato de todas as fontes a atacarem nessa frente sugerem alguma base factual. A questão crucial é mostrar outras camadas que a tornam uma pessoa muito mais complexa em uma teia intrincada. A cultura, embebida de filmes e livros, ajudou a construir a discriminação e o exagero do lugar-comum. Retratada em filmes como *Messalina, a Imperatriz do Vício e do Pecado* (1951), no qual foi interpretada pela atriz mexicana María Félix, deu-se a explosão de uma figura ladina e melíflua. Trata-se, enfim, de celebração indevida da misoginia. O ponto: era narrativa quase sempre aceita pela sociedade, impondo às mulheres posição secundária. Os novos tempos mudaram o tom da prosa, e desconstruir o que se imaginava a respeito de Messalina é um modo de conversar com uma época de defesa da diversidade.

Longe de ser um mero conto moral, percorrer a trajetória de Messalina é um modo de defender uma ideia fundamental: é sempre bom estar atento a certezas históricas que soam como regra, especialmente no olhar retroativo da posição das mulheres. Messalina, enfim, era uma mulher de verdade, mas não como a *Amélia*, de Mário Lago, que "não tinha a menor vaidade", da linda canção de 1942, atrelada a um tempo de percepções equivocadas. Cabe agora reconstruir o passado como caminho para tornar o futuro mais justo. ■



ISTOCK/GETTY IMAGES

ENJOEI Retirada de desenhos: o processo, ainda doloroso e caro, é facilitado pelos acelerados avanços científicos

NADA É PARA SEMPRE

Com ajuda de novos recursos tecnológicos para a extração de marcas na pele, cresce o movimento de remoção de tatuagens — e adeus, eternidade **VALENTINA ROCHA**

LÁ SE VÃO 5 000 anos desde que civilizações diversas passaram a cravar tatuagens no corpo. Na Antiguidade, os símbolos permanentes viraram coqueluche. Ora funcionavam como sinal de honra, ora demarcavam as funções na escala social, como no Egito, onde guerreiros e sacerdotes exibiam cada qual um tracejado na pele. Muitos povos também lhes conferiam o poder de proteção contra espíritos malignos. Insuflados pelos ventos da modernidade, porém, os desenhos feitos para ficar se transformaram em expressão da tão cultuada individualidade. O que sobrevivia inabalável até bem pouco tempo atrás era a ideia de que se tatuar deveria ser ato revestido de certeza, já que a tentativa de apagar o pontilhado feito à base de agulhadas sempre doeu horrores, custou caro e, muitas vezes, nem sucesso se obtinha.

Pois isso está mudando, com um empurrão da tecnologia, que facilita o processo de deletar imagens da epiderme, e o impulso de uma geração que não quer saber de eternidade em nenhum setor da vida. Nos últimos tempos, o movimento em clínicas dermatológicas especializadas na retirada das *tattoos* só aumenta — algo que se reflete nas buscas do Google, onde a procura pelo termo "remoção de tatuagem" subiu 50% em um ano. Não há números oficiais sobre isso no Brasil, mas a agenda cheia em alguns dos mais respeitados estabelecimentos do gênero confirma o fenômeno. "Batemos em seis meses de 2025 o resultado de 2024", diz Gabriel Demarco, sócio de uma clínica no Rio de Janeiro.

A difusão de modernos aparelhos que elevam a eficácia e diminuem o sofrimento do paciente ajuda a atividade. Eles são capazes de disparar feixes de laser responsáveis por fragmentar os pigmentos em ínfimas partículas que são absorvidas e eliminadas pelo corpo em um trilionésimo de segundo — três vezes mais rapidamente do que uns anos atrás. "Os equipamentos de última geração são bem mais eficientes, o que resulta em menos sessões para alcançar o mesmo objetivo", diz o

dermatologista João Paulo Yamagata. Em geral, bastam de quatro a oito visitas ao consultório *versus* as mais de dez de antes. O tratamento sai a partir de 150 reais por sessão e pode variar dependendo da complexidade, do tamanho e da quantidade de cores envolvida.

A impermanência que caracteriza os jovens de hoje é fator decisivo para fazer crescer o pelotão dos arrependidos. "As novas gerações já nascem imersas em fluidez, o que torna a gravação de um desenho na pele menos relevante como símbolo de identidade", afirma o antropólogo Bernardo Conde. Recentemente, uma campanha da marca americana Reformation viralizou ao estampar uma foto do ultratatuado comediante Pete Davidson com o corpo liso. Era truque de computação, mas projetava um futuro: ele já gastou 1 milhão de reais para voltar atrás e, em breve, aparecerá como no catálogo. Dona de quinze *tattoos*, a estudante de biologia Maria Paula Vasconcelos, 22 anos, resolveu remover duas das que havia feito na adolescência. "A personalidade muda. A pessoa que tatuou um cupido aos 15 não é mais a mesma", diz.

Expressão de rebeldia no passado, a tatuagem alcançou o apogeu no início dos anos 2000 e ganhou adeptos até entre os mais conservadores. Passadas três décadas, esse contingente que não teve medo das agulhas também invade as clínicas em busca de limpar a pele. "Na escola da minha filha, as amigas perguntavam quem era o louco que vinha trazê-la", diz o funcionário público Luiz Fernando Biller, 37 anos, que tinha tatuado o rosto para disfarçar cicatrizes de acnes e agora suspira aliviado ao reaver a tez original. Com a ajuda da tecnologia, apagar as marcas do passado nunca foi tão fácil. ■



LUCILIA DINIZ

EM NOME DO RISO

O bom humor faz bem à saúde

ENTRE TODOS os animais, apenas o homem é capaz de rir, lembra Umberto Eco em sua obra maior, *O Nome da Rosa*. No romance, que trata de disputas de poder em uma abadia medieval, a maneira como cada personagem encara essa capacidade humana pode levar à sabedoria — ou à ruína. Ao ver outro dia o livro ser rapidamente mencionado, fui levada de volta à sua complexa trama. O centro do mistério é o segundo volume de *Poética*, de Aristóteles, cujo tema era a comédia. O texto do filósofo grego se perdeu, mas, na história imaginada por Eco, um raro exemplar dele está escondido numa biblioteca do mosteiro. Foi tirado de circulação por um velho monge cego, que toma para si a missão de garantir — a qualquer preço — que ele permaneça esquecido e que não se ouse louvar o riso.

A obsessão do vilão de Eco se baseia no fato de que rir nos tira o medo. Para ele, se o homem se entrega à alegria e ao humor, deixa de temer a morte — e esse destemor levaria à quebra das regras. O malvado religioso tinha razão, de certa forma. Quem há de negar que, de fato, quando nos deixamos contagiar pelo riso e mantemos uma perspectiva otimista, nos sentimos mais fortes para enfrentar as adversidades?

"Quem há de negar que, quando nos deixamos contagiar pela alegria, nos sentimos mais fortes?"

A bem da verdade, rir não é uma qualidade exclusiva do ser humano, como acreditavam os antigos citados no romance. Outros animais também o fazem — os chimpanzés, por exemplo, demonstram comportamentos similares. Mas nenhuma outra espécie consegue dar risada de forma tão variada ou significativa como nós. O que faz uma pessoa rir não é, necessariamente, a mesma coisa que leva outra às gargalhadas. Esse aspecto meio indefinido explica o fato de que, muito depois de Aristóteles, tantos filósofos, cientistas e estudiosos tenham se dedicado ao tema.

Rimos com o corpo — se alguém nos faz cócegas, por exemplo —, e há bastante pesquisa para entender por que algumas áreas geram mais essa sensação, que alguns apreciam e outros detestam. As cócegas são tão poderosas que chegaram a ser usadas como tortura na Segunda Guerra Mundial. Mas rimos também com a alma — embora não seja simples explicar o que há de tão engraçado em algo que a maioria das pessoas considera cômico, como um filme de Chaplin.

Os motivos da graça não são unânimes, mas há bastante concordância sobre seus benefícios. Em 1976, um cientista que sofria de um tipo muito doloroso de artrite descobriu que o riso espontâneo tinha efeito anestésico, ajudando a suportar as dores intensas que sentia. Segundo descreveu em um artigo para uma revista de medicina, dez minutos de risadas lhe proporcionavam duas horas de sono sem sofrimento.

De lá para cá, muitos estudos passaram a associar o riso e o humor a uma maior tolerância à dor e a impactos positivos em doenças variadas. Atividades como as dos "doutores da alegria" — grupos de comediantes que atuam em hospitais — não servem, portanto, apenas como distração. Uma revisão recente de oito pesquisas científicas concluiu que as risadas são capazes de reduzir os níveis de cortisol, o hormônio do estresse, mais do que outras atividades cotidianas. Rir, portanto, se não é o melhor remédio, é com certeza um excelente tratamento auxiliar. ■

O PAÍS DO CINEMA

As vitórias de *O Agente Secreto* no Festival de Cannes colocam o filme rumo à corrida em busca de indicações ao Oscar — e reforçam a fase de ouro da produção nacional

AMANDA CAPUANO



DIVULGAÇÃO



MIGUEL MEDINA/AFP

RECONHECIMENTO Kleber Mendonça Filho: láureas de melhor diretor e ator

O clima nos corredores do Festival de Cannes foi de celebração quando o nome de Wagner Moura foi anunciado como melhor ator por seu trabalho no filme *O Agente Secreto.* Honraria então inédita para o Brasil, o troféu foi comemorado por críticos e jornalistas de nacionalidades diversas na sala de imprensa do tradicional evento francês. Ao mesmo tempo, veio o gosto de resignação: o prêmio de Moura significava que o maior título da noite, a Palma de Ouro, e outros que ainda estavam por vir não seriam do Brasil. Isso porque o regulamento de Cannes proíbe que um filme seja premiado em mais de uma das principais categorias. As exceções são raríssimas e burocráticas. O júri precisa defender com unhas e dentes a escolha para a direção do festival antes de dar dois troféus ao mesmo filme. Por isso, foi com surpresa que até o próprio Kleber Mendonça Filho reagiu ao ser anunciado como ganhador do prêmio de melhor direção. "Eu já estava tomando champanhe", brincou ele antes do discurso. A Palma, de fato, não veio — mas a dobradinha conquistada por Moura e pelo cineasta pernambucano colocou *O Agente Secreto* no radar da crítica mundial, de outros festivais e, claro, das futuras grandes premiações — entre elas, o Oscar.

THRILLER Wagner Moura: ele ganhou prêmio inédito para o Brasil

A boa recepção do filme, um thriller de época ambientado em 1977, no Recife, onde um cientista se refugia por estar sendo perseguido, ilustra o momento de ouro pelo qual passa o cinema brasileiro — e, se tudo der certo, não será só uma fase. Uma semana antes de Walter Salles subir ao palco para receber o primeiro Oscar do país, por *Ainda Estou Aqui* — que somava três indicações, entre elas a inédita para o Brasil, de melhor filme —, o longa *O Último Azul*, dirigido por Gabriel Mascaro, com Rodrigo Santoro no elenco, conquistou o Urso de Prata do Grande Prêmio do Júri no Festival de Berlim. Em Cannes, o cinema nacional foi celebrado em eventos paralelos, entre eles um que premiou duas mulheres que se destacaram no setor: a atriz Nicole Kidman e a diretora brasiliense Marianna Brennand, nome por trás do drama *Manas*.

Ambos os títulos seriam bons concorrentes para tentar uma vaga na categoria de melhor filme internacional do Oscar, mas tirar essa oportunidade das mãos de *O Agente Secreto*



JESSICA KOURKOUNIS/APPLE TV+



A24 FILMS

VERSÁTIL Wagner Moura na série *Ladrões de Drogas (acima)* e no filme *Guerra Civil (à esq.)*: rosto conhecido

seria um erro: antes de passar pelo crivo da premiação lá fora, um filme deve ser indicado pela Academia Brasileira de Cinema para representar o país na categoria específica.

Enquanto isso não acontece, o longa e sua equipe seguem a peregrinação trilhada por Salles, Fernanda Torres e Selton Mello, que passaram meses viajando entre festivais e dando entrevistas para a imprensa mundial. O próximo destino de *O Agente Secreto*, já marcado para o começo de junho, é o Festival de Sydney, na Austrália, onde compete com *O Último Azul*. "Depois de Sydney, eu devo ir a festivais na Europa também em junho e julho", detalhou o diretor a VEJA. Mendonça Filho ressalta também estar muito envolvido com o lançamento no Brasil, que acontece no segundo semestre, começando por Recife. "O filme precisa chegar muito bem aqui e, paralelamente, tenho os compromissos internacionais com festivais que são muito importantes." O caminho é longo e segue rumo aos Estados Unidos, onde *O Agente Secreto* chega com uma vantagem que *Ainda Estou Aqui* não tinha: uma distribuidora respeitadíssima. Em Cannes, o filme de Kleber teve os direitos adquiridos pela Neon, que nos últimos anos levou ao Oscar títulos como *Parasita*, *Anatomia de uma Queda* e *Anora*, o grande vencedor deste ano. Em Hollywood, o envolvimento da Neon com um filme lhe confere um "selo de qualidade" que chama a atenção dos votantes do Oscar. "O fôlego que um filme precisa de agora até o fim de uma campanha é algo que uma distribuidora como a Neon é altamente capaz de fornecer. Então, é uma grande vitória", diz Juliana Sakae, cineasta e fundadora da Sakae PR, agência especializada em campanhas de premiações.

Outro trunfo na manga é a presença de Wagner Moura, figura já conhecida dos gringos. O ator baiano possui uma carreira internacional consolidada, que ganhou peso com a série *Narcos* (2015), da Netflix, na qual ele interpretava Pablo Escobar. De lá para cá, sua visibilidade aumentou exponencialmente: estrelou no ano passado o badalado filme *Guerra Civil*, de Alex Garland, ao lado de Kirsten Dunst, e, recentemente, lançou a série americana *Ladrões de Drogas*, da Apple TV+, dividindo cena com o indicado ao Oscar Brian Tyree Henry. Ele nem pôde receber o prêmio de Cannes em mãos, pois estava no set de um novo filme, em Londres. Em breve, Moura vai também estrear na direção em Hollywood, em um longa estrelado pela atriz americana Elisabeth Moss. O futuro parece promissor. E o Brasil, hoje, pode se gabar de ser o país do cinema. ■

Com reportagem de Mariane Morisawa, de Cannes


UNIVERSAL PICTURES

ARMAÇÃO ILIMITADA Michael Cera, Benicio Del Toro e Mia Threapleton: assassinatos e cenas de ação absurdas

CLÃ EXCÊNTRICO

No filme *O Esquema Fenício*, Wes Anderson se aventura numa trama de espionagem com seu estilo inconfundível e o séquito habitual de colaboradores famosos **THIAGO GELLI**

UM CHEFÃO do crime planeja construir uma ferrovia secreta que teria a capacidade de reorganizar a ordem mundial. Isso se ele sobreviver a uma série de tentativas de assassinato mirabolantes e a uma conspiração armada por agentes secretos. Em meio às experiências de quase morte, Zsa-zsa Korda (Benicio Del Toro) tem meros dias para assegurar seu sucesso e driblar as forças que querem vê-lo a sete palmos. A sinopse digna de um filme da saga *Missão: Impossível* ganha outra cor e embalagem nas mãos de Wes Anderson, o cineasta esquisitão e pop de Hollywood que agora se aventura no gênero de espionagem em ***O Esquema Fenício*** *(The Phoenician Scheme,* Estados Unidos/Alemanha, 2025), já em cartaz nos cinemas.

Em um meio abarrotado de filmes feitos de modo industrial, com sequências infinitas, Anderson se impôs como uma voz original e dono de uma estética particular e inconfundível. Tanto que, nas redes, vídeos gerados por inteligência artificial aplicam o "filtro Wes Anderson" em títulos como *Star Wars* e *Stranger Things*, imaginando como essas produções seriam se fossem assinadas por ele. Tais cópias, porém, apenas arranham a superfície de sua obra.

Desde seu primeiro longa, *Pura Adrenalina* (1996), Anderson lapida uma autoria metódica. Foi em 2012 que atingiu forma definitiva, ao trabalhar com o diretor de arte Adam Stockhausen no adorável *Moonrise Kingdom*. De lá para cá, seus filmes têm em comum os planos simétricos, a fotografia de tons pastéis, o roteiro com humor seco, a nostalgia pela segunda metade do século XX e o toque de sensibilidade, sem apelar para a pieguice. Dentro da beleza estética estão ponderações sobre o ofício artístico, famílias disfuncionais, amor e mortalidade. Completa essa fórmula a trupe gigantesca de atores famosos que o seguem.


DOMINIQUE CHARRIAU/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

ESTILO O diretor: originalidade e criação de uma estética particular

Anderson trabalha apenas com amigos de alto calibre, como Scarlett Johansson e Bill Murray, até o brasileiro Seu Jorge, sem esquecer de Owen Wilson, que foi seu colega de quarto e primeiro grande parceiro. Até a novata da vez, Mia Threapleton, carrega sangue azul — sua mãe é Kate Winslet. Na trama do novo filme, ela é Liesl, única filha de Zsa-zsa Korda, que a abandonou em um convento. Agora noviça, ela é afastada de Cristo para herdar o império clandestino. Em entrevista a VEJA em Cannes, a atriz de 24 anos comparou a experiência inédita a um acampamento de verão: "Fazíamos as refeições juntos e não havia trailers no set. Todo mundo era tratado como igual". Não há clã mais excêntrico — ou cobiçado — em Hollywood. ■

Com reportagem de Mariane Morisawa, de Cannes



NO TOPO DO MUNDO

O filme *Mountainhead* mostra uma reunião de CEOs da tecnologia em um retiro gelado — uma sátira ácida que culmina em uma assustadora distopia política **RAQUEL CARNEIRO**

NO ALTO de uma montanha gélida, quatro CEOs de tecnologia celebram seu lugar no topo do mundo. A brincadeira envolve condecorações simbólicas: o mais rico entre eles ganha uma coroa de louros dourada, o segundo, um quepe de capitão, e o terceiro, um chapéu de marinheiro. Para provar ainda que possuem uma masculinidade de raiz — à la grupo de machos chamados de Legendários no Brasil — eles abrem o macacão térmico laranja e deixam o peitoral à mostra no frio, anotando no corpo a fortuna de cada um. O mais pobre, coitadinho, é Souper (Jason Schwartzman), com apenas 521 milhões de dólares. Os amigos caçoam que ele ainda está na letra M. O mais abastado é Venis (Cory Michael Smith), dono de 220 bilhões. O veterano Randall (Steve Carell) ostenta 63 bi. E o caçula, Jeff (Ramy Youssef), chegou no encontro com 38 bilhões na conta, mas corrige os colegas antes de ter o número escrito no peito: ele acaba de subir para 59 bi: "As ações estão uma loucura nesse caos". Jeff se refere à bagunça instaurada longe dali, mas diretamente ligada a eles. Enquanto os rapazes se isolaram para curtir um fim de semana em uma mansão nas montanhas de Utah, lá embaixo, atentados violentos tomaram as ruas. O motivo: vídeos realistas de fake news se espalharam na rede de inteligência artificial Traam, criação de Venis, provocando uma crise mundial de ódio e instabilidade econômica e política.

Assim o roteirista e diretor inglês Jesse Armstrong dá o tom do filme



HBO

TEMA RELEVANTE
Cena de *Succession*: pesquisas da série serviram de semente para a produção

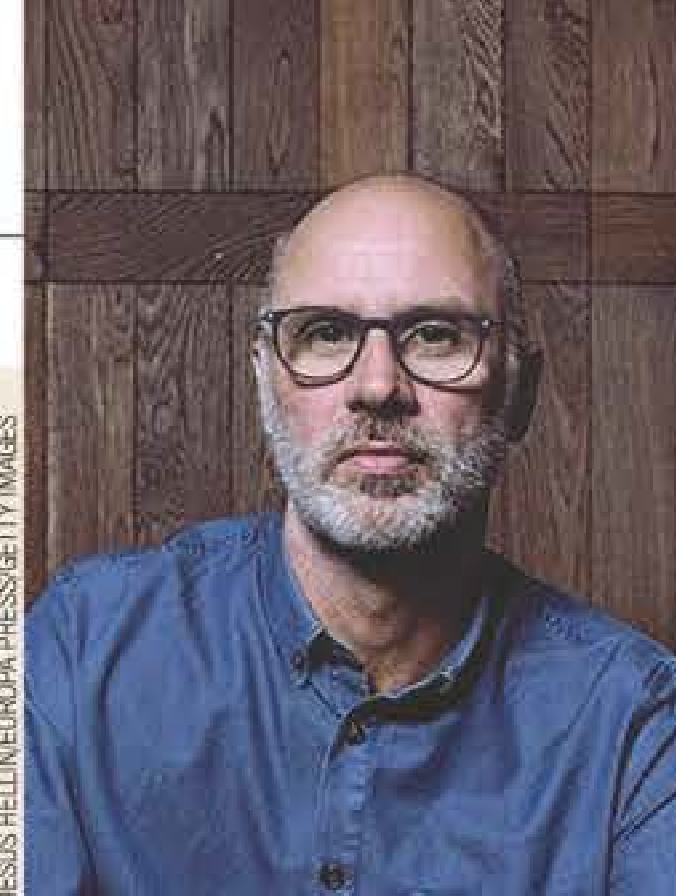

FRED HAYES/HBO

BILIONÁRIOS NO DIVÃ
Os ricaços do longa: reunião de amigos que disputam entre si quem é o dono da maior fortuna

Mountainhead, que estreia na HBO e na plataforma de streaming HBO Max no sábado, 31, às 21h. Criador da excelente série *Succession*, também exibida pela HBO, entre 2018 e 2023, Armstrong desenvolveu um interesse particular e uma expertise quase involuntária no universo paralelo dos super-ricos. Tanto que, apenas dois anos após o fim do drama, mesmo querendo se distanciar do tema, ele sentiu a urgência de rodar esse filme, uma sátira ácida que dialoga com o mundo de hoje. "*Succession* era sobre o poder e o legado da velha mídia. Este filme é sobre o poder que domina nossas vidas agora, que vem das pessoas que controlam as redes sociais", disse Armstrong a VEJA *(leia a entrevista no quadro ao lado)*.

A semente para *Mountainhead* germinou da pesquisa do diretor para a criação do personagem Lukas Matsson, vivido por Alexander Skarsgård em *Succession*, dono de uma empresa de tecnologia que entra na briga para comprar os canais de TV e jornais impressos da família Roy. Pesquisa, aliás, é a palavra de ordem de Armstrong ao entrar no reduto dos bilionários. Ele recrutou para o filme boa parte da equipe da série, da consultoria financeira a especialistas de tecnologia e designers de estilo e ambientação, para manter seus personagens o mais verossímeis possível. Ajuda muito o fato de que, ao contrário dos super-ricos do passado, que prezavam pela discrição, os magnatas de hoje são um tanto exibidos e se valem dos canais abertos de comunicação para expor sua visão de mundo. A exemplo de Elon Musk, que comprou o Twitter, o chamou de X e fez da plataforma um canal para destilar opiniões controversas — e ajudar a eleger seu presidente preferido, Donald Trump.

Musk assim como Mark Zuckerberg, criador do Facebook, Larry Ellison, fundador da Oracle, e Sam Altman, CEO da OpenAI, serviram de inspiração para os quatro personagens do filme. O mais próximo de Musk é Venis, um gênio da computação sem noção ou empatia. Egocêntrico, Randall está com câncer e só pensa na possibilidade de transferir sua consciência para um computador — ele também não gosta nada de ter sido passado para trás pelos concorrentes mais jovens. Souper é um oportunista. Já Jeff tenta ser honesto e fazer o certo defendendo sua criação, uma inteligência artificial anti-fake news. Mas nem adianta acender vela para esse santo: no fundo, ele é farinha do mesmo saco dos colegas. Enquanto economias entram em colapso e centenas de pessoas morrem, o quarteto vê no caos uma oportunidade: e se eles, com o poder que têm em mãos, tomassem de vez e oficialmente as rédeas do mundo? A ideia absurda se revela possível. Assim o especialista em ricaços deixa um novo alerta: o que parece só risível pode se tornar uma perigosa distopia. ■


JESUS HELLIN/EUROPA PRESS/GETTY IMAGES

EXPOSIÇÃO O diretor: "Essa galera vive hoje em podcasts"

ESPECIALISTA EM AMBIÇÃO E PODER

Jesse Armstrong fala a VEJA dos desafios de escrever tramas sobre os bilionários dos dias atuais.

Como compara *Succession* com *Mountainhead*? *Succession* era sobre o poder e o legado da velha mídia. O filme é sobre o poder que domina nossas vidas agora, que vem das pessoas que controlam as redes sociais. Elas não saíam da minha cabeça, então tive que escrever esse roteiro.

Como assim? Para *Succession*, eu li muitas biografias e matérias sobre o Vale do Silício. Achei interessante que, ao contrário dos magnatas do passado, como J.P. Morgan ou os Rockefellers, que eram inacessíveis, essa galera agora vive em podcasts, dão palestras. Eles precisam bancar suas ideias e defender que suas empresas estão mudando o mundo.

Diria que se tornou um especialista em bilionários? Eu me sinto mais como um jornalista. Para escrever sobre algo, é preciso pesquisar bastante, ouvir especialistas, e é isso que eu faço. Não entro em questões técnicas muito difíceis. Eu não sei como é ser um bilionário, mas sei escrever e essa é a minha ferramenta.

FEMME FATALE

Com *Bailarina*, a cubana Ana de Armas assume o protagonismo de Keanu Reeves na franquia de ação *John Wick* e prova, de novo, seu apetite por papéis de damas poderosas em Hollywood **KELLY MIYASHIRO**

NA INFÂNCIA, Ana de Armas tinha poucas opções de entretenimento. Nascida em Havana, mas criada na cidade de Santa Cruz del Norte, a 50 quilômetros da capital de Cuba, a garota brincava com vizinhos nas ruas de pedras, onde corria descalça, e assistia aos dois canais de TV que tinha disponíveis. Ela agilizava as lições da escola e as tarefas domésticas para ver filmes e novelas e, com o tempo, passou a memorizar as falas dos atores e a repeti-las na frente ao espelho. Aos 13 anos, estava decidida: queria ser atriz e sabia que precisaria ralar muito para chegar a algum lugar. O esforço valeu a pena. Hoje, aos 37 anos, vivendo nos Estados Unidos, Ana é estrela cativa de Hollywood e acaba de adicionar mais um papel de destaque a seu já robusto currículo, a perigosa Eve do filme ***Bailarina — Do Universo de John Wick*** (*Ballerina*, Estados Unidos, 2025), que estreia na quarta-feira, dia 4, nos cinemas. Como diz o título, a trama derivada dos frenéticos filmes de ação estrelados por Keanu Reeves vira a câmera para outra personagem, uma dançarina que se torna assassina para vingar a morte do pai.

Da terra de Fidel Castro ao posto de "nova John Wick", a trajetória de Ana foi repleta de percalços. No caminho, ela se amparou em sua principal característica — nem se trata de sua beleza notável e estonteante. Ana é extremamente dedicada. Sua lista de aprendizados para cada filme é longa, e passa da capacidade para emular pessoas reais e de aprender outra língua à perfeição até intensos treinos físicos para cenas de luta. Como seu antecessor na saga, a cubana dispensou o uso de dublês em *Bailarina* e fez treinos físicos intensos para dar conta das inúmeras sequências de ação que o filme exige. "Tinha um limite do que eu poderia fazer por causa do contrato da seguradora contra acidentes no set", disse Ana em entrevista a VEJA. "Mas tentei fazer o máximo que deu, até porque eu não treinei por quatro meses para ficar sentada olhando."

Filha de um professor e de uma gestora de recursos humanos, Ana Celia de Armas Caso começou a estudar atuação na Escola Nacional de Teatro de Cuba aos 14 anos. Aos 18, conseguiu seu primeiro papel no filme cubano *Una Rosa de Francia* (2006). Após outro longa rodado em sua terra natal, a estreante deu um passo maior no ano seguinte: se mudou para Madri, na Espanha, onde entrou para a série teen *El Internado* (2007-2010). Ela trabalhou em outros filmes e novelas por lá antes de redobrar a aposta em seu talento e se mudar para Los Angeles em busca do reconhecimento mundial. Em 2014, com 26 anos e sem falar inglês direito, aterrissou na Califórnia e estreou


LIONSGATE

PERIGOSA Ana de Armas como Eve: assassina implacável que busca vingar a morte do pai


NETFLIX

DRAMA Como Marilyn Monroe no filme *Blonde:* indicada ao Oscar pelo papel

no cinema americano no filme *Bata Antes de Entrar* (2015), suspense protagonizado por (vejam só!) Keanu Reeves. O sonho realizado veio com um balde de água fria: o longa foi um fracasso de crítica e de bilheteria.

Poderia ser o fim da carreira internacional de Ana, mas a experiência serviu para que ela se esforçasse mais — e aprendesse com fluidez a língua inglesa. As portas, então, foram se abrindo. Ela embarcou na comédia *Cães de Guerra* (2016) e fez a inteligência artificial que tem uma relação amorosa com Ryan Gosling em *Blade Runner 2049* (2017). O sucesso mesmo veio a galope com o filme *Entre Facas e Segredos* (2019), um mistério da linha *whodunnit* repleto de estrelas consolidadas como Daniel Craig, Chris Evans e Toni Colette. Interpretando uma enfermeira cuidadosa, não deixou nada a desejar diante dos colegas calejados — tanto que conquistou uma indicação ao Globo de Ouro. Craig fez questão de puxar a cubana para a saga de James Bond, na qual ela roubou a cena em uma pequena, mas poderosa, participação especial como uma agente secreta que bota para quebrar em *007 — Sem Tempo para Morrer* (2021). "Foram noites de ensaio chuvosas e cansativas, mas eu me diverti", afirma ela, lembrando as filmagens. No ano seguinte, surpreendeu ao encarnar ninguém menos que Marilyn Monroe no filme *Blonde,* da Netflix. Ana não era a opção óbvia para o papel — afinal, Marilyn era americana e não latina. A atriz, contudo, superou a barreira étnica com uma atuação brilhante e tornou palatável o filme sofrível, o que resultou em sua primeira disputa por um Oscar.

Como toda grande estrela, especialmente uma de genética tão agraciada, Ana entrou na mira dos tabloides e dos paparazzi, que se deliciam com os romances da atriz. Após um namoro com Ben Affleck, ela estaria no momento com o galã Tom Cruise, de 63 anos. Os dois, em breve, estarão juntos em um novo filme. A parceria promete, já que o astro americano adora desafiar a gravidade em cenas de ação — e vai encontrar em Ana uma parceira à altura. Ninguém segura a nova femme fatale do cinema. ■


UNIVERSAL PICTURES

BOND GIRL Com Daniel Craig: atriz roubou a cena no filme do 007

CINEMA

CONFINADO ***(Locked,* Estados Unidos, 2025. Em cartaz nos cinemas)**

Desesperado para conseguir os 500 dólares que lhe faltam para consertar sua van, com a qual sustenta a si e à filha, Eddie (Bill Skarsgård) recorre a qualquer bico, rifa de loteria e, por fim, ao crime — que lhe parece muito fácil ao esbarrar em uma SUV luxuosa destrancada em um estacionamento pacato. Uma vez dentro do carro, porém, o ladrão não consegue mais sair. O automóvel lustroso é, na verdade, uma armadilha controlada remotamente por um magnata vingativo que, anos antes, perdeu a filha em um latrocínio e agora tem como missão de vida punir os detratores da sociedade. Ao longo de horas que se tornam dias, a jaula de quatro portas vira palco de uma tensa disputa de classes elevada pelo talento do protagonista e do algoz, interpretado principalmente pela voz por Anthony Hopkins.



ALTA TENSÃO Bill Skarsgård: roubo fácil se revela armadilha em filme com Anthony Hopkins como algoz



JUSTIN DOWNING/NETFLIX

DRAMA POLICIAL Matthew Goode na série: o perigo de reabrir casos antigos

TELEVISÃO

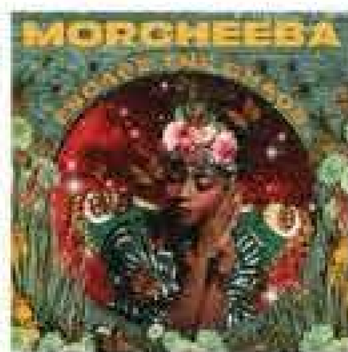
DEPT. Q **(disponível na Netflix)**

O detetive Carl (Matthew Goode) é do tipo competente, mas um tanto desagradável — e ficou ainda mais arisco ao carregar a culpa pela morte de um colega. Quando a comandante da polícia é obrigada a criar um departamento de menor importância, ela logo coloca Carl como responsável e o enxota para um escritório no subsolo da delegacia. A função quase simbólica é analisar casos antigos sem solução — e, de cara, ele cutuca um vespeiro perigoso. Ambientada em Edimburgo, na Escócia, a trama de suspense é criação de Scott Frank, nome por trás das ótimas minisséries *Godless* e *O Gambito da Rainha*, inspirada nos livros do autor Jussi Adler-Olsen.



DIAMOND FILMS

DISCO



ESCAPE THE CHAOS

Morcheeba (disponível nas plataformas de streaming)

Os irmãos britânicos Paul e Ross Godfrey e a cantora Skye Edwards dominaram as paradas pop dos anos 1990 com um novo ritmo, o trip-hop. Com a aposentadoria de Paul, o agora duo retorna em grande estilo, com mais sintetizadores e guitarras em canções reflexivas, mas, nem por isso, menos dançantes. Sem reinventar a roda, a dupla acerta com a classuda e sexy *Call for Love*, que abre o disco com um recado para os apaixonados. A voz aveludada e levemente rouca de Skye se destaca em faixas como *Molten* e *Elephant Clouds*. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO



1. **IMPERFEITOS** — Christina Lauren [1 | 36#] FARO EDITORIAL
2. **VERITY** — Colleen Hoover [2 | 159#] GALERA RECORD
3. **JANTAR SECRETO** — Raphael Montes [3 | 15#] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **NOITES BRANCAS** — Fiódor Dostoiévski [0 | 1] EDITORA 34
5. **TUDO É RIO** — Carla Madeira [4 | 131#] RECORD
6. **A CABEÇA DO SANTO** — Socorro Acioli [6 | 8#] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE** — Matt Haig [0 | 144#] BERTRAND BRASIL
8. **A HIPÓTESE DO AMOR** — Ali Hazelwood [0 | 34#] ARQUEIRO
9. **A PACIENTE SILENCIOSA** — Alex Michaelides [7 | 48#] RECORD
10. **UMA VIDA PEQUENA** — Hanya Yanagihara [0 | 3#] RECORD

NÃO FICÇÃO



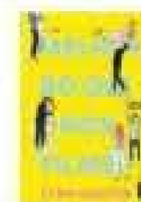
1. **A GERAÇÃO ANSIOSA** — Jonathan Haidt [2 | 31#] COMPANHIA DAS LETRAS
2. **DE VOLTA AO JOGO** — Arianne Abdallah [1 | 2] PORTFOLIO PENGUIN
3. **O ANIMAL SOCIAL** — Joshua Aronson [4 | 15#] GOYA
4. **NEXUS** — Yuval Noah Harari [5 | 29#] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **NAÇÃO DOPAMINA** — Dra. Anna Lembke [3 | 87#] VESTÍGIO
6. **A ARTE DA GUERRA** — Sun Tzu [9 | 136#] VÁRIAS EDITORAS
7. **O POBRE DE DIREITA** — Jessé Souza [0 | 15#] CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
8. **A PRATELEIRA DO AMOR** — Valeska Zanello [0 | 8#] APPRIS
9. **BIBLIOTECA ESTOICA – GRANDES MESTRES** — Vários autores [6 | 53#] CAMELOT
10. **AUTISMO – UM OLHAR A 360º** — Tatiana Serra [0 | 1] LITERARE BOOKS INTERNATIONAL

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1. **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER** — Ana Claudia Quintana Arantes [5 | 24#] SEXTANTE
2. **HÁBITOS ATÔMICOS** — James Clear [4 | 93#] ALTA LIFE
3. **AS COISAS QUE VOCÊ SÓ VÊ QUANDO DESACELERA** — Haemin Sunim [2 | 16#] SEXTANTE
4. **AS 48 LEIS DO PODER** — Robert Greene [6 | 63#] ROCCO
5. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** — Napoleon Hill [7 | 275#] CITADEL
6. **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS** — Dale Carnegie [1 | 161#] SEXTANTE
7. **ZONA DESCONFORTO** — Brunno Falcão [0 | 1] GENTE
8. **EM BUSCA DE SENTIDO** — Viktor Frankl [0 | 2#] VOZES
9. **PAI RICO, PAI POBRE** — Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [0 | 123#] ALTA BOOKS
10. **ESSENCIALISMO** — Greg McKeown [0 | 43#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL



1. **MELHOR DO QUE NOS FILMES** — Lynn Painter [1 | 49#] INTRÍNSECA
2. **NÃO É COMO NOS FILMES** — Lynn Painter [2 | 13#] INTRÍNSECA
3. **O PEQUENO PRÍNCIPE** — Antoine de Saint-Exupéry [3 | 467#] VÁRIAS EDITORAS
4. **ASSISTENTE DO VILÃO** — Hannah Nicole Maehrer [4 | 13#] ALT
5. **AMANHECER NA COLHEITA** — Suzanne Collins [0 | 9#] ROCCO
6. **ASAS RELUZENTES** — Allison Saft [5 | 7#] UNIVERSO DOS LIVROS
7. **APRENDIZ DO VILÃO** — Hannah Nicole Maehrer [6 | 8#] ALT
8. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** — J.K. Rowling [9 | 464#] ROCCO
9. **CORALINE** — Neil Gaiman [8 | 96#] INTRÍNSECA
10. **UM INTERCÂMBIO QUASE PERFEITO** — Mih Tanino [10 | 9] MAQUINARIA EDITORIAL

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Algo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **Internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas



JOSÉ CASADO

TIRO NO PÉ

— POIS NÃO, babaca. Quem falou aí? Paulo Fernando dos Santos, 65 anos, advogado de formação, mais conhecido como Paulão do PT, de Alagoas, não gostou da interrupção do discurso na tribuna da Câmara.

— Fui eu — respondeu Gilvan Aguiar Costa, 46 anos, policial federal eleito como Gilvan da Federal pelo Partido Liberal do Espírito Santo.

— Obrigado, babaca. Você tem de aprender o que é democracia… — devolveu o petista.

— Babaca é você — cortou Gilvan. — Eu tenho nojo, eu tenho asco de vocês da esquerda, do PT e do PSOL.

Um deputado desfilava no salão equilibrando na cabeça um velho exemplar encadernado da *Bíblia*. Manoel Isidorio de Santana Junior, 60 anos, eleito pelo Avante da Bahia, é um policial militar que se diz um “ex-gay” convertido em pastor evangélico.

No corredor central, João Chrisóstomo de Moura, 63 anos, coronel do Exército na reserva eleito pelo PL de Rondônia, usava o microfone para reafirmar a própria virilidade, acompanhado pela câmera do telefone de um assessor:

— Eu sou machão, eu sou machão… Olhem bem, vocês da esquerda, cuidado quando falarem contra mim, eu sou machão, sou indígena, sou filho de tukano, com “k”, e sou brabo mesmo.

Cenas assim agora são rotineiras nos plenários da Câmara e do Senado, transformados em estúdios de produção do marketing parlamentar voltado às redes sociais. Dissipa-se a essência do debate legislativo numa atmosfera desatinada, onde o novo normal é abjurar a civilidade e a regra básica é o desrespeito irrestrito aos adversários.

A culpa, em parte, é dos chefes do Legislativo, que relutam na aplicação das regras de ordem e decoro parlamentar. Caso exemplar foi a emboscada no Senado contra Marina Silva, ministra do Meio Ambiente.

Ela já havia sido atacada pelo senador Plínio Valério, do PSDB do Amazonas, que não gostou de suas propostas sobre a política ambiental, apresentadas numa reunião do Senado:

— Imagine o que é tolerar a Marina seis horas e dez minutos sem enforcá-la.

“Motta e Alcolumbre são lenientes com a delinquência parlamentar”

A truculência motivou queixas no plenário, nove semanas atrás. Davi Alcolumbre, presidente do Senado, contemporizou. Discursou sobre as próprias divergências com a ministra sobre exigências ambientais para prospecções da Petrobras no litoral do seu estado, o Amapá. E relativizou a “brincadeira” sobre enforcamento do “meu irmão” e “meu amigo”, que é líder do PSDB no Senado: — Tenho certeza absoluta de que o nosso querido senador Plínio Valério vai rapidamente pedir desculpas e recompor essa fala infeliz em relação à ministra.

Valério foi ao microfone, desafiador: — Se você perguntar: “Faria de novo?”. Não. “Mas se arrepende?” Não, foi uma brincadeira (…). Eu passei seis horas e dez minutos tratando-a com decência. Por ser mulher, por ser ministra, por ser negra, por ser frágil, foi tratada com toda a delicadeza, ela sabe disso. Acusar-me de machismo é até engraçado.

A senadora Eliziane Gama, do PSD do Maranhão, interveio: — Eu peço a você que peça desculpas à Marina.

Valério insistiu:

— Mas de quê? De quê?

Leila Barros, do PDT do Distrito Federal, se exasperou: — O que nós vivemos hoje é a banalização da forma de tratamento com relação à mulher. E esta Casa tem que dar o exemplo, a gente tem que dar o exemplo.

Do fundo do plenário veio um grito de Marcio Bittar, do União Brasil do Acre, que defendia Valério:

— A gente, não!

Leila Barros devolveu em voz alta:

— A gente, sim! Você está defendendo, passando a mão na cabeça dele e achando normal, está defendendo. Vamos parar de justificar um comportamento inaceitável — inaceitável! Não dá mais para aceitar isso.

A aversão às mulheres na política tem sido constante na retórica legislativa. A leniência com agressores também. Em março, ao criticar comentários machistas de Lula numa reunião com os presidentes do Senado e da Câmara, o deputado Gustavo Gayer, do Partido Liberal de Goiás, chafurdou no grotesco ao falar sobre a ministra Gleisi Hoffmann, das Relações Institucionais.

O presidente do Senado protestou em público e anunciou processo por falta de decoro. Talvez tenha esquecido, porque quase três meses depois o Conselho de Ética ainda não recebeu nenhuma queixa sua contra o deputado Gayer. Também não há registro de pedido de sanção feito pelo presidente da Câmara, Hugo Motta.

A leniência de Motta e Alcolumbre com a delinquência parlamentar é tiro no pé porque a anarquia corrói a credibilidade institucional. E uma das consequências inevitáveis da degradação é a liquefação do poder dos chefes do Legislativo. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

boa forma & life mix

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.







APROVEITE AGORA!



/LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional

NCL NORWEGIAN CRUISE LINE®

Sinta-se livre para experimentar MAIS



Escolha entre 21 navios contemporâneos para mais de 400 destinos pelo mundo

Ao passar as férias com a Norwegian Cruise Line, sempre há mais para experimentar.

Você pode explorar destinos icônicos ao redor do mundo, saborear uma gastronomia de classe mundial em nossos restaurantes de especialidade, relaxar em nosso spa premiado ou acelerar nas únicas pistas de kart em alto-mar.
Aqui, todos podem ter as melhores férias da vida.

experimente **MAIS** *no mar*™

Para saber mais, entre em contato pelo **(11) 3177-3137**, acesse **ncl.com.br** ou consulte seu agente de viagens.



Escaneie o QR code para acessar nossas **ofertas!**



Norwegian Encore®, The Waterfront



Norwegian Viva®, Santorini



Norwegian Prima®, Vibe Beach Club

©2025 NCL Corporation Ltd. Ships' Registry: Bahamas and USA.2418402 05/25